

GEORGES SIMENON



COMPANHIA DAS LETRAS

O cachorro amarelo

COMISSÁRIO MAIGRET



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

**"Quando o mundo estiver
unido na busca do**

**conhecimento, e não mais
lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade
poderá enfim evoluir a um
novo nível."**



“O maior de todos, o romancista mais genuíno que já existiu.”

ANDRÉ GIDE

“Adoro ler Simenon. Ele me faz pensar em Tchékhov.”

WILLIAM FAULKNER

*“Soberbo... O mais viciante dos escritores...
Um contador de histórias singular.”*

THE OBSERVER

“Intenso, implacável, brilhante.”

JOHN GRAY

*“Um dos maiores escritores do século XX...
Simenon era inigualável na capacidade de nos fazer olhar para dentro,
embora sua habilidade fosse disfarçada pela maestria em nos manter
obsessivamente absorvidos por suas histórias.”*

THE GUARDIAN

“Um escritor supremo... Vivacidade inesquecível.”

THE INDEPENDENT

*“Um escritor maravilhoso... admiravelmente fluente — lúcido,
simples, absolutamente afinado com o mundo que criava.”*

P. D. JAMES

*“Um escritor maravilhoso... admiravelmente fluente — lúcido,
simples, absolutamente afinado com o mundo que criava.”*

MURIEL SPARK

“Seus romances são extraordinárias obras-primas do século XX.”

JOHN BANVILLE

Georges Joseph Christian Simenon nasceu em 12 de fevereiro de 1903 em Liège, na Bélgica. Começou a trabalhar para um jornal local aos dezesseis anos. Aos dezenove, embarcou para Paris a fim de dar início à carreira de romancista. Começou a publicar histórias, sob vários pseudônimos, em 1923. Escreveu 75 romances e 28 contos protagonizados pelo comissário Maigret.

O total de sua produção ultrapassa os quatrocentos livros, entre os quais estão os famosos “romances duros”, reputados entre os de maior densidade psicológica da literatura europeia. O realismo sombrio de seus textos fez dele um dos autores mais adaptados para o cinema e a TV.

Faleceu em 1989, em Lausanne, na Suíça, onde passou a maior parte da vida.

GEORGES SIMENON

O cachorro amarelo

Tradução

Eduardo Brandão



Sumário

1. O cão sem dono
2. O doutor de chinelo
3. O medo reina em Concarneau
4. Posto de Comando do Exército
5. O homem do Cabélou
6. Um covarde
7. O casal da vela
8. Mais um!
9. A caixa das conchas
10. A bela Emma
11. O medo

1. O cão sem dono

Sexta-feira, 7 de novembro. Concarneau está deserta. O relógio luminoso da cidade velha, que se avista acima das muralhas, marca cinco para as onze. A maré está cheia e uma tempestade de sudoeste faz as embarcações no porto se entrechocarem. O vento se engolfa nas ruas, onde às vezes se veem pedaços de papel voar disparados rente ao chão.

Cais de Aiguillon, não há uma só luz. Tudo está fechado. Todo mundo dorme. Somente as três janelas do Hôtel de l'Amiral, na esquina da praça com o cais, ainda estão iluminadas.

Elas não estão com os contraventos postos, mesmo assim as silhuetas mal se deixam adivinhar através de suas vidraças esverdeadas. O guarda alfandegário de prontidão, encolhido na sua guarita a menos de cem metros, inveja as pessoas atardadas no café.

Em frente a ele, na bacia do porto, um navio de pequeno curso, que de tarde veio se pôr ao abrigo. Ninguém no convés. As polias rangem e uma vela mal amarrada estala ao vento. Ouve-se o barulho contínuo da ressaca e um clique do relógio que vai soar as onze.

A porta do Hôtel de l'Amiral se abre. Aparece um homem, que continua a falar um instante por seu vão com as pessoas que ficaram dentro. A tempestade o abocanha, agita as abas do seu capote, levanta seu chapéu-coco, que ele agarra a tempo e segura na cabeça enquanto avança.

Mesmo de longe, sente-se que está um pouco alegre, mal parando em cima das pernas, e que tiritita de frio. O guarda alfandegário o segue com os

olhos, sorri quando o homem cisma de acender um charuto. Porque começa uma luta cômica entre o bêbado, o capote que o vento quer lhe tomar e o chapéu que foge ao longo da calçada.

Dez fósforos se apagam.

E o homem de chapéu-coco avista uma entrada de dois degraus, abriga-se nela, inclina-se. Um clarão tremula, brevíssimo. O fumante vacila, se agarra à maçaneta da porta.

O guarda alfandegário não terá percebido um ruído estranho à tempestade? Não tem certeza. Primeiro ri, vendo o noctâmbulo perder o equilíbrio, dar vários passos para trás, tão inclinado que sua pose é inacreditável.

Desaba no chão, na beira da calçada, a cabeça na lama da sarjeta. O guarda bate as mãos nos flancos para aquecê-las, observa com mau humor a vela cujos estalidos o irritam.

Um minuto, dois minutos se passam. Nova olhada para o bêbado, que não se mexeu. Mas um cachorro, vindo sabe-se lá de onde, está ali, farejando-o.

— Foi só nesse momento que tive a sensação de ter acontecido alguma coisa — dirá o guarda, durante a investigação.

As idas e vindas que sucederam essa cena são mais difíceis de estabelecer numa ordem cronológica rigorosa. O guarda alfandegário se dirige até o homem caído, um tanto apreensivo com a presença do cachorro, um bichão amarelo com cara de poucos amigos. Há um lampião a gás a oito metros dali. Primeiro o agente não vê nada de anormal. Depois percebe um buraco no sobretudo do beerrão, e desse buraco escorre um líquido espesso.

Corre então para o Hôtel de l'Amiral. O café está quase vazio. Acotovelada na caixa, uma garçonete. A uma mesa de mármore dois homens terminam seus charutos, recostados na cadeira, pernas esticadas.

— Depressa! Um crime... não sei...

O guarda se volta. O cachorro amarelo entrou atrás dele e se deitou aos pés da garçonete.

Há uma hesitação, um vago pavor no ar.

— O amigo de vocês, que acaba de sair...

Instantes depois, são três a se debruçar sobre o corpo, que não mudou de lugar. A prefeitura, onde fica o posto policial, fica a dois passos. O guarda alfandegário prefere tomar providências. Precipita-se para lá, ofegante, depois se debruça na campainha de um médico.

E repete, sem conseguir se livrar daquela visão:

— Ele vacilou para trás, como um bêbado, e deu pelo menos uns três passos assim...

Cinco pessoas... seis... sete... E as janelas que se abrem aqui e ali, cochichos.

O médico, ajoelhado na lama, declara:

— Uma bala disparada à queima-roupa, no meio da barriga. Tem de ser operado com urgência. Telefonem ao hospital!

Todo mundo reconheceu o ferido. O sr. Mostaguen, principal negociante de vinhos de Concarneau, um bom gorducho que só tem amigos.

Os dois policiais fardados — um não achou o quepe — não sabem por onde começar a investigação.

Alguém fala, o sr. Le Pommeret, que por sua aparência e sua voz logo se vê que é uma pessoa importante.

— Jogamos cartas juntos, no Café de l'Amiral, com Servières e o dr. Michoux. O doutor saiu antes, faz uma meia hora. Mostaguen, que tem medo da mulher, nos deixou quando deu onze horas.

Incidente tragicômico. Todos escutam o sr. Le Pommeret. Esquecem o ferido. E não é que ele abre os olhos, tenta se levantar, murmura com uma voz espantada, tão suave, tão delicada, que a garçonete solta uma risada nervosa:

— O que foi?

Mas um espasmo o sacode. Seus lábios se agitam. Os músculos do rosto se contraem enquanto o médico prepara a seringa para dar uma injeção.

O cachorro amarelo circula por entre as pernas. Alguém se espanta.

— Vocês conhecem este cachorro?

— Nunca vi...

— Na certa é de algum barco.

Na atmosfera de drama, o cachorro tem algo de inquietante. Quem sabe por sua cor, de um amarelo sujo. Tem patas compridas, é magérrimo, e sua enorme cabeça lembra ao mesmo tempo o mastim e o dogue alemão.

A cinco metros do grupo, os policiais interrogam o guarda alfandegário, única testemunha do acontecimento.

Examinam a entrada de dois degraus. É a entrada de uma grande casa burguesa, cujas janelas estão fechadas. À direita da porta, o aviso de um tabelião anuncia o leilão do imóvel no dia 18 de novembro: *Avaliação: Oitenta mil francos.*

Um guarda-civil tenteia em vão por um bom tempo forçar a fechadura, e é o dono da oficina vizinha que a arromba com uma chave de fenda.

A ambulância chega. Içam o sr. Mostaguen a uma maca. Os curiosos não têm mais o que fazer, senão contemplar a casa vazia.

Está desabitada faz um ano. No corredor reina um pesado cheiro de pólvora e de tabaco. Uma lanterna ilumina, nas lajotas do chão, cinzas de cigarro e vestígios de lama que provam que alguém ficou bastante tempo espreitando atrás da porta.

Um homem, vestindo apenas um sobretudo por cima do pijama, diz à sua mulher:

— Vamos! Não há mais nada a ver. Ficaremos sabendo do resto amanhã, pelo jornal. O sr. Servières está aí.

Servières é um personagem pequeno, gordinho, de paletó bege-claro, que estava com o sr. Le Pommeret no Hôtel de l'Amiral. É redator do *Le Phare*

de Brest, onde entre outras coisas publica aos domingos uma crônica humorística.

Toma notas, dá indicações, quando não ordens, aos dois policiais.

As portas que se abrem para o corredor estão trancadas à chave. A dos fundos, que dá acesso a um jardim, está aberta. O jardim é cercado por um muro que não tem um metro e meio de altura. Do outro lado do muro, fica uma ruela que dá no cais de Aiguillon.

— O assassino saiu por ali! — anuncia Jean Servières.

Foi no dia seguinte que Maigret fez como pôde esse resumo dos acontecimentos. Fora destacado havia um mês para a Brigada Móvel de Rennes, onde certos serviços precisavam ser reorganizados. Havia recebido um telefonema alarmado do prefeito de Concarneau.

Chegara a essa cidade em companhia de Leroy, um inspetor com quem nunca trabalhara.

A tempestade não havia cessado. As borrascas rebentavam sobre a cidade grossas nuvens que desabavam em chuva glacial. Nenhuma embarcação saía do porto, e falavam de um vapor em dificuldade ao largo das ilhas Glénan.

Maigret se instalou, naturalmente, no Hôtel de l'Amiral, que é o melhor da cidade. Eram cinco da tarde, e a noite acabava de cair quando entrou no café, uma sala comprida, um bocado soturna, de assoalho acinzentado coberto de serragem, mesas de mármore, que as vidraças verdes das janelas entristecem ainda mais.

Várias mesas estavam ocupadas. Mas ao primeiro olhar se reconhecia a dos habitués, os clientes sérios, cuja conversa os outros procuravam ouvir.

Alguém se levantou, aliás, dessa mesa, um homem de rosto abonecado, olhos redondos, lábios sorridentes.

— Comissário Maigret? Meu amigo prefeito me avisou da sua chegada. Ouvi falar bastante do senhor. Permita-me que me apresente. Jean Servières. Hum! O senhor é de Paris, não é? Eu também! Fui por muitos anos diretor do *La Vache Rousse*, em Montmartre. Colaborei para o *Le Petit Parisien*, o *Excelsior*, *La Dépêche*... Conheci intimamente um dos seus chefes, o querido Bertrand, que se aposentou ano passado e foi ficar de papo para o ar em Nièvre. E eu fiz como ele! Por assim dizer, me retirei da vida pública. Colaboro, para me distrair, no *Le Phare de Brest*.

Saltitava, gesticulava.

— Venha, vou lhe apresentar nossa mesa. Os últimos bons-vivants de Concarneau. Este é Le Pommeret, ganhão impenitente, rentista profissional e vice-cônsul da Dinamarca.

O homem que se levantou e estendeu a mão vestia-se como um fidalgo da roça: calça de montar axadrezada, perneiras justas, sem um pingo de lama, gravata plastron de piquê branco. Tinha belos bigodes prateados, cabelos bem alisados, uma tez clara e bochechas ornadas pela acne.

— É um prazer, comissário.

E Jean Servières continuava:

— O dr. Michoux, filho do ex-deputado. Aliás, de médico só tem o diploma, pois nunca exerceu. Vai ver que acabará lhe vendendo um lote. É dono do mais bonito loteamento de Concarneau, talvez até da Bretanha.

Uma mão fria. Um rosto anguloso, nariz enviesado. Cabelos ruivos já raros, embora o doutor não tivesse trinta e cinco anos.

— Toma alguma coisa?

Enquanto isso, o inspetor Leroy tinha ido fazer contatos na prefeitura e na gendarmaria.

Havia na atmosfera do café algo cinzento, de sombrio, sem que se pudesse especificar o quê. Por uma porta aberta, podia-se ver a sala de refeições, onde moças de traje bretão punham as mesas para o jantar.

O olhar de Maigret pousou num cachorro amarelo, deitado ao pé da caixa. Ergueu os olhos, percebeu uma saia preta, um avental branco, um rosto sem graça e, no entanto, tão cativante que, durante a conversa que se seguiu, não parou de observá-lo.

Toda vez que virava a cabeça, aliás, era a garçonete que cravava nele seu olhar febril.

— O coitado do Mostaguen, que é a melhor pessoa da terra, à parte o fato de morrer de medo da mulher, quase foi desta para a melhor. Seria capaz de apostar que se trata de uma piada de mau gosto.

Era Jean Servières que falava. Le Pommeret chamou familiarmente:

— Emma!

E a garçonete se aproximou.

— Sim? O que deseja tomar?

Havia dois copos pela metade na mesa.

— É hora do aperitivo! — observou o jornalista. — Em outras palavras, é hora do Pernod. Traga uns Pernods, Emma. Não é, comissário?

O dr. Michoux fitava sua abotoadura com um ar absorto.

— Quem podia prever que Mostaguen pararia na entrada daquela casa para acender o charuto? — prosseguia a voz sonora de Servières. — Ninguém, não é mesmo? Ora, Le Pommeret e eu moramos do outro lado da cidade! Nunca passamos pela casa vazia. Naquela hora só havia nós três andando pelas ruas. Mostaguen não é pessoa que tenha inimigos. É o que chamamos de um bom sujeito. Um homem cuja única ambição é ganhar um dia a medalha da Legião de Honra.

— A cirurgia foi bem-sucedida?

— Ele vai se recuperar. O mais engraçado é que sua mulher fez a maior cena no hospital, porque está persuadida de que se trata de uma história de amor! Já imaginaram? O coitado não ousaria nem sequer acariciar sua datilógrafa, por medo das complicações!

— Dose dupla! — disse Le Pommeret à garçonete que servia a imitação de absinto. — Traga gelo, Emma.

Alguns clientes saíram, porque estava na hora do jantar. Uma ventania penetrou pela porta aberta, fez as toalhas da sala de refeições tremularem.

— Leiam o artigo que escrevi sobre o caso e em que creio ter estudado todas as hipóteses. Somente uma é plausível: é que estamos em presença de um louco. Por exemplo, nós, que conhecemos a cidade inteira, não conseguimos ver quem possa ter perdido a razão. Estamos aqui todas as noites. Às vezes o prefeito vem se juntar a nós. Ou Mostaguen. Ou então vamos buscar, para um bridge, o relojoeiro, que mora a umas poucas casas daqui.

— E o cachorro?

O jornalista esboçou um gesto de ignorância.

— Ninguém sabe de onde saiu. Por um instante acreditamos ser do barco que chegou ontem. O *Sainte-Marie*. Parece que não. Ele tem um cachorro a bordo, mas é um terra-nova, e desafio qualquer um a dizer de que raça é esse bicho horroroso!

Enquanto falava, pegou uma garrafa d'água, verteu um pouco no copo de Maigret.

— Faz tempo que a garçonete está aqui? — perguntou o comissário a meia-voz.

— Anos...

— Ela não saiu, ontem à noite?

— Não se mexeu. Esperava que fôssemos embora para ir dormir. Le Pommeret e eu evocávamos velhas lembranças, lembranças dos bons tempos, quando éramos bastante bonitos para conseguir mulheres sem precisar pagar. Não é, Le Pommeret? Ele não diz nada! Quando o senhor o conhecer melhor vai ver que, quando se trata de mulheres, ele é capaz de passar a noite toda... Sabe como chamamos a casa em que ele mora, defronte ao mercado de peixes? A casa das torpezas. Hum!

— À sua saúde, comissário — brindou, não sem um certo incômodo, àquele de quem falavam.

Maigret notou no mesmo instante que o dr. Michoux, que tinha dificuldade de abrir a boca, se inclinava para olhar seu copo em transparência. Sua testa estava franzida. Seu rosto, naturalmente descorado, tinha um semblante de visível aflição.

— Um instante! — soltou de repente, depois de muito hesitar.

Aproximou o copo das narinas, mergulhou nele um dedo em que tocou com a ponta da língua. Servières deu uma gargalhada.

— Essa é boa! Ele está se deixando aterrorizar com a história do Mostaguen.

— E? — perguntou Maigret.

— Acho que é melhor não beber. Emma! Vá dizer ao farmacêutico do lado para vir já para cá. Mesmo se estiver jantando.

Aquilo esfriou o ambiente. A sala pareceu mais vazia, ainda mais soturna. Le Pommeret puxou os bigodes nervosamente. O próprio jornalista se remexeu na cadeira.

— Em que está pensando?

O doutor estava sombrio. Continuava olhando fixo para seu copo. Levantou e pegou ele mesmo na prateleira a garrafa de Pernod, manejou-a contra a luz, e Maigret distinguiu dois ou três grãosinhos brancos boiando no líquido.

A garçonete voltou, seguida pelo farmacêutico, que estava de boca cheia.

— Kerdivon, você tem de analisar imediatamente o conteúdo desta garrafa e dos copos.

— Hoje?

— Agora mesmo!

— Que reação devo experimentar? Em que está pensando?

Maigret nunca vira a sombra pálida do medo despontar tão rápido. Alguns instantes haviam bastado. Todo calor havia desaparecido dos olhares, e a

acne parecia artificial nas bochechas de Le Pommeret.

A garçonete tinha se acotovelado na caixa e molhava o grafite de um lápis para alinhar alguns números num caderno com capa de tecido encerado preto.

— Você está louco! — tentou proferir Servières.

Soou falso. O farmacêutico estava com a garrafa numa mão, um copo na outra.

— Estricnina — soprou o doutor.

Empurrou o outro porta afora, voltou, cabisbaixo, a tez amarelada.

— O que o faz pensar? — começou Maigret.

— Não sei. Um acaso. Vi um grão de pó branco no meu copo. O cheiro me pareceu esquisito.

— Autossugestão coletiva — afirmou o jornalista. — Se contar isso amanhã no meu jornal, é a ruína de todos os botecos da região do Finistère.

— Os senhores sempre bebem Pernod?

— Todas as noites, antes do jantar. Emma está tão acostumada que traz a garrafa assim que constata que nosso copo está vazio. Temos nossos costumes. Mais tarde, é a vez do Calvados.

Maigret foi até a prateleira das bebidas, avistou uma garrafa de Calvados.

— Deste não! A garrafa barriguda.

Pegou-o, manejou-o contra a luz, percebeu alguns grãos de pó branco. Mas não disse nada. Não precisava. Os outros tinham entendido.

O inspetor Leroy entrou, anunciou com uma voz indiferente:

— A gendarmaria não notou nada de suspeito. Nenhum vagabundo rondando por aí. Não entendem.

Espantou-se com o silêncio que reinava, com a angústia compacta que estrangulava a garganta. A fumaça de tabaco se estendia em torno das lâmpadas elétricas. A mesa de bilhar mostrava seu pano esverdeado, parecendo grama cortada. Havia tocos de cigarro no chão, assim como algumas cusparadas na serragem.

— Sete, e vai um... — soletrava Emma, molhando a ponta do lápis.

E, erguendo a cabeça, gritou para dentro:

— Já vou, senhora!

Maigret enchia o cachimbo. O dr. Michoux fixava obstinadamente o chão e seu nariz parecia mais enviesado que antes. O calçado de Le Pommeret brilhava como se nunca tivessem servido para andar. Jean Servières de vez em quando erguia os ombros, discutindo consigo mesmo.

Todos os olhares se voltaram para o farmacêutico, quando voltou com a garrafa e um copo vazio.

Havia corrido. Estava ofegante. À porta, deu um pontapé no vazio para escorraçar alguma coisa, grunhiu:

— Cachorro nojento!

E, mal entrou no café:

— É uma brincadeira, não? Ninguém bebeu?

— E então?

— Estricnina, sim! Devem ter posto na garrafa há no máximo meia hora.

Olhou aterrorizado para os copos ainda cheios, para os cinco homens silenciosos.

— Que significa isso? É incrível! Tenho o direito de saber! Esta noite, tentam matar um homem ao lado de casa. E hoje...

Maigret pegou a garrafa em suas mãos. Emma voltava, indiferente, mostrava acima da caixa seu rosto comprido de olhos cavos, lábios finos, seus cabelos mal penteados em que a touca bretã caía sempre para a esquerda, embora ela a pusesse no lugar a cada instante.

Le Pommeret ia e vinha a passos largos contemplando os reflexos de seus calçados. Jean Servières, imóvel, olhava fixamente para os copos e de repente estrondeou com uma voz que um soluço de pavor abafava:

— Com mil trovões!

O doutor encolhia os ombros.

2. O doutor de chinelo

O inspetor Leroy, que tinha vinte e cinco anos, parecia mais o que se chama um rapaz bem-criado do que um inspetor de polícia.

Saíra da escola. Era seu primeiro caso e fazia alguns instantes que observava Maigret com um ar desconsolado, tentando atrair discretamente sua atenção. Acabou por lhe sussurrar, enrubescendo:

— Desculpe, comissário. É que as digitais...

Deve ter pensado que seu chefe era da velha escola e ignorava o valor das investigações científicas, porque Maigret, dando uma baforada em seu cachimbo, soltou:

— Se me fizer essa gentileza...

Não viram mais o inspetor Leroy, que levou com precaução a garrafa e os copos para o quarto e passou a noite confeccionando uma embalagem modelo, cujo esquema trazia no bolso, estudada para enviar os objetos sem apagar as digitais.

Maigret tinha se sentado num canto do café. O hoteleiro, de avental branco e chapéu de mestre-cuca, olhava para seu estabelecimento como se tivesse sido devastado por um ciclone.

O farmacêutico havia falado. Ouviam-se as pessoas cochichando do lado de fora. Jean Servières, primeiro de todos, pôs o chapéu na cabeça.

— Já passou da hora. Sou casado, e a sra. Servières me espera. Até já, comissário.

Le Pommeret interrompeu seu vaivém.

— Espere! Também vou jantar. Você fica, Michoux?

O doutor respondeu com um simples dar de ombros. O farmacêutico fazia questão de desempenhar um papel de destaque. Maigret ouviu-o dizer ao hoteleiro:

— É preciso, claro, analisar o conteúdo de todas as garrafas. Como tem aqui alguém da polícia, basta ele me ordenar a fazê-lo.

Havia mais de sessenta garrafas de aperitivos diversos e de licores na prateleira.

— O que acha, comissário?

— É uma ideia. Sim, talvez seja prudente.

O farmacêutico era pequeno, magro e nervoso. Agitava-se três vezes mais do que o necessário. Tiveram de buscar para ele um cesto para as garrafas. Depois telefonou a um café da cidade velha para que fossem dizer a seu ajudante que precisava dele.

Sem chapéu, fez cinco ou seis vezes o percurso do Hôtel de l'Amiral à sua loja, atarefado, mas encontrando tempo para dizer algumas palavras aos curiosos agrupados na calçada.

— Que vai ser de mim, se levarem todas as minhas bebidas? — gemia o hoteleiro. — E ninguém pensa em comer! Não vai jantar, comissário? E o senhor, doutor? Vai para casa?

— Não. Minha mãe está em Paris. A empregada está de folga.

— Vai dormir aqui, então?

Chovia. As ruas estavam cheias de uma lama escura. O vento agitava as persianas do primeiro andar. Maigret havia jantado no salão, não longe da mesa em que o doutor tinha se instalado, fúnebre.

Através dos vidros verdes, adivinhavam-se lá fora caras curiosas que, às vezes, se colavam às vidraças. A garçonete se ausentou por uma meia hora,

o tempo de, por sua vez, jantar. Depois voltou a seu lugar habitual, à direita da caixa, o cotovelo apoiado nesta, uma toalha na mão.

— Me traga uma garrafa de cerveja — disse Maigret.

Sentiu muito bem que o doutor o observava enquanto bebia e logo depois, como para adivinhar os sintomas do envenenamento.

Jean Servières não voltou, como havia anunciado. Le Pommeret também não. De modo que o café ficou deserto, porque as pessoas preferiam não entrar e, principalmente, não beber. Do lado de fora afirmavam que todas as garrafas estavam envenenadas.

— Dava para matar a cidade inteira!

O prefeito, da sua casa na praia de Sables Blancs, telefonou para saber direito o que estava acontecendo. Depois foi o silêncio soturno. O dr. Michoux, num canto, folheava os jornais sem lê-los. A garçonete não se mexia. Maigret fumava, plácido, e de vez em quando o hoteleiro vinha se assegurar com uma olhadela que não ocorrera um novo drama.

Ouvia-se o relógio da cidade soar as horas e as meias horas. Os passos e os conciliábulos cessaram na calçada, e não houve mais nada além do queixume monótono do vento, a chuva que batia nas vidraças.

— O senhor dorme aqui? — perguntou Maigret ao doutor.

O silêncio era tal que o simples fato de falar em voz alta criou certo incômodo.

— Sim. Acontece. Vivo com minha mãe, a três quilômetros da cidade. Uma casa enorme. Minha mãe foi passar uns dias em Paris, e a empregada tirou folga para ir ao casamento do irmão.

Levantou-se, hesitou, disse apressadamente:

— Boa noite.

E desapareceu na escada. Ouviram-no tirando os sapatos, no primeiro andar, bem acima da cabeça de Maigret. Só ficaram no café a garçonete e o comissário.

— Venha cá! — disse a ela, recostando-se na cadeira.

E acrescentou, vendo-a permanecer de pé numa atitude afetada:

— Sente-se. Qual a sua idade?

— Vinte e quatro anos.

Havia nela uma humildade exagerada. Seus olhos cansados, sua maneira de se movimentar sem fazer barulho, sem bater em nada, de tremer inquieta à menor palavra, encaixavam bem na ideia que se faz da serviçal acostuada a todas as durezas. No entanto sentia-se debaixo dessas aparências como que umas pontas de orgulho que ela se esforçava para não deixar transparecer.

Era anêmica. Seu peito liso não era feito para atiçar a sensualidade. No entanto, ela atraía, porque havia algo de nebuloso nela, de desanimado, de doentio.

— O que você fazia antes de trabalhar aqui?

— Sou órfã. Meu pai e meu irmão morreram no mar, no *Trois Mages*. Minha mãe já tinha morrido muito tempo atrás. Antes fui balconista da papelaria da Place de la Poste.

O que o olhar inquieto dela buscava?

— Tem um amante?

Ela virou a cabeça sem dizer nada, e Maigret, olhos cravados no rosto da moça, fumou mais lentamente, tomou um gole de cerveja.

— Deve haver clientes que cortejam você. Os que estavam aqui até há pouco eram habitués. Vêm todas as noites. Gostam de moças bonitas. E então, qual deles?

Mais pálida, ela articulou com uma cara entediada:

— O doutor, principalmente.

— Você é amante dele?

Ela o fitou com veleidades de confiança.

— Ele tem outras. Às vezes eu, quando lhe dá na telha. Dorme aqui. Diz para eu ir encontrá-lo em seu quarto.

Raras vezes Maigret havia ouvido uma confissão tão fria.

— Ele te dá alguma coisa?

— Dá... Nem sempre. Duas ou três vezes, quando é meu dia de folga, ele me faz ir à casa dele. Anteontem mesmo. Aproveita que a mãe está viajando. Mas tem outras garotas.

— E o sr. Le Pommeret?

— A mesma coisa. Só que fui à casa dele apenas uma vez, faz muito tempo. Estava lá uma operária da fábrica de sardinhas e... e eu não quis. Cada semana eles têm uma.

— O sr. Servières também?

— Não é a mesma coisa. Ele é casado. Parece que vai farrear em Brest. Aqui, ele se contenta em fazer gracinhas, me beliscar quando passo...

Continuava a chover. Ao longe, ululava o apito de nevoeiro de um navio que devia estar procurando a entrada do porto.

— E o ano todo é assim?

— O ano todo, não. No inverno, só tem eles. Às vezes tomam alguma coisa com um caixeiro-viajante. Mas no verão tem bastante gente. O hotel lota. De noite, são sempre uns dez ou quinze tomando champanhe ou farreando nas casas de campo. Tem automóveis, mulheres bonitas. Temos bastante trabalho. No verão, não sou eu que sirvo, são garçons. Aí, eu fico embaixo, lavando a louça.

O que será que ela procurava ao redor? Estava mal sentada na borda da cadeira e parecia prestes a se levantar de supetão.

Soou uma campainha aguda. Ela olhou para Maigret, depois para o quadro elétrico dos quartos, situado atrás da caixa.

— Com licença.

Subiu. O comissário ouviu passos, um murmúrio confuso de vozes no andar de cima, no quarto do doutor.

O farmacêutico entrou, meio embriagado.

— Pronto, comissário. Quarenta e oito garrafas analisadas. E, falando sério, garanto! Nenhum sinal de veneno, salvo no Pernod e no Calvados. O

dono pode mandar buscar seu material. Me diga uma coisa, cá entre nós, qual é a sua opinião? Anarquistas, não é?

Emma voltou, saiu à rua para pôr os contraventos nas janelas, esperava poder fechar logo.

— E então? — fez Maigret quando ficaram novamente a sós.

Ela virou a cabeça sem responder, com um pudor inesperado, e o comissário teve a impressão de que se forçasse um pouco ela se desmancharia em lágrimas.

— Boa noite, menina — disse a ela.

Quando o comissário desceu, pensava ser o primeiro de pé, a tal ponto o céu estava enegrecido pelas nuvens. Da sua janela, havia percebido o porto deserto, onde um guindaste solitário descarregava a areia de um barco. Nas ruas, alguns guarda-chuvas, capas fugindo rente às casas.

Na metade da escada cruzou com um caixeiro-viajante que chegava e cuja mala era trazida por um carregador.

Emma varria a sala do térreo. Numa mesa de mármore, havia uma xícara em que estagnava um fundo de café.

— É do meu inspetor? — indagou Maigret.

— Já faz tempo que me perguntou o caminho da estação, para levar um pacote volumoso.

— E o doutor?

— Subi seu café da manhã. Está doente. Não quer sair.

E a vassoura continuava a levantar poeira misturada com serragem.

— O senhor vai tomar o quê?

— Café preto.

Ela teve de passar bem junto dele para chegar à cozinha. Nesse momento, ele pegou os ombros da moça com suas mãos grandes, fitou-a nos olhos, de uma maneira ao mesmo tempo rude e cordial.

— Escute aqui, Emma...

Ela esboçou apenas um movimento tímido para se soltar, permaneceu imóvel, trêmula, fazendo-se o menor possível.

— Cá entre nós, hein, o que você sabe? Cale a boca! Vai mentir! Você é uma pobre mocinha e não estou a fim de te arranjar aborrecimentos. Olhe para mim. A garrafa... hein? Agora fale.

— Juro...

— Não precisa jurar.

— Não fui eu!

— Eu sei, ora essa, que não foi você. Mas quem foi?

As pálpebras se incharam de repente. Lágrimas escorreram. O lábio inferior se ergueu espasmodicamente, e a garçonete, assim, era tão comovente que Maigret parou de segurá-la.

— O doutor... naquela noite?

— Não! Não é o que o senhor está pensando.

— O que ele queria?

— Ele me perguntou a mesma coisa que o senhor. Me ameaçou. Queria que eu lhe dissesse quem mexeu na garrafa. Quase bateu em mim. Mas eu não sei! Pela memória da minha mãe, juro que...

— Traga meu café.

Eram oito da manhã. Maigret foi comprar tabaco, deu uma volta pela cidade. Quando voltou, o doutor estava no café, de chinelo, um lenço no pescoço à guisa de colarinho postiço. Os traços do semblante estavam marcados, seus cabelos ruivos mal penteados.

— Parece que não está se sentindo bem.

— Estou doente. Devia esperar por isso. São os rins. Qualquer coisinha que me acontece, uma contrariedade, uma emoção, é assim que se traduz. Não preguei os olhos a noite toda.

Não desgrudava a vista da porta.

— Não vai voltar para casa?

— Não tem ninguém lá. Estou mais bem cuidado aqui.

Tinha mandado comprar todos os jornais da manhã, que estavam em cima da mesa.

— Não viu meus amigos? Servières? Le Pommeret? Engraçado eles não terem vindo saber das novidades.

— Na certa ainda estão dormindo — suspirou Maigret. — Aliás! Não vi aquele cachorro amarelo horroroso. Emma! Você viu o cachorro? Não? Lá vem o Leroy, vai ver que topou com ele na rua. Novidades, Leroy?

— As garrafas e os copos foram despachados para o laboratório. Passei pela gendarmaria, pela prefeitura. Estavam falando do cachorro, não é? Parece que um camponês o viu esta manhã no jardim do sr. Michoux.

— No meu jardim?

O doutor tinha se levantado. Suas mãos pálidas tremiam.

— O que ele fazia no meu jardim?

— Pelo que me disseram, estava deitado na entrada da casa e, quando o camponês se aproximou, ele rosnou tão feio que o homem preferiu cair fora.

Maigret observava os rostos com o canto dos olhos.

— Doutor, que tal darmos um pulo à sua casa?

Um sorriso forçado:

— Debaixo desta chuva? Com minha crise? Isso me custaria pelo menos oito dias de cama. Dane-se esse cachorro. Um simples cão vadio, sem dúvida.

Maigret pôs o chapéu, o sobretudo.

— Aonde vai?

— Não sei. Respirar ar fresco. Vem comigo, Leroy?

Quando saíram, ainda puderam ver a cara comprida do doutor que os vidros deformavam, alongavam ainda mais e lhe davam uma tez esverdeada.

— Aonde vamos? — perguntou o inspetor.

Maigret deu de ombros, vagou uns quinze minutos em torno das bacias do porto, como alguém que se interessa por barcos. Chegando perto do molhe, virou à direita, pegou um caminho que uma placa indicava como sendo a estrada de Sables Blancs.

— Se tivéssemos analisado as cinzas de cigarro encontradas no corredor da casa vazia... — começou Leroy, depois de dar uma tossidela.

— O que acha de Emma? — interrompeu Maigret.

— A... acho... a dificuldade, a meu ver, principalmente num lugar como este, em que todo mundo se conhece, deve ser conseguir tamanha quantidade de estriknina.

— Não foi o que perguntei. Por exemplo, você gostaria de ter um caso com ela?

O coitado do inspetor não soube o que responder. E Maigret obrigou-o a parar e a abrir o sobretudo, para que pudesse acender o cachimbo ao abrigo do vento.

A praia de Sables Blancs, margeada por algumas casas e, entre elas, uma suntuosa morada que mereceria o nome de castelo, pertencente ao prefeito da cidade, se estende entre duas pontas rochosas, a três quilômetros de Concarneau.

Maigret e seu companheiro chapinharam na areia coberta de algas, mal olharam para as casas vazias, com contraventos nas janelas.

Além da praia, o terreno se eleva. Rochedos a pique coroados de pinheiros mergulham no mar.

Um grande painel: *Loteamento de Sables Blancs*. Um mapa, com os lotes já vendidos e os disponíveis em cores diferentes. Um quiosque de madeira: *Escritório de venda dos terrenos*.

Enfim a menção: *Em caso de ausência, dirigir-se ao sr. Ernest Michoux, administrador*.

No verão, tudo aquilo devia ser alegre, pintado de novo. Na chuva e na lama, na barulhada do mar, era um tanto ou quanto sinistro.

No centro, uma grande casa, nova, de pedras cinzentas, com terraço, lago e canteiros ainda sem flores.

Mais longe, esboços de outras casas: algumas paredes surgindo do chão e já desenhando os cômodos.

Faltavam vidros no quiosque. Montes de areia esperavam para ser estendidos na nova estrada, que um rolo compressor obstruía em parte. No alto da falésia, um hotel, ou antes, um futuro hotel inacabado, com paredes de um branco cru, janelas fechadas com tábuas e papelão.

Maigret adiantou-se tranquilamente, empurrou a cancela que dava acesso à casa do dr. Michoux. Quando chegou à entrada e estendeu a mão para a maçaneta, o inspetor Leroy murmurou:

— Não temos mandado. Não acha que...

Mais uma vez, seu chefe deu de ombros. Nas alamedas, viam-se marcas profundas deixadas pelas patas do cachorro amarelo. Havia outras pegadas: a de pés enormes, calçando botas com pregos. Quarenta e seis, pelo menos!

A maçaneta girou. A porta se abriu como que por encanto e puderam reconhecer no tapete as mesmas marcas lamacentas: as do cachorro e as das tais botas.

A casa, de uma arquitetura complicada, era mobiliada de forma pretensiosa. Eram cantinhos por toda parte, com sofás, estantes baixas, camas-armário bretãs transformadas em cristaleiras, mesinhas turcas ou chinesas. Muitos tapetes, cortinados.

A vontade manifesta de realizar, com coisas antigas, um conjunto rústico-moderno.

Algumas paisagens bretãs. Nus assinados, com dedicatória: *Ao amigo Michoux*, ou mesmo, *Ao amigo dos artistas*.

O comissário espiava aquele bricabraque com um ar mal-humorado, enquanto o inspetor Leroy se deixava impressionar por aquela falsa

elegância.

Maigret abria as portas, dava uma olhada nos quartos. Alguns não estavam mobiliados. O gesso das paredes quase não estava seco.

Acabou empurrando uma porta com o pé e emitiu um murmúrio de satisfação ao ver a cozinha. Na mesa de madeira branca, havia duas garrafas de Bordeaux vazias.

Uma dezena de latas de conserva tinham sido grosseiramente abertas com uma faca qualquer. A mesa estava suja, engordurada. Alguém tinha comido, direto das latas, arenque ao vinho branco, cassoulet frio, cogumelos e damasco.

O chão estava manchado. Caídos nele, restos de carne. Uma garrafa de conhaque jazia quebrada, e o cheiro de álcool se misturava ao dos alimentos.

Maigret olhou para o colega com um sorriso esquisito.

— Acha, Leroy, que foi o doutor que fez esta refeição porca?

E como o outro, estupefato, não respondia:

— A mãe dele também não, espero. Nem mesmo a empregada! Olhe, você que gosta de vestígios. Na verdade são crostas de lama desenhando um solado. Quarenta e cinco ou quarenta e seis. E as pegadas do cachorro!

Encheu de novo o cachimbo, pegou fósforos numa prateleira.

— Recolha tudo o que encontrar aqui dentro para análise. Trabalho não vai te faltar! Até já.

E se foi, as mãos nos bolsos, a gola do sobretudo levantada, pela praia de Sables Blancs.

Quando entrou no Hôtel de l'Amiral, a primeira pessoa que percebeu foi, em seu canto, o dr. Michoux, sempre de chinelo, barba por fazer, lenço no pescoço.

Le Pommeret, tão arrumado quanto na véspera, estava sentado ao lado dele, e os dois deixaram o comissário se aproximar sem abrir a boca.

Foi o doutor que por fim articulou com uma voz mal timbrada:

— Sabe o que me disseram? Servières desapareceu! Sua mulher está quase louca. Ele se despediu de nós ontem à noite. Desde então, não tornamos a vê-lo.

Maigret teve um sobressalto, não por causa do que lhe diziam, mas porque acabava de avistar o cachorro amarelo, deitado aos pés de Emma.

3. O medo reina em Concarneau

Le Pommeret sentia necessidade de confirmar, pelo prazer de se ouvir falar:

— Ela veio à minha casa faz pouco me suplicando para procurá-lo. Servières, cujo verdadeiro sobrenome é Goyard, é um velho amigo.

Do cachorro amarelo, o olhar de Maigret passou à porta que se abria, ao jornaleiro que entrava como um furacão e, por fim, a uma manchete em negrito que dava para ler de longe: *O medo reina em Concarneau*.

Os subtítulos diziam em seguida:

Um drama a cada dia

Desaparecimento do nosso colaborador Servières

Manchas de sangue no seu carro

Quem será o próximo?

Maigret segurou pela manga o pequeno jornaleiro.

— Vendeu muito?

— Dez vezes mais que nos outros dias. Somos três correndo desde a estação.

Solto, o guri continuou sua andança pelo cais, gritando:

— *Le Phare de Brest! Extra! Extra!*

O comissário mal teve tempo de começar o artigo, e Emma anunciava:

— Chamam o senhor ao telefone.

Uma voz furiosa, a do prefeito:

— Alô! Foi o senhor, comissário, que inspirou esse artigo idiota? E eu nem fui posto a par! Creio, não é, que devo ser o primeiro informado sobre o que acontece na cidade de que sou prefeito! Que história de automóvel é essa? E esse homem de pé grande? Nesta última meia hora, recebi mais de vinte telefonemas de pessoas apavoradas me perguntando se essas notícias são exatas. Repito que quero, doravante, ser...

Maigret, sem retrucar, desligou, voltou à sala, sentou e começou a ler. Michoux e Le Pommeret percorriam com os olhos outro exemplar do mesmo jornal aberto no mármore da mesa.

Nosso excelente colaborador Jean Servières contou aqui mesmo os acontecimentos de que Concarneau foi recentemente teatro. Era sexta-feira. Um honrado negociante da cidade, o sr. Mostaguen, saía do Hôtel de l'Amiral, parava à uma porta para acender um charuto e recebia no ventre uma bala disparada através da caixa de correio da casa, uma casa desabitada.

Sábado, o comissário Maigret, recentemente destacado de Paris e posto à frente da Brigada Móvel de Rennes, chegava ao local do crime, o que não impediu que um novo drama se produzisse.

De noite, um telefonema nos anunciava que na hora do aperitivo, três personalidades locais, os srs. Le Pommeret, Jean Servières e o dr. Michoux, a que os policiais tinham se juntado, percebiam que o Pernod que lhes era servido continha uma alta dose de estriknina.

Ora, neste domingo de manhã, o carro de Jean Servières foi encontrado perto do rio Saint-Jacques sem seu proprietário, que, desde sábado à noite, não foi mais visto. O banco da frente está manchado de sangue. Um vidro foi quebrado e tudo leva a crer que houve luta.

Três dias: três dramas! Concebe-se que o terror comece a reinar em Concarneau, cujos moradores se perguntam com angústia quem será a

próxima vítima.

A inquietação foi lançada na população especialmente pela misteriosa presença de um cachorro amarelo que ninguém conhece, que parece não ter dono e que é encontrado a cada nova desgraça.

Esse cachorro já não terá levado a polícia a uma pista séria? E ela não procura um indivíduo que não foi identificado mas que deixou em vários lugares vestígios curiosos, de pés muito maiores do que a média?

Um louco? Um vagabundo? Será ele o autor de todos esses malfeitos? Quem ele vai atacar esta noite?

Com certeza encontrará com quem se deparar, porque os moradores apavorados tomarão a precaução de se armar e de atirar nele, ao menor sinal de alerta.

Enquanto isso, este domingo a cidade parece morta, e a atmosfera lembra as cidades do Norte quando, durante a guerra, era anunciado um bombardeio aéreo.

Maigret olhou através da vidraça. Não chovia mais, porém as ruas estavam cheias de lama escura e o vento continuava a soprar com violência. O céu era de um cinza lívido.

As pessoas voltavam da missa. Quase todos tinham *Le Phare de Brest* na mão. E todos os rostos se voltavam para o Hôtel de l'Amiral, enquanto vários passantes apertavam o passo.

Havia sem dúvida algo de morto na cidade. Mas não era assim todos os domingos de manhã? O telefone tocou novamente. Ouviu-se Emma responder:

— Não sei, senhor... não estou a par. Quer que chame o comissário? Alô! Alô! Desligaram.

— Quem era? — rosnou Maigret.

— Um jornal de Paris, acho. Perguntou se havia novas vítimas. Reservaram um quarto.

— Ligue-me para o *Le Phare de Brest*.

Enquanto aguardava, ficou andando de um lado para o outro, sem um olhar sequer para o dr. Michoux derreado em sua cadeira, nem para Le Pommeret que contemplava seus dedos cheios de anéis.

— Alô... *Le Phare de Brest*? Comissário Maigret. O diretor, por favor... Alô! É ele? Bom. Pode me dizer a que horas seu jornal saiu do prelo esta manhã? Hein? Nove e meia? E quem redigiu o artigo sobre os dramas de Concarneau? Ah, não! Não me venha com histórias, ouviu? O que disse? Recebeu o artigo num envelope? Sem assinatura? E o senhor publica qualquer informação anônima que lhe chega? Bom dia!

Quis sair pela porta que dava diretamente para o cais, mas encontrou-a fechada.

— Que significa isto? — perguntou a Emma, fitando-a nos olhos.

— Foi o doutor...

Ele cravou os olhos em Michoux, que tinha uma cara mais oblíqua que nunca, deu de ombros, saiu pela outra porta, a do hotel. A maioria das lojas estava com as venezianas fechadas. As pessoas, endomingadas, caminhavam depressa.

Do lado de lá da bacia do porto, onde as embarcações deitavam ferros, Maigret encontrou a foz do rio Saint-Jacques, bem no fim da cidade, onde as casas rareiam dando lugar aos estaleiros. Viam-se barcos inacabados no cais. Velhas barcaças apodreciam na lama.

No local em que uma ponte de pedra cruza o rio que vem se lançar no porto, havia um grupo de curiosos ao redor de um pequeno automóvel.

Era preciso dar uma volta para chegar até lá, porque o cais estava bloqueado para obras. Maigret percebeu, pelos olhares que lhe dirigiam, que todo mundo já sabia quem ele era. E na frente das lojas fechadas viu pessoas inquietas falando baixinho.

Chegou enfim ao carro abandonado à beira do caminho, abriu a porta com um gesto brusco, fazendo cair uns cacos de vidro, e não precisou procurar

para reparar nas manchas amarronzadas no forro do banco.

À sua volta se acotovelavam sobretudo uns garotos e uns jovens metidos.

— Onde é a casa do sr. Servières?

Foram dez a levá-lo até lá. Ficava a uns trezentos metros, um pouco afastada, uma casa burguesa rodeada por um jardim. A escolta se deteve no portão, enquanto Maigret tocava a campainha e era introduzido por uma empregada com uma cara transtornada.

— A sra. Servières está?

Ela já lhe abria a porta da sala de jantar.

— Diga comissário, o senhor acha que o mataram? Estou enlouquecida. Eu...

Uma mulher de bem, de uns quarenta anos, ares de boa dona de casa, o que a limpeza do seu interior confirmava.

— A senhora não vê seu marido desde...?

— Veio jantar ontem à noite. Percebi que estava preocupado, mas ele não quis dizer nada. Tinha deixado o carro em frente à porta, o que significava que ia sair à noite. Eu sabia que era para jogar baralho no Café de l'Amiral. Perguntei se ia voltar tarde. Às dez, fui me deitar. Fiquei um tempão acordada. Ouvi soar as onze, depois onze e meia. Mas era comum ele chegar tarde. Devo ter adormecido. Acordei no meio da noite. Fiquei espantada por não o sentir a meu lado. Pensei então que alguém o havia arrastado até Brest. Aqui não é muito divertido. Então às vezes... Não consegui dormir de novo. Às cinco da manhã estava de pé, espiando detrás da janela. Ele não gosta que eu pareça estar esperando, menos ainda que lhe peça satisfações. Às nove, corri à casa do sr. Le Pommeret. Foi ao voltar por outro caminho que vi umas pessoas em volta do carro. Diga, comissário! Por que o matariam? É o melhor homem da terra. Tenho certeza de que não tem inimigos.

Um grupo estava parado diante do portão.

— Parece que está com manchas de sangue. Vi umas pessoas lendo um jornal, mas ninguém quis me mostrar...

— Seu marido levava muito dinheiro no bolso?

— Acho que não. O de sempre. Trezentos ou quatrocentos francos.

Maigret prometeu mantê-la informada, deu-se até ao trabalho de tranquilizá-la com algumas frases vagas. Um cheiro de pernil de cordeiro chegava da cozinha. A empregada de avental branco o acompanhou até a porta.

O comissário não andara cem metros quando um passante se aproximou vivamente.

— Com licença, comissário. Eu me apresento. Dujardin, professor. Faz uma hora que as pessoas, os pais dos meus alunos principalmente, vêm me perguntar se tem alguma verdade no que o jornal conta. Alguns querem saber se, caso virem o homem de pé grande, têm o direito de atirar.

Maigret não era um anjo de paciência. Grunhiu enfiando as mãos no bolso:

— Não encha.

Dirigiu-se para o centro da cidade.

Que coisa! Nunca tinha visto nada assim. Lembrava as tempestades, como são às vezes representadas no cinema. Mostram uma rua alegre, um céu sereno. Depois vem uma nuvem em sobreimpressão, esconde o sol. Um vento violento varre a rua. Iluminação sombria. Venezianas que batem. Rodamoinhos de poeira. Grossas gotas d'água.

E eis a rua sob um aguaceiro, sob um céu dramático!

Concarneau mudava a olhos vistos. O artigo do *Le Phare de Brest* fora apenas um ponto de partida. Fazia tempo que os comentários verbais iam muito além da versão escrita.

E ainda por cima era domingo! Os moradores não tinham o que fazer! Escolhiam como passeio ir até o carro de Jean Servières, perto do qual foi

preciso postar dois policiais. Os passantes ficavam lá uma hora, ouvindo as explicações dadas pelos mais bem informados.

Quando Maigret entrou de volta no Hôtel de l'Amiral, o dono, com seu chapéu branco de chef, presa de um nervosismo inusitado, agarrou-o pela manga.

— Preciso falar com o senhor, comissário. A coisa está ficando insuportável...

— Antes sirva o meu almoço.

— Mas...

Maigret foi sentar num canto, irritado, pediu:

— Um chope! Não viu meu inspetor?

— Saiu. Acho que foi chamado à casa do prefeito. Acabam de telefonar de Paris. Um jornal reservou dois quartos, para um repórter e um fotógrafo.

— E o doutor?

— Está lá em cima. Me pediu para não deixar ninguém ir vê-lo.

— E o sr. Le Pommeret?

— Acaba de sair.

O cachorro amarelo não estava mais lá. Uns jovens, flor na lapela, cabelos endurecidos de cosmético, estavam à mesa, mas não bebiam as limonadas que haviam pedido. Tinham vindo bisbilhotar. Estavam todo prosas por terem a coragem de fazê-lo.

— Venha cá, Emma.

Havia uma espécie de simpatia inata entre a garçonete e o comissário. Ela se aproximou com abandono, deixou-se levar a um canto.

— Tem certeza de que o doutor não saiu esta noite?

— Juro que não dormi no seu quarto!

— Ele pode ter saído?

— Acho que não. Está com medo. Hoje de manhã, foi ele que me mandou fechar a porta que dá para o cais.

— Como é que o cachorro amarelo te conhece?

— Não sei. Eu nunca o tinha visto. Ele vem, vai. Eu me pergunto inclusive quem lhe dá de comer.

— Faz tempo que ele foi embora?

— Não prestei atenção.

O inspetor Leroy entrava, nervoso.

— Sabe, comissário, o prefeito está furioso. E é uma pessoa influente! Me disse que é primo do ministro da Justiça. Diz que estamos metendo os pés pelas mãos, que só servimos para deixar a cidade em pânico. Quer que prendamos alguém, qualquer um, para tranquilizar a população. Prometi que falaria com o senhor.

Maigret raspou calmamente o forninho do cachimbo.

— O que o senhor pensa em fazer?

— Nada.

— Mas...

— Você é jovem, Leroy. Colheu vestígios interessantes na casa do doutor?

— Mandei tudo para o laboratório. Copos, latas de conserva, faca... Tirei até um molde de gesso das pegadas do homem e do cachorro. Foi difícil, porque o gesso daqui é ruim. Tem alguma ideia?

Como resposta, Maigret tirou uma caderneta do bolso e o inspetor leu, cada vez mais desconcertado:

“Ernest Michoux (dito: doutor). Filho de um pequeno industrial de Seine-et-Oise, que foi deputado por uma legislatura e que, depois, faliu. O pai morreu. A mãe vive fazendo conchavos. Tentou, com o filho, explorar um loteamento em Juan-les-Pins. Fracasso completo. Recomeçou em Concarneau. Abriu sociedade anônima, graças ao nome do falecido esposo. Não fez aporte de capital. Atualmente, tenta conseguir que as vias de acesso ao loteamento sejam pagas pelo município e pelo departamento.

“Ernest Michoux foi casado, depois se divorciou. Sua ex-mulher se casou com um tabelião de Lille.

“O tipo do degenerado. Dívidas difíceis de saldar.”

O inspetor olhou para o chefe como que dizendo:

— Que mais?

Maigret mostrou a ele as linhas seguintes.

“Yves Le Pommeret. Família Le Pommeret. Seu irmão Arthur dirige a maior fábrica de conservas de Concarneau. Pequena nobreza. Yves Le Pommeret é o boa-vida da família. Nunca trabalhou. Devorou, faz tempo, a maior parte da herança em Paris. Veio se instalar em Concarneau quando não tinha mais de vinte mil francos de renda. Numerosas aventuras com jovens operárias. Alguns escândalos precisaram ser abafados. Caça em todos os castelos das redondezas. Belo porte. Chegou, por meio de suas relações, a se fazer nomear vice-cônsul da Dinamarca. Briga pela Legião de Honra. Às vezes recorre ao irmão para pagar as dívidas.

“Jean Servières (pseudônimo de Jean Goyard). Nascido no Morbihan. Por um bom tempo jornalista em Paris, secretário-geral de pequenos teatros etc. Ganhou uma modesta herança e se instalou em Concarneau. Casou-se com uma ex-lanterninha de teatro, que era sua amante havia quinze anos. Padrão de vida burguês. Algumas estripulias em Brest e em Nantes. Vive muito mais de pequenas rendas do que do jornalismo de que tanto se orgulha. Palmas acadêmicas.”

— Não estou entendendo — balbuciou o inspetor.

— Não diga! Passe suas anotações.

— Mas... quem disse ao senhor que eu...?

— Passe-as.

A caderneta do comissário era um caderninho barato, de papel quadriculado, capa de tecido encerado. A do inspetor Leroy era uma agenda tipo fichário de folhas soltas e argolas de aço.

Com um ar paternal, Maigret leu:

“1. CASO MOSTAGUEN: a bala que atingiu o negociante de vinhos era certamente destinada a outro. Como não se podia prever que alguém pararia

na entrada da casa, *devem ter marcado encontro ali com a verdadeira vítima, que não veio, ou que veio mais tarde.*

“A não ser que o objetivo seja aterrorizar a população. O *assassino conhece muito bem Concarneau.* (Não foram analisadas as cinzas de cigarro encontradas no corredor.)

“2. CASO DO PERNOD ENVENENADO: no inverno, o Café de l’Amiral fica deserto quase o dia todo. Um homem a par desse detalhe pode ter entrado e posto o veneno nas garrafas. Em duas garrafas. Logo, visava especialmente os consumidores de Pernod e Calvados. (Note-se porém que o doutor percebeu a tempo e sem dificuldade os grãos de pó branco no líquido.)

“3. CASO DO CACHORRO AMARELO: ele conhece o Café de l’Amiral. Tem dono. Mas quem? Parece ter pelo menos cinco anos.

“4. CASO SERVIÈRES: descobrir pela peritagem da caligrafia quem enviou o artigo ao *Le Phare de Brest.*”

Maigret sorriu, devolveu a agenda ao colega, deixou escapar:

— Muito bem, rapaz.

Depois acrescentou, com um olhar enfezado para as silhuetas que apareciam sem cessar através das vidraças verdes:

— Vamos comer.

Emma anunciaria a eles um pouco depois, quando estavam a sós na sala de refeições com o caixeiro-viajante que havia chegado aquela manhã, que o dr. Michoux, cujo estado piorara, pedia que lhe servisse uma refeição leve em seu quarto.

De tarde, o Café de l’Amiral, com seus vidrinhos escuros, parecia uma jaula do jardim zoológico, diante da qual os curiosos endomingados desfilavam. Depois podia-se vê-los rumarem para o fim do porto, onde o carro de Servières era uma segunda atração vigiada por dois policiais.

O prefeito ligou três vezes, de sua suntuosa mansão de Sables Blancs.

— Prendeu alguém?

Maigret mal se dava ao trabalho de responder. A juventude de dezoito a vinte e cinco anos invadiu o café. Grupos barulhentos, que se apossavam de uma mesa, pediam bebidas que não bebiam.

Não levava cinco minutos para que os diálogos escasseassem pela sala, os risos morressem, o exibicionismo cedesse lugar ao mal-estar. E iam embora, uns depois dos outros.

A diferença ficou mais sensível quando se teve de acender a luz. Eram quatro horas. Geralmente, uma multidão continuava a passear.

Naquela noite, ficou deserto, e se fez um silêncio mortal. Até parecia que os passeadores haviam combinado entre si. Em menos de quinze minutos, as ruas se esvaziaram e quando ecoavam alguns passos eram os passos precipitados de um passante ansioso para se pôr a salvo em casa.

Emma estava acotovelada na caixa. Seu patrão ia da cozinha ao café, onde Maigret se obstinava a não ouvir suas queixas.

Ernest Michoux desceu, por volta das quatro e meia, sempre de chinelo. A barba tinha crescido. Seu lenço bege-claro estava manchado de suor.

— O senhor está aí, comissário?

Aquilo pareceu tranquilizá-lo.

— E o seu inspetor?

— Mandei-o dar uma volta pela cidade.

— E o cachorro?

— Ninguém tornou a vê-lo desde hoje de manhã.

O assoalho era cinzento, o mármore das mesas de um branco cru com veios azuis. Através da vidraça, adivinhava-se o relógio luminoso da cidade velha, que marcava dez para as cinco.

— Ainda não se sabe quem escreveu esse artigo?

O jornal estava em cima da mesa. E acabava-se por não ver nada mais que quatro palavras: *Quem será o próximo?*

O telefone tocou, Emma respondeu:

— Não... nada... não sei de nada...

— Quem é? — perguntou Maigret.

— Outra vez um jornal de Paris. Parece que os redatores vêm de carro.

Mal acabou a frase, o telefone tocou novamente.

— É para o senhor, comissário.

O doutor, palidíssimo, acompanhou Maigret com os olhos.

— Alô? Quem é?

— Leroy. Estou na cidade velha, perto do canal. Deram um tiro. Um sapateiro, que avistou o cachorro amarelo pela janela.

— Morreu?

— Está ferido. A bacia destrocada. Mal consegue se arrastar. As pessoas não ousam se aproximar dele. Estou ligando de um café. O cachorro está no meio da rua. Estou vendo pela vidraça. Está ganindo. O que devo fazer.

A voz que o inspetor gostaria que fosse calma era ansiosa, como se o cão amarelo ferido fosse um ser sobrenatural.

— Tem gente em todas as janelas. Comissário, devo sacrificá-lo?

O doutor, a tez cinzenta, de pé atrás de Maigret, perguntava timidamente.

— O que foi? O que ele está dizendo?

O comissário via Emma acotovelada no balcão, o olhar vago.

4. Posto de Comando do Exército

Maigret atravessou a ponte levadiça, entrou nas muralhas, pegou uma rua irregular e mal iluminada. O que os moradores de Concarneau chamam de cidade fechada, isto é, o bairro antigo ainda cercado por suas muralhas, é uma das partes mais populosas da cidade.

No entanto, enquanto avançava, o comissário entrava numa zona de silêncio cada vez mais equívoca. O silêncio de uma multidão hipnotizada por um espetáculo e que se arrepia, tem medo ou se impacienta.

Algumas vozes isoladas de adolescentes decididos a se exhibir.

Mais uma volta, e o comissário descobre a cena: a rua estreita, com gente em todas as janelas; quartos iluminados a petróleo; camas apenas entrevistas; um grupo obstruindo a passagem e, além desse grupo, um grande vazio do qual se erguia um ganido.

Maigret afastou os espectadores, a maioria jovens, surpresos com a sua chegada. Dois deles ainda se distraíam atirando pedras na direção do animal. Os amigos quiseram deter o gesto deles. Ouviu-se, ou antes, adivinhou-se:

— Cuidado!

Um dos arremessadores de pedras enrubesceu até as orelhas, enquanto Maigret o empurrava para a esquerda e se adiantava até o cão ferido. O silêncio já era de outra qualidade. Era evidente que alguns minutos antes uma embriaguez doentia animava os espectadores, exceto uma velhinha que gritava da janela:

— Que vergonha! O senhor devia abrir uma ocorrência, comissário! Estão se encarniçando contra o coitado do cachorro. Sei muito bem por quê! Porque têm medo.

O sapateiro que tinha dado o tiro entrou incomodado em sua lojinha. Maigret se abaixou para acariciar a cabeça do cachorro, que lhe lançou um olhar espantado, ainda não de reconhecimento. O inspetor Leroy saiu do café de onde havia telefonado. Algumas pessoas se afastavam a contragosto.

— Tragam um carrinho.

As janelas se fechavam uma depois da outra, mas percebiam-se sombras curiosas atrás das cortinas. O cachorro estava sujo, seus pelos densos manchados de sangue. Sua barriga estava enlameada, o focinho, seco e ardendo. Agora que cuidavam dele, recobrava a confiança, não procurava mais se arrastar pelo chão, onde vinte calhaus o emolduravam.

— Para onde devo levá-lo, comissário?

— Para o hotel. Bem devagar. Bote palha no fundo do carrinho.

O séquito poderia ter sido ridículo. Foi impressionante, pela magia da angústia que, desde aquela manhã, não havia parado de se adensar. O carrinho, empurrado por um velho, quicava nas pedras do chão, pela rua de incontáveis rotatórias, atravessou a ponte levadiça, e ninguém ousou acompanhá-lo. O cachorro amarelo respirava com força, estirava as quatro patas ao mesmo tempo, num espasmo.

Maigret notou um carro que ainda não tinha visto em frente ao Hôtel de l'Amiral. Quando empurrou a porta do café, constatou que a atmosfera havia mudado.

Um homem o empurrou, viu o cachorro que levantavam, apontou para ele uma máquina fotográfica e fez irromper um clarão de magnésio. Outro, com calça de golfe, suéter vermelho, um caderninho na mão, tocou no boné.

— Comissário Maigret? Vasco, do jornal. Acabo de chegar e já tive a sorte de encontrar o senhor...

Designou Michoux sentado num canto, recostado no banco de couro sintético.

— O carro do *Le Petit Parisien* vem vindo. Enguiçou a dez quilômetros daqui.

Emma indagou ao comissário:

— Onde quer que o ponhamos?

— Não tem um lugar para ele nesta casa?

— Tem, perto do quintal. Um local onde a gente guarda as garrafas vazias.

— Leroy! Telefone a um veterinário.

Uma hora antes, reinava o vazio, um silêncio cheio de reticências. Agora, o fotógrafo, de impermeável quase branco, empurrava mesas e cadeiras, exclamando:

— Um instante. Não se mexa, por favor. Vire a cabeça do cachorro para cá.

E o magnésio fulgurava.

— Le Pommeret? — indagou Maigret, dirigindo-se ao doutor.

— Saiu pouco depois do senhor. O prefeito tornou a telefonar. Acho que vai vir.

Às nove da noite, era uma espécie de quartel-general. Dois novos repórteres tinham chegado. Um redigia sua matéria numa mesa do fundo. De vez em quando um fotógrafo descia de seu quarto.

— Você teria álcool noventa graus? Estou precisando para secar os filmes. O cachorro é prodigioso! Como, tem uma farmácia aqui ao lado? Fechada? Não tem importância.

No corredor, onde ficava o telefone, um jornalista ditava seu texto com uma voz indiferente.

— É, Maigret. “M” de Maurice, “a” de Arthur. É, “i” de Isidore. Anote logo todos os nomes. Michoux... “M”... “i”... “choux”, como “chu” de

“chuchu”. Não, não é “pu”... Espere, vou lhe passar os títulos... Vai sair na capa? Diga ao chefe que tem de sair na primeira página.

Desnortado, o inspetor Leroy buscava o tempo todo Maigret com os olhos, como para se agarrar nele. Num canto, o único caixeiro-viajante preparava suas visitas do dia seguinte com a ajuda de uma lista telefônica. De vez em quando chamava Emma.

— Chauffier, é uma loja de ferragens importante? Obrigado.

O veterinário havia extraído a bala e posto uma atadura rígida em torno do quarto traseiro do animal.

— Esses bichos têm uma resistência incrível!

Haviam posto um cobertor velho em cima da palha, na pequena área pavimentada de granito azul que dava ao mesmo tempo para o quintal e para a escada do porão. O cachorro estava deitado lá, sozinho, a dez centímetros de um pedaço de carne em que não tocava.

O prefeito viera de carro. Um velhote de barbicha branca, muito bem-apeado, de gestos secos. Havia arqueado as sobrancelhas ao penetrar naquela atmosfera de corpo de guarda, ou mais exatamente de Posto de Comando do Exército.

— Quem são esses senhores?

— Jornalistas de Paris.

O prefeito mal podia se conter.

— Magnífico! Amanhã toda a França estará falando desta história idiota! Ainda não descobriu nada?

— A investigação continua — grunhiu Maigret no mesmo tom com que teria declarado: “Não é da sua conta!”.

Havia muita irritabilidade no ar. Todos estavam com os nervos à flor da pele.

— E você, Michoux, não vai voltar para casa?

O olhar do prefeito era de desprezo, acusava o doutor de covardia.

— Desse jeito, vai ser um pânico generalizado nas próximas vinte e quatro horas. O que era preciso, eu disse, era uma prisão, qualquer um...

E salientou essas últimas palavras lançando um olhar para Emma.

— Sei que não posso lhe dar ordens. Quanto à polícia local, o senhor só lhe deixou um papel irrisório. Mas vou lhe dizendo: mais um drama, um só, e será uma catástrofe. As pessoas esperam alguma coisa. Lojas que, nos outros domingos, ficam abertas até as nove taparam suas vitrines. Este artigo estúpido do *Le Phare de Brest* apavorou a população.

O prefeito não havia tirado o chapéu-coco da cabeça e enfiou-o ainda mais, indo embora logo após recomendar:

— Peço-lhe o favor de me manter informado, comissário. Lembro-lhe de que tudo o que se faz neste momento, se faz sob a sua responsabilidade.

— Um chope, Emma! — pediu Maigret.

Não se podia impedir os jornalistas de se hospedarem no Hôtel de l'Amiral, nem de se instalarem no café, telefonarem, encherem a casa com sua agitação barulhenta. Pediam tinta, papel. Interrogavam Emma, que mostrava uma carinha assustada.

Lá fora, a noite escura, com um raio de lua que salientava o romantismo de um céu carregado de pesadas nuvens, em vez de iluminá-lo. E aquela lama que colava em todos os sapatos, porque Concarneau ainda não conhece as ruas pavimentadas!

— Le Pommeret lhe disse que ia voltar? — lançou Maigret a Michoux.

— Sim. Foi jantar em casa.

— Endereço? — pediu um jornalista que não tinha mais o que fazer.

O doutor deu, enquanto o comissário dava de ombros e chamava Leroy a um canto.

— Você tem o original do artigo que saiu esta manhã?

— Acabo de receber. Está no meu quarto. O texto é escrito com a mão esquerda, logo por alguém que temia que sua escrita fosse reconhecida.

— Não tem selo?

— Não. A carta foi deixada na caixa de correio do jornal. O envelope traz a menção: *Extrema urgência*.

— Quer dizer então que às oito da manhã, no máximo, alguém já sabia do desaparecimento de Jean Servières, sabia que o carro estava ou seria abandonado perto do rio Saint-Jacques e que seriam encontradas marcas de sangue no banco. Esse alguém, ainda por cima, não ignorava que seriam descobertas em algum lugar as pegadas de um desconhecido de pés grandes.

— Incrível! — suspirou o inspetor. — Quanto às pegadas, despachei para a polícia no Quai des Orfèvres por belinógrafo. Já consultaram os arquivos. Tenho a resposta: não correspondem a nenhuma ficha de malfeitor.

Não havia dúvida: Leroy se deixava contaminar pelo medo ambiente. No entanto, o mais intoxicado — se assim podemos dizer — por esse vírus era Ernest Michoux, cuja silhueta era ainda mais frágil em contraste com os modos esportivos, os gestos desenvoltos e a segurança dos jornalistas.

Não sabia onde se meter. Maigret lhe perguntou:

— Não vai se deitar?

— Ainda não. Nunca durmo antes da uma da manhã.

Michoux se esforçava para esboçar um sorriso, malgrado, que mostrava dois dentes de ouro.

— Francamente, o que o senhor acha?

O relógio luminoso da cidade velha soou dez badaladas. Chamaram o comissário ao telefone. Era o prefeito.

— Nada ainda?

Será que ele também esperava um drama?

E, aliás, o próprio Maigret não esperava um? Com a testa franzida, foi visitar o cão amarelo que tinha adormecido e que, sem medo, abriu um olho e observou-o se aproximar. O comissário acariciou a cabeça dele, empurrou um pouco de palha sob suas patas.

Notou o hoteleiro atrás dele.

— O senhor acha que esses senhores da imprensa vão ficar muito tempo? Se ficarem, eu teria de pensar em me abastecer... A feira é amanhã às seis.

Quando não se estava acostumado com Maigret era desconcertante, num caso como este, ver seus olhos grandes fixarem a testa do hoteleiro sem vê-lo, depois ouvi-lo grunhir algo ininteligível, se afastando com um jeito de não considerar o outro grande coisa.

O repórter do *Le Petit Parisien* voltava, sacudia sua capa gotejante.

— Ué! Está chovendo? Novidades, Groslin?

Uma luz coriscava nas pupilas do jovem, que disse algumas palavras em voz baixa ao fotógrafo que o acompanhava, depois tirou o fone do gancho.

— *Le Petit Parisien*, senhorita. Serviço de imprensa. Prioridade! O quê? Paris na linha? Então me passe rápido! Alô? Alô? *Le Petit Parisien*? Srta. Germaine? Me passe a estenógrafa de plantão. Aqui, Groslin.

Sua voz estava impaciente. E seu olhar parecia desafiar os colegas que o ouviam. Maigret, que passava por trás dele, parou para escutar.

— Ah, é você, Jeanne? Rápido, hein? Ainda dá para sair em algumas edições da região. As outras só terão a notícia na edição de Paris. Diga ao secretário de redação para redigir a matéria. Não tenho tempo.

“Caso de Concarneau. Nossas previsões estavam corretas. Novo crime. Alô? Sim, *crime*! Um homem assassinado, se preferir.”

Todo mundo tinha se calado. O doutor, fascinado, se aproximava do jornalista, que continuava, febril, triunfal, trepidante:

— Depois do sr. Mostaguen, depois do jornalista Jean Servières, o sr. Le Pommeret! Sim, soletrei faz pouco. Acaba de ser encontrado morto em seu quarto. Em casa! Não há lesões. Os músculos estão rígidos e tudo leva a crer que foi envenenamento. Espere. Terminar com: *O terror reina...* Isso! Corra ao secretário de redação. Daqui a pouco eu lhe dito uma matéria para a edição de Paris, mas a informação tem de sair nas edições da província.

Desligou, enxugou-se, lançou à sua volta um olhar radiante.

O telefone já voltava a tocar.

— Alô? Comissário? Faz quinze minutos que tento falar com o senhor. Aqui é da casa do sr. Le Pommeret. Venha depressa. Ele está morto!

E a voz repetiu num gemido:

— Morto...

Maigret olhou ao redor. Em quase todas as mesas havia copos vazios. Emma, exangue, acompanhava o policial com os olhos.

— Não toquem em nenhum copo, em nenhuma garrafa! — ordenou. — Entendeu, Leroy? Não saia daqui.

O doutor, com a testa gotejando suor, havia arrancado o lenço, deixando ver seu pescoço magro, sua camisa fechada com uma abotoadura de colarinho.

* * *

Quando Maigret chegou ao apartamento de Le Pommeret, um médico que morava ao lado já tinha feito as primeiras constatações.

Estava lá uma mulher cinquentona, dona do imóvel, ela é que havia telefonado.

Uma bonita casa de pedras cinzentas, de frente para o mar. E a cada vinte segundos, o pincel luminoso do farol incendiava as janelas.

Uma sacada. Um mastro de bandeira e um escudo com as armas da Dinamarca.

O corpo estava estendido no tapete avermelhado de um estúdio entulhado de bibelôs sem valor. Fora, cinco pessoas espionaram o comissário passar sem pronunciar uma só palavra.

Nas paredes, fotografias de atrizes, desenhos recortados nos jornais galantes e emoldurados, algumas dedicatórias femininas.

A camisa de Le Pommeret havia sido arrancada. Seus sapatos ainda estavam pesados de lama.

— Estricnina! — disse o médico. — Em todo caso, aposto que é. Veja os olhos. E, principalmente, note a rigidez do corpo. A agonia durou cerca de meia hora. Talvez mais.

— Onde a senhora estava? — perguntou Maigret.

— Embaixo. Eu sublocava todo o primeiro andar ao sr. Le Pommeret, que fazia as refeições na minha casa. Veio jantar por volta das oito. Não comeu quase nada. Lembro de ele ter dito que a luz elétrica estava com problemas, mas as lâmpadas iluminavam normalmente.

“Ele me disse que ia sair de novo, mas que antes ia tomar uma aspirina, porque sentia a cabeça pesada.”

O comissário olhou interrogativo para o doutor.

— Isso mesmo! Os primeiros sintomas.

— Que se manifestam quanto tempo depois da absorção do veneno?

— Depende da dose e da constituição do homem. Às vezes meia hora, às vezes duas...

— E a morte?

— Vem depois da paralisia geral. Mas antes, há paralisias locais. Assim, é provável que tenha tentado chamar. Estava deitado no sofá.

O mesmo sofá que fazia o apartamento de Le Pommeret ser chamado de a casa das torpezas! As gravuras galantes eram mais numerosas em torno dos móveis do que nos outros lugares. Um pequeno abajur destilava uma luz cor-de-rosa.

— Ele teve uma convulsão, como numa crise de delirium tremens. A morte pegou-o no chão.

Maigret foi até a porta, que um fotógrafo queria cruzar, e bateu-a em seu nariz.

Calculava a meia-voz:

— Le Pommeret saiu do Café de l’Amiral pouco depois das sete. Bebeu um conhaque com água gasosa. Aqui, quinze minutos depois, bebeu e

comeu. Pelo que o senhor me diz dos efeitos da estricnina, ele pode ter tomado o veneno tanto lá como aqui.

Desceu imediatamente ao térreo, onde a senhoria chorava, cercada por três vizinhas.

— Os pratos, os copos do jantar?

Ela ficou alguns instantes sem entender. E, quando quis responder, ele já tinha percebido, na cozinha, uma bacia com água ainda quente, pratos limpos à direita, sujos à esquerda, e copos.

— Estava lavando a louça quando...

Um guarda municipal chegava.

— Vigie a casa. Ponha todo mundo para fora, menos a proprietária. E nem um jornalista, nem um fotógrafo! Não deixe tocar em nenhum copo, em nenhum prato.

Havia quinhentos metros a percorrer na borrasca para voltar ao hotel. A cidade estava às escuras. Restavam não mais que duas ou três janelas iluminadas, a grandes distâncias uma da outra.

Na praça, em compensação, na esquina do cais, as três vidraças esverdeadas do Hôtel de l'Amiral estavam iluminadas, mas, por causa dos vitrais, davam a impressão de serem um monstruoso aquário.

Ao se aproximar, percebeu barulhos de voz, o toque do telefone, o rom-rom de um carro cujo motor alguém ligava.

— Aonde o senhor vai? — questionou Maigret.

Dirigia-se a um jornalista.

— A linha está ocupada. Vou telefonar de outro lugar. Daqui a dez minutos, será tarde demais para a edição de Paris.

O inspetor Leroy, de pé no café, parecia um bedel que toma conta da turma da noite. Alguém escrevia sem parar. O caixeiro-viajante estava pasmo, mas apaixonado, naquela atmosfera nova para ele.

Todos os copos haviam ficado nas mesas. Havia copos de haste que contiveram aperitivos, tulipas de chope ainda sujas de espuma, tacinhas de

licor.

— A que horas tiraram as mesas?

Emma vasculhou a memória.

— Não sei dizer. Alguns copos eu fui tirando. Outros estão aí desde esta tarde.

— O copo do sr. Le Pommeret?

— O que ele tomou, sr. Michoux?

Foi Maigret que respondeu:

— Conhaque com água gasosa.

Ela olhou os pires com as contas um depois do outro.

— Seis francos. Mas servi um uísque a um desses senhores, o preço é o mesmo. Este copo aqui, talvez. Talvez não...

O fotógrafo, que não perdia uma, tirava fotos de toda aquela copada sinistra espalhada pelas mesas de mármore.

— Vá buscar o farmacêutico! — ordenou o comissário a Leroy.

E foi mesmo a noite dos copos e dos pratos. Trouxeram os da casa do vice-cônsul da Dinamarca. Os repórteres entravam no laboratório do farmacêutico como se estivessem em casa, e um deles, ex-estudante de medicina, até participava das análises.

O prefeito, ao telefone, tinha se contentado em soltar numa voz cortante:

— A responsabilidade é toda sua...

Não encontravam nada. De repente o hoteleiro indagou:

— O que fizeram do cachorro?

A área em que o tinham deitado na palha estava vazia. O cão amarelo, incapaz de andar e até de se arrastar, por causa da atadura que aprisionava seu quarto traseiro, havia desaparecido.

Os copos não revelavam nada!

— Talvez o do sr. Le Pommeret tenha sido lavado. Não sei. No meio dessa confusão! — dizia Emma.

Na casa da senhoria dele também a metade da louça havia sido lavada com água quente.

Ernest Michoux, a tez terrosa, se inquietava principalmente com o desaparecimento do cão.

— Vieram pegá-lo pelo pátio. Tem uma porta dando para o cais. Uma espécie de beco. É melhor mandar trancá-la, comissário, senão... Pensar que puderam entrar aqui sem ninguém perceber! E ir embora carregando o animal!

Dir-se-ia que ele não ousava sair do fundo da sala, que se mantinha o mais longe possível das portas.

5. O homem do Cabélou

Eram oito da manhã. Maigret, que não tinha dormido, acabava de tomar um banho e terminava de se barbear diante de um espelho pendurado na fechadura da janela.

Fazia mais frio que nos dias anteriores. A chuva turva parecia neve derretida. Um repórter, em mangas de camisa, espreitava a chegada dos jornais de Paris. Tinha-se ouvido o trem das sete e meia apitar. Em alguns instantes, veriam chegar os portadores de edições sensacionais.

Sob os olhos do comissário, a praça estava tomada pela feira semanal. Mas percebia-se que essa feira não tinha a sua animação costumeira. As pessoas falavam baixo. Os camponeses pareciam inquietos com as notícias que ouviam.

Havia cerca de cinquenta barracas montadas, exibindo blocos de manteiga, ovos, legumes, suspensórios e meias de seda femininas. À direita, estavam estacionadas carroças de todos os tipos, e o todo era dominado pelo deslizar alado das toucas brancas com largos rendados.

Maigret só se deu conta de que estava acontecendo alguma coisa ao ver toda uma porção da feira mudar de fisionomia, as pessoas se aglomerarem e olharem na mesma direção. A janela estava fechada. Ele não ouvia os barulhos, ou antes, era apenas um rumor confuso que chegava até ele.

Espiou mais longe. No porto, alguns pescadores carregavam cestos vazios e redes em seus barcos. Mas de repente ficavam imóveis, abriam alas para dois guardas municipais passarem, conduzindo um preso para a prefeitura.

Um dos guardas era bem jovem, imberbe. Seu rosto, modelado pela ingenuidade. O outro usava fortes bigodes acaju, e as sobrancelhas espessas quase lhe emprestavam um ar terrível.

Na feira, o falatório tinha cessado. Todos olhavam para os três homens que avançavam. Apontavam para as algemas que apertavam os punhos do malfeitor.

Um colosso! Andava inclinado para a frente, o que fazia seus ombros parecerem duas vezes mais largos. Arrastava os pés na lama, ele é que parecia levar os guardas a reboque.

Vestia um velho casaco qualquer. Sua cabeça nua era plantada de cabelos hirtos, bem curtos e castanhos.

O jornalista corria escada abaixo, esmurrava uma porta, gritava para seu fotógrafo adormecido:

— Benoît! Benoît! Depressa! De pé! Uma foto incrível!

Não imaginava como falava certo. Porque, enquanto Maigret tirava os últimos vestígios de sabão no rosto e procurava seu casaco, sem tirar os olhos da praça, produziu-se um acontecimento extraordinário.

A multidão não demorara a se comprimir em torno dos guardas e do preso. Bruscamente, este, que fazia tempo devia esperar a ocasião, sacudiu violentamente os punhos.

De longe, o comissário viu as lamentáveis correntes ficarem penduradas nas mãos dos agentes de polícia. E o homem arremeter contra o público. Uma mulher rolou no chão. Muitos fugiram. Ninguém ainda tinha se recuperado do estupor, e o preso já havia corrido para um beco, a vinte metros do Hôtel de l'Amiral, bem ao lado da casa vazia cuja caixa de correio havia cuspidado uma bala de revólver na sexta-feira precedente.

Um guarda — o mais moço — quase atirou, mas hesitou e saiu correndo empunhando a arma de tal jeito que Maigret esperou um acidente. Uma armação de ripas cedeu sob a pressão dos fujões e seu teto de lona despencou em cima dos blocos de manteiga.

O jovem guarda teve a coragem de se precipitar sozinho no beco. Maigret, que conhecia o local, acabou de se vestir sem pressa.

Porque seria um milagre encontrar o brutamontes. A entrada do beco, com dois metros de largura, fazia dois cotovelos em ângulo reto. Vinte casas que davam para o cais ou para a praça tinham uma saída no beco. Além delas, havia galpões, os armazéns de um comerciante de cordoalha e artigos para embarcações, um depósito de latas de conserva, todo um amontoado de construções irregulares, de cantos e recantos, telhados facilmente acessíveis que tornavam uma perseguição quase impossível.

A multidão agora se mantinha à distância. A mulher que haviam derrubado, rubra de indignação, esticava o punho em todas as direções, enquanto as lágrimas vinham estremecer sob seu queixo.

O fotógrafo saiu do hotel, o impermeável por cima do pijama, descalço.

Meia hora depois, chegava o prefeito, pouco depois o tenente de gendarmaria, cujos homens se achavam no dever de dar batidas nas casas vizinhas.

Ao encontrar Maigret sentado no café em companhia do jovem guarda e ocupado em devorar um pão tostado com manteiga, o primeiro magistrado da cidade fremiu de indignação.

— Eu avisei, comissário, que o responsabilizaria por... por... Mas o senhor não parece se importar com isso! Vou mandar daqui a pouco um telegrama para o Ministério do Interior para informar que... que... e pedir que... O senhor viu o que está acontecendo lá fora? As pessoas fogem de casa. Um velhinho entrevado berra de pavor porque está imobilizado num segundo andar. Veem o bandido por toda parte...

Maigret se virou, percebeu Ernest Michoux que, como uma criança medrosa, se mantinha o mais perto possível dele movendo menos ar que um fantasma.

— Veja que foi a polícia local, quer dizer, simples guardas municipais, que o prenderam enquanto...

— O senhor continua fazendo questão de que eu prenda alguém?

— Como assim? Pretende pegar o fugitivo?

— Ontem o senhor tinha me pedido a prisão de qualquer um...

Os jornalistas estavam do lado de fora, ajudavam os gendarmes em suas buscas. O café estava quase vazio, em desordem, porque ainda não tinham tido tempo de arrumá-lo. Um cheiro acre de fumo frio cortava a respiração. Pisava-se nos tocos de cigarro, nas cusparadas, na serragem e nos copos quebrados.

O comissário, enquanto isso, tirava da carteira um mandado de prisão em branco.

— Diga mais uma palavra, senhor prefeito, e eu...

— Seria curioso o senhor me prender!

— Emma! Uma pena e tinteiro, por favor.

Fumava dando pequenas baforadas. Ouviu o prefeito grunhir na esperança de ser ouvido:

— Está blefando!

Mas Maigret não se perturbou, escreveu com grandes traços, como de costume: *O sr. Ernest Michoux, administrador da Sociedade Imobiliária de Sables Blancs...*

* * *

Foi mais cômico do que trágico. O prefeito lia de cabeça para baixo. Maigret disse:

— Pronto! Já que o senhor faz questão, prendo o doutor.

Este olhou para os dois, esboçou um sorriso amarelo, como um homem que não sabe o que responder a uma brincadeira. Mas era Emma que o comissário observava, Emma que se dirigia para a caixa e que se virou

subitamente, menos pálida que de costume, sem conseguir controlar um tremor de alegria.

— Imagino, comissário, que o senhor entenda a gravidade do que...

— É minha profissão, senhor prefeito.

— E a única coisa que o senhor faz depois do que acaba de acontecer é prender um dos meus amigos, quer dizer, um dos meus conhecidos, enfim, uma das figuras ilustres de Concarneau, um homem que...

— O senhor tem uma cadeia confortável?

Michoux, entretentes, só parecia preocupado com a dificuldade de engolir a saliva.

— À parte o posto policial, na prefeitura, só a gendarmaria, na cidade velha.

O inspetor Leroy acabava de entrar. Perdeu a respiração quando Maigret disse a ele com sua voz mais natural:

— Escute aqui, meu velho! Faça o favor de levar o doutor para a gendarmaria. Discretamente. Não precisa algemá-lo. Encarcere-o e cuide que não lhe falte nada.

— Isso é uma loucura! — balbuciou o doutor. — Não estou entendendo. Eu... É inacreditável! É uma infâmia!

— Não diga! — grunhiu Maigret.

E, voltando-se para o prefeito:

— Não me oponho a que se continue a procurar o tal vagabundo. Distrai a população. Quem sabe pode até ser útil? Mas não dê muita importância à sua captura. Tranquelize as pessoas.

— O senhor sabe que quando o pegaram, hoje de manhã, encontraram com ele um canivete de mola?

— Pode ser...

Maigret começava a se irritar. De pé, enfiava seu pesado sobretudo de gola de veludo, limpava com a manga o chapéu-coco.

— Até logo, senhor prefeito. Vou mantê-lo informado. Mais um conselho: nada de contar muitas histórias aos jornalistas. No fundo, não há nada de muito preocupante nisso tudo. Vamos?

Esta última palavra se dirigia ao jovem guarda municipal, que olhou para o prefeito como que dizendo: “Desculpe. Sou obrigado a ir com ele”.

O inspetor Leroy girava em torno do doutor como um homem embaraçado com um fardo incômodo.

Viu-se Maigret dar de passagem um tapinha no rosto de Emma, depois atravessar a praça não dando a mínima para a curiosidade das pessoas.

— É por aqui?

— É. Temos de contornar as bacias do porto. Vai levar uma meia hora.

Os pescadores estavam menos chocados que a população com o drama que se desenrolava em torno do Café de l’Amiral, e uma dezena de barcos, aproveitando a relativa calma, se dirigiam movidos pelo remo de popa para a saída do porto, rumando daí para alto-mar.

O guarda lançava a Maigret olhares de um colegial desejoso de agradar a seu professor.

— O senhor sabe... o prefeito e o doutor jogavam cartas juntos pelo menos duas vezes por semana. Deve ter sido um golpe para ele.

— O que o pessoal do lugar conta?

— Depende das pessoas. A gente miúda, os operários, os pescadores não dão muita bola. Aliás, estão quase contentes com os acontecimentos. Porque o doutor, o sr. Le Pommeret e o sr. Servières não tinham muito boa reputação. Eram senhores, é claro. Ninguém ousava dizer nada a eles. Em todo caso, abusavam um pouco, quando depravavam as meninas das fábricas. No verão, com os amigos de Paris, era pior. Estavam sempre bebendo, fazendo algazarra nas ruas às duas da manhã, como se a cidade pertencesse a eles. Volta e meia recebíamos queixas. Principalmente do sr. Le Pommeret, que não podia ver um rabo de saia. É triste dizer, mas as

fábricas não trabalham. Tem muito desemprego. Então, por dinheiro, todas essas moças...

— Então, quem dá bola?

— Os outros! Os burgueses! E os comerciantes que se enturmavam com o grupo do Café de l'Amiral. O café era como que o centro da cidade, sabe? Até o prefeito ia.

O guarda estava lisonjeado com a atenção que Maigret lhe dava.

— Onde estamos?

— Acabamos de sair da cidade. A partir daqui, a orla é quase deserta. Só tem rochedos, bosques de pinheiros, algumas casas de veraneio de gente de Paris. É o que chamamos de ponta do Cabélou.

— Quem lhe deu a ideia de fuçar deste lado?

— Quando o senhor nos disse, a meu colega e a mim, para procurar um vagabundo que poderia ser o dono do cachorro amarelo, primeiro vasculhamos os barcos velhos do anteporto. De vez em quando encontramos por lá algum pobre coitado. No ano passado, um barco se incendiou porque um vagabundo esqueceu de apagar o fogo que havia acendido para se aquecer.

— Não encontraram nada?

— Nada. Meu colega é que se lembrou do velho posto de vigia do Cabélou. Estamos chegando nele. Está vendo aquela construção quadrada de pedra, na extremidade do rochedo? Data da mesma época das fortificações da cidade velha. Venha por aqui. Cuidado com a sujeira. Havia muito tempo vivia lá um guarda, um vigia, cuja missão era assinalar as passagens de navios. Dá para ver longe. Domina-se o estreito das ilhas Glénan, a única passagem de acesso à enseada. Mas deve fazer uns cinquenta anos que foi desativado.

Maigret atravessou uma passagem cuja porta havia desaparecido, penetrou num cômodo cujo chão era de terra batida. Voltadas para o largo, seteiras

estreitas davam vista para o mar. De outro lado, uma só janela, sem vidraça, sem montantes.

E nas paredes de pedra inscrições feitas à ponta de faca. No chão, papéis sujos, detritos inomináveis.

— É aqui! Por quase quinze anos um homem viveu aqui, sozinho. Um abobado. Uma espécie de selvagem. Dormia neste canto, indiferente ao frio, à umidade, às tempestades que jogavam bateladas de mar pelas seteiras. Era uma curiosidade. Os parisienses vinham vê-lo no verão, lhe davam umas moedas. Um vendedor de cartões-postais teve a ideia de fotografá-lo e vender os retratos na entrada. O homem acabou morrendo durante a guerra. Não passou pela cabeça de ninguém limpar o lugar. Ontem eu pensei que, se alguém se escondia nas redondezas, podia ser aqui.

Maigret pegou uma estreita escada de pedra construída na espessura da parede, chegou a uma guarita, ou antes, a uma torre de granito aberta dos quatro lados que permitia admirar toda a região.

— Era o posto de vigia. Antes da invenção dos faróis, acendiam uma fogueira no terraço. Então, esta manhã cedinho viemos, meu colega e eu. Vínhamos pé ante pé. Embaixo, bem onde o maluco dormia, vimos um homem roncando. Um colosso! Dava para ouvir a sua respiração a quinze metros de distância. Conseguimos algamá-lo antes que ele acordasse.

Tinham descido de volta ao cômodo quadrado que as correntes de ar tornavam glacial.

— Ele resistiu?

— Que nada! Meu colega pediu seus documentos e ele não respondeu. O senhor devia ver! Sozinho era mais forte que nós dois. Tanto que não tirei a mão da coronha do meu revólver. Que mãos! As do senhor são grandes, não é? Bom, tente imaginar mãos duas vezes maiores, com tatuagens.

— Viu o que elas representavam?

— Só vi uma âncora, na mão esquerda, e as letras SS dos dois lados. Mas tinha também uns desenhos complicados. Uma cobra, talvez. Não tocamos

no que estava pelo chão. Olhe!

Havia de tudo: garrafas de vinho bom, destilados de luxo, latas de conserva vazias e umas vinte intactas.

Havia melhor: as cinzas de um fogo que havia sido aceso no meio do cômodo e, pertinho, um pernil de cordeiro devorado. Nacos de pão. Algumas espinhas de peixe. Uma vieira e patas de lagosta.

— Que comilança! — se extasiava o jovem guarda que nunca devia ter feito um banquete assim. — Isso explica as queixas recebidas nestes últimos tempos. Não prestamos atenção, porque não se tratava de nada importante. Um pão de seis libras roubado do padeiro. Um cesto de pescadinhas desaparecido de um barco de pesca. O gerente do empório Prunier que alegava que lhe surrupiavam lagostas durante a noite...

Maigret fazia um estranho cálculo mental, tentava estabelecer em quantos dias um homem de grande apetite podia devorar o que tinha sido consumado ali.

— Uma semana — murmurou. — É, incluindo o pernil.

Perguntou de repente:

— E o cachorro?

— Pois é, não o achamos! Tem rastros de patas no chão, mas não vimos o bicho. Sabe, o prefeito deve estar uma fera por causa do doutor. Não me espantaria que ele telegrafe a Paris, como falou.

— O homem estava armado?

— Não. Eu é que revistei seus bolsos, enquanto meu colega Piedboeuf, que segurava as algemas, o mantinha sob a mira do revólver com a outra mão. Num bolso da calça, tinha umas castanhas torradas. Quatro ou cinco. Devem vir da carroça que estaciona sábado e domingo à noite na frente do cinema. E algumas moedas. Nem mesmo dez francos. Uma faca. Mas uma faca nada extraordinária. Como uma dessas que os marinheiros usam para cortar o pão.

— Ele não disse nada?

— Nem uma palavra. Tanto que meu colega e eu pensamos que também era abobado, como o antigo inquilino. Olhava para a gente como um urso. Tinha uma barba de oito dias, dois dentes quebrados bem no meio da boca.

— As roupas?

— Não sei dizer. Um terno velho. Nem sei se usava por baixo uma camisa ou um suéter. Ele nos acompanhou docilmente. Estávamos orgulhosos da nossa presa! Podia ter fugido dez vezes antes de chegar à cidade. De modo que estávamos despreocupados quando, com um puxão, arreventou as correntes das algemas. Achei que tinha arrancado meu pulso direito. Ainda estou com as marcas. Falando do dr. Michoux...

— Diga!

— O senhor soube que a mãe dele deve voltar hoje ou amanhã. É viúva de um deputado. Dizem que tem muita influência. E é amiga da mulher do prefeito.

Maigret contemplou o oceano acinzentado através das seteiras. Pequenos barcos a vela se esgueiravam entre a ponta do Cabélou e um recife que as ondas deixavam perceber, viravam de bordo e iam lançar suas redes a menos de uma milha.

— O senhor acha mesmo que foi o doutor que...?

— Vamos embora! — disse o comissário.

A maré subia. Quando saíram, a água começava a lamber a plataforma. Um garoto, a uns cem metros dele, pulava de pedra em pedra, procurando os puçás que havia colocado entre elas. O jovem policial não se resignava ao silêncio.

— O mais extraordinário é que tenham atacado o sr. Mostaguen, que é o melhor homem de Concarneau. Tanto que queriam que ele fosse conselheiro-geral. Parece que escapou, mas a bala não pôde ser extraída. De modo que a vida toda vai guardar um pedaço de chumbo no ventre! E pensar que não fosse a ideia de acender um charuto...

Não contornaram as bacias do porto, mas atravessaram uma parte deste no barco que faz a travessia entre a passagem e a cidade velha.

A pouca distância do lugar em que, na véspera, os jovens apedrejavam o cachorro amarelo, Maigret avistou um muro, uma porta monumental encimada por uma bandeira e pelas palavras “Gendarmaria Nacional”.

Atravessou o pátio de uma construção datando da época de Colbert. Numa sala, o inspetor Leroy discutia com um brigadeiro.

— E o doutor? — perguntou Maigret.

— Justamente! O oficial não quer saber de mandar vir as refeições de fora.

— A não ser que o senhor assuma a responsabilidade! — disse o guarda a Maigret. — E lhe pedirei um documento que me isente dela.

O pátio estava calmo como um claustro. Um chafariz fazia um adorável glu-glu.

— Onde ele está?

— Ali, à direita. Empurre a porta. É a segunda do corredor. Quer que vá abrir para o senhor? O prefeito telefonou recomendando tratar o preso com a maior consideração.

Maigret coçou o queixo. O inspetor Leroy e o guarda municipal, que eram quase da mesma idade, olhavam para ele com igual curiosidade tímida.

Alguns instantes depois, o comissário entrava sozinho na cela de paredes caiadas, que não era mais triste que um dormitório de quartel.

Michoux, sentado diante de uma mesinha de madeira branca, se levantou à sua chegada, hesitou um instante, começou olhando para outro lado:

— Imagino, comissário, que o senhor tenha encenado essa comédia para evitar um novo drama, me pondo ao abrigo de... dos...

Maigret percebeu que não tinham tirado seus suspensórios, nem seu cachecol, nem seus cadarços, como é de regra. Com a ponta do pé puxou uma cadeira, sentou, encheu o cachimbo e grunhiu, bonachão:

— Ora vamos, doutor, sente-se!

6. Um covarde

— O senhor é supersticioso, comissário?

Maigret, a cavalo na sua cadeira, cotovelos no encosto, esboçou uma expressão que podia ser tudo o que se quisesse. O doutor não sentara.

— Acho que no fundo todos nós somos, num momento dado, ou, se preferir, no momento em que somos visados.

Tossiu em seu lenço, para o qual olhou com preocupação, prosseguiu:

— Oito dias atrás eu lhe teria respondido que não acreditava nos oráculos, mas, faz uns cinco anos talvez... Éramos alguns amigos jantando na casa de uma atriz em Paris. Na hora do café, alguém propôs ler as cartas. Sabe o que me anunciou? Não imagina como ri. Gargalhei ainda mais porque se distanciava do refrão habitual: loura, senhor de idade que quer o seu bem, carta que vem de longe, et cetera.

“A mim disseram:

‘O senhor vai ter uma morte feia. Uma morte violenta. Cuidado com os cachorros amarelos...’”

Ernest Michoux ainda não havia olhado para o comissário, no qual pousou seu olhar. Maigret estava plácido. Era até, enorme em sua cadeirinha, uma estátua da placidez.

— Não se espanta com isso? Durante anos e anos não ouvi falar em cachorro amarelo. Sexta-feira um drama se produz. Um dos meus amigos é a vítima. Eu poderia, tanto quanto ele, ter me abrigado naquela entrada e sido atingido pela bala. E eis que surge um cachorro amarelo!

“Outro amigo desaparece em circunstâncias inauditas. E o cachorro amarelo continua rondando!

“Ontem foi a vez de Le Pommeret. O cachorro amarelo! E o senhor quer que eu não fique impressionado?”

Michoux nunca havia falado tanto de um só fôlego, e à medida que falava recobrava a consistência. Como único encorajamento, o comissário suspirou:

— Claro, claro...

— Não é perturbador? Eu me dou conta de que devo ter lhe dado a impressão de ser um covarde. Pois bem, fiquei com medo, sim. Um medo vago, que me assaltou desde o primeiro drama, principalmente quando se falou de um cachorro amarelo.

Percorria a cela a passos curtos, olhando para o chão. Seu rosto se animava.

— Quase pedi sua proteção, mas temi ver o senhor achar graça. Temo mais ainda seu desprezo. Porque os homens fortes desprezam os covardes.

Sua voz se tornava aguda.

— E, confesso, comissário, sou um covarde! Faz quatro dias que estou com medo, quatro dias que sofro com o medo. Não é culpa minha! Estudei medicina o bastante para formar uma ideia exata do meu caso.

“Quando nasci, tiveram de me colocar numa incubadora artificial. Na minha infância, colecionei todas as doenças infantis.

“E quando a guerra estourou, os médicos que examinavam quinhentos homens por dia me declararam bom para o serviço e me mandaram para o front. Ora, não só eu tinha fraqueza pulmonar com cicatrizes de antigas lesões, como dois anos antes tinham me tirado um rim.

“Fiquei com medo! Um medo enlouquecedor! Os enfermeiros me recolheram quando eu acabava de ser enterrado num buraco pela deflagração de um obus. Finalmente perceberam que eu não era apto para o serviço militar.

“O que conto ao senhor talvez não seja muito bonito. Mas eu o observei. Tenho a impressão de que é capaz de compreender.

“É fácil o desprezo dos fortes pelos covardes. Mas as pessoas deveriam se interessar por conhecer as causas profundas da covardia.

“Por exemplo! Percebi que o senhor não via com simpatia nosso grupo do Café de l’Amiral. Disseram ao senhor que eu vendia terrenos. Filho de um ex-deputado. Doutor em medicina. E aquelas noites em volta de uma mesa de café, com outros fracassados.

“Mas o que eu podia fazer? Meus pais gastavam muito dinheiro, mas não eram ricos. Não é raro em Paris. Fui criado no luxo. Nas grandes estações de águas. E aí meu pai morre e minha mãe começa a investir na Bolsa, a conchavar, sempre tão grande dama quanto antes, sempre tão orgulhosa, mas acossada pelos credores.

“Ajudei-a! Era tudo o que eu era capaz de fazer. Esse loteamento... nada de prestigioso. E esta vida aqui. Figurões locais! Mas sem maior envergadura.

“Faz três dias que o senhor me observa e que tenho vontade de lhe falar de coração aberto. Fui casado. Minha mulher pediu o divórcio porque queria um homem animado por maiores ambições.

“Um rim a menos. Três ou quatro dias por semana me arrastando, doente, cansado, da minha cama a uma poltrona.”

Sentou-se com lassidão.

— Emma deve ter lhe dito que fui seu amante. Bobagem, não é? Porque às vezes precisamos de uma mulher. A gente não explica essas coisas a todo mundo.

“No Café de l’Amiral eu poderia ter acabado enlouquecendo. O cachorro amarelo. Servières que sumiu. As manchas de sangue no carro. E principalmente essa morte ignóbil de Le Pommeret.

“Por que ele? Por que não eu? Estávamos juntos duas horas antes, na mesma mesa, diante dos mesmos copos. E eu tinha o pressentimento de que

se saísse de casa seria a minha vez. Depois senti que o círculo se estreitava, que mesmo no hotel, mesmo trancado no meu quarto, o perigo me perseguia.

“Tive um tremor de alegria quando vi o senhor assinar meu mandado de prisão. No entanto...”

Olhou para as paredes ao redor, para a janela com três barras de ferro que dava para o pátio.

— Tenho que mudar meu catre de lugar, empurrá-lo para este canto. Como é, sim, como é que puderam falar de um cachorro amarelo cinco anos atrás, quando esse cachorro sem dúvida nem havia nascido! Pouco importa o que as pessoas pensarão ao saber que estou na prisão. O que não quero é morrer! E alguém me espreita, alguém que não sei quem é, que já matou Le Pommeret, que sem dúvida matou Goyard, que atirou em Mostaguen. Por quê? Me diga! Por quê? Um louco, na certa. E ainda não conseguiram abatê-lo. Está solto! Talvez ronde em torno de nós. Sabe que estou aqui. Vai vir, com seu cachorro horroroso que tem um olhar humano...

Maigret se levantou lentamente, bateu o cachimbo no calcanhar do sapato. E o doutor repetiu com uma voz de dar dó:

— Sei que para o senhor caso o efeito de um covarde. Sabe, tenho certeza de que vou sofrer como um condenado esta noite por causa do meu rim.

Maigret estava plantado ali como a antítese do preso, da agitação, da febre, da doença, a antítese daquele pavor malsão e repugnante.

— Quer que eu chame um médico?

— Não! Se eu soubesse que vinha alguém teria mais medo ainda. Acharia que *ele* é que viria, o homem do cachorro, o assassino.

Mais um pouco estaria batendo os dentes.

— O senhor acha que vai prendê-lo ou abatê-lo como um animal raivoso? Porque ele é raivoso! Ninguém mata assim, sem razão.

Mas três minutos e ele teria uma crise de nervos. Maigret preferiu sair, enquanto o detento o acompanhava com o olhar, a cabeça enfiada nos ombros, as pálpebras avermelhadas.

— Entendeu? Ninguém pode entrar na cela, a não ser você, que deve levar pessoalmente para ele a comida e tudo o que ele pedir. No entanto, não deixe nada que ele possa usar como arma para se matar. Tire os cadarços, a gravata... O pátio deve ser vigiado noite e dia. Consideração! Muita consideração!

— Um homem tão distinto — suspirou o gendarme. — O senhor acha que ele é que...?

— Que é a próxima vítima? Sim! O senhor é responsável pela vida dele!

E Maigret se foi ao longo da rua estreita, pisando nas poças d'água. Toda a cidade já o conhecia. As cortinas tremelicavam à sua passagem. Os garotos paravam de brincar e olhavam para ele com um respeito temeroso.

Atravessava a ponte levadiça que liga a cidade velha à cidade nova quando encontrou o inspetor Leroy que o procurava.

— Novidades? Pegaram o meu urso, pelo menos?

— Que urso?

— O homem de pé grande.

— Não. O prefeito deu ordem de cessar as buscas, que excitavam a população. Deixou alguns gendarmes postados nos lugares estratégicos. Mas não é disso que quero lhe falar. É sobre o jornalista, Goyard, dito Jean Servières. Um caixeiro-viajante que o conhece e acaba de chegar afirma tê-lo encontrado ontem em Brest. Goyard fingiu não vê-lo e virou a cara.

O inspetor se espantou com a calma com que Maigret recebia a notícia.

— O prefeito está convencido de que o viajante se enganou. Há muitos homens gorduchos e baixinhos em todas as cidades. Sabe o que eu o ouvi dizer a seu assistente, a meia-voz, talvez esperando que eu ouvisse?

Literalmente: “Você vai ver o comissário seguir essa pista falsa, ir para Brest e deixar o verdadeiro assassino por nossa conta!”.

Maigret deu uns vinte passos em silêncio. Na praça, desmontavam as barracas da feira.

— Quase respondi a ele que...

— Que o quê?

Leroy enrubesceu, virou a cara.

— Aí é que está! Não sei. Tive a impressão de que o senhor não daria também muita importância à captura do vagabundo.

— Como vai Mostaguen?

— Melhor. Não consegue entender a agressão de que foi vítima. Pediu desculpa à mulher. Desculpa por ter ficado até tarde no café! Desculpa por ter se embriagado um pouco! Jurou em lágrimas que não beberia mais uma gota de álcool.

Maigret tinha parado em frente ao porto, a cinquenta metros do Hôtel de l’Amiral. Barcos voltavam, recolhiam a vela amarronzada ao contornar o molhe, empurravam-se lentamente com o remo de popa.

A maré baixa descobria, ao pé das muralhas da cidade velha, os bancos de lodo encastoados com panelas velhas e detritos.

Adivinhava-se o sol atrás da abóbada de nuvens.

— Sua impressão, Leroy?

O inspetor se perturbou mais ainda.

— Não sei. Parece que se pegarmos esse homem... Note que o cachorro amarelo desapareceu de novo. O que ele podia fazer na casa do doutor? Devia conseguir o veneno lá. Deduzo...

— Sim, claro. Só que eu não deduzo.

— Em todo caso, tenho a curiosidade de ver o vagabundo de perto. As pegadas provam que é um colosso.

— Justamente!

— O que o senhor quer dizer?

— Nada!

Maigret não se mexia, parecia deslumbrar-se contemplando o panorama do pequeno porto, a ponta do Cabélou, à esquerda, com seu bosque de pinheiros e seus rochedos avançando no mar, a baliza vermelha e negra, as boias escarlates assinalando o canal até as ilhas Glénans, que o céu cinzento não permitia avistar.

O inspetor ainda tinha muitas coisas a dizer.

— Telefonei a Paris para obter informações sobre Goyard, que viveu lá bastante tempo.

Maigret olhou para ele com uma afetuosa ironia, e Leroy, atingido em seu amor-próprio, recitou rápido:

— As informações são ótimas ou péssimas. Falei com um ex-agente da Brigada de Costumes que o conheceu pessoalmente. Parece que evoluiu por um bom tempo às margens do jornalismo. Primeiro, colunista social. Depois secretário de um pequeno teatro. Depois diretor de um cabaré de Montmartre. Dois fracassos. Redator-chefe, durante dois anos, de um jornal de província, em Nevers, creio. Por fim, gerencia uma boate. *Uma pessoa que sabe se virar.* Foram os termos do agente. É verdade que acrescentou: *Um bom sujeito. Quando percebeu que no fim das contas tudo que ia conseguir era devorar seus trocados ou arranjar encrencas, preferiu mergulhar de novo na província.*

— E daí?

— Daí eu me pergunto por que ele simulou essa agressão. Fui ver o carro outra vez. Tem manchas de sangue, verdadeiras. E, se foi atacado, por que não deu sinal de vida, já que agora bate pernas em Brest?

— Muito bem!

O inspetor olhou vivamente para Maigret, querendo ver se ele não estava brincando. Mas não! O comissário estava sério, os olhos pregados numa mancha de sol que nascia ao longe no mar.

— Quanto a Le Pommeret...

— Tem alguma dica?

— O irmão dele veio ao hotel falar com o senhor. Não tinha tempo para esperar. Falou horrores do morto. Pelo menos para ele é grave: um boavida. Duas paixões: as mulheres e as caçadas. Mais a mania de se endividar e bancar o grã-fino. Um detalhe entre outros mil. O irmão, que é mais ou menos o maior industrial do lugar, me declarou: “Eu me contento em me vestir em Brest. Não é luxuoso, mas é de boa qualidade, confortável. Yves ia a Paris encomendar suas roupas. E fazia questão de sapatos assinados por um grande sapateiro! Nem mesmo minha mulher usa sapatos sob medida!”.

—Muito boa! — disse Maigret, para grande espanto, se não indignação, do seu colega.

— Por quê?

— Formidável, se prefere. Conforme sua expressão de há pouco é um verdadeiro mergulho na vida de província que estamos dando. E é bonito como uma antiguidade. Saber se Le Pommeret usava sapatos comprados prontos ou sob medida! Parece que não é nada... Acredite se quiser, mas é o nó do drama. Vamos tomar um aperitivo, Leroy! Como essas pessoas tomavam todos os dias: no Café de l’Amiral!

O inspetor observou mais uma vez seu chefe, perguntando-se se não estava caçoando dele. Havia esperado felicitações por sua atividade da manhã e por suas iniciativas.

E Maigret parecia levar tudo na chacota!

Produziu-se a mesma reação de quando o professor entra numa turma onde os alunos conversavam. O falatório cessou, os jornalistas se precipitaram em direção ao comissário.

— Podemos anunciar a detenção do doutor? Ele confessou alguma coisa?

— Nada!

Maigret os afastou com um gesto, pediu a Emma:

— Dois Pernods, menina.

— Mas se o senhor deteve o sr. Michoux...

— Querem saber da verdade?

Eles já estavam com os blocos na mão. Esperavam, canetas em riste.

— Pois bem! Ainda não apareceu a verdade. Pode ser que apareça um dia. Pode ser que não.

— Dizem que Jean Goyard...

— Está vivo! Melhor para ele!

— Em todo caso, tem um homem que se esconde, que procuram em vão...

— O que prova a inferioridade do caçador em relação à caça.

E retendo Emma pela manga, Maigret diz docemente:

— Mande levarem meu almoço no quarto.

Tomou o aperitivo de um só gole, levantou-se.

— Um conselho, senhores. Nada de conclusões prematuras. E principalmente, nada de deduções.

— Mas e o culpado?

Maigret deu de ombros, bufou:

— Quem sabe?

Já estava ao pé da escada. O inspetor Leroy lhe dirigia um olhar interrogador.

— Não, meu velho. Coma no restaurante. Preciso descansar.

Ouviram-no subir os degraus com passos pesados. Dez minutos depois, Emma subiu por sua vez levando uma bandeja de entradas.

Depois viram-na levar uma vieira e uma vitela assada com espinafre. No salão, a conversa esmorecia. Um dos jornalistas foi chamado ao telefone e declarou:

— É, lá pelas quatro. Espero lhe passar uma matéria sensacional. Ainda não. Temos que esperar.

Sozinho a uma mesa, Leroy comia com modos de rapaz fino, limpando a cada instante os lábios com o canto do guardanapo.

A gente da feira observava a fachada do Café de l'Amiral, esperando confusamente algo acontecer.

Um gendarme estava postado na esquina da ruela pela qual o vagabundo desaparecera.

— O senhor prefeito está chamando o comissário Maigret ao telefone.

Leroy se mexeu, ordenou a Emma:

— Vá avisá-lo lá em cima.

Mas a garçonete desceu, declarando:

— Não está mais lá.

O inspetor subiu a escada de quatro em quatro, voltou pálido, pegou o fone.

— Alô? Sim, senhor prefeito, não sei. Es... estou muito preocupado. O comissário não está mais aqui. Alô? Não sei lhe dizer. Ele almoçou no quarto. Não o vi descer. Te... telefone ao senhor daqui a pouco.

E Leroy, que não tinha largado seu guardanapo, serviu-se dele para enxugar o suor da testa.

7. O casal da vela

O inspetor só voltou para seu quarto meia hora depois. Na mesa encontrou um bilhete em código Morse dizendo:

Suba no telhado esta noite por volta das onze, sem ser visto. Vai me encontrar. Não faça barulho. Diga que parti para Brest, de onde lhe telefonei. Não saia do hotel. Maigret.

Pouco antes das onze, Leroy tirou os sapatos, pôs as pantufas de feltro que tinha comprado de tarde para aquela expedição que não deixava de ser impressionante.

Depois do segundo andar, não havia mais escada, apenas uma escada de mão fixa, sob o alçapão do teto. Entrando por ele, deu num sótão gelado pelas correntes de ar, onde se arriscou a acender um fósforo.

Alguns instantes depois, passava pela lucarna, mas não ousava descer imediatamente para a beira do telhado. Tudo era frio. Em contato com as chapas de zinco, os dedos congelavam. E Leroy não tinha querido se atravancar com o sobretudo.

Quando seus olhos se acostumaram à escuridão, acreditou distinguir uma massa sombria, maciça, como um enorme animal à espreita. Suas narinas reconheceram baforadas de cachimbo. Assobiou levemente.

No instante seguinte, estava emboscado no beiral ao lado de Maigret. Não dava para enxergar nem o mar nem a lua. Estavam na vertente do telhado

oposta ao cais, à beira de uma trincheira negra, que outra coisa não era senão a tal ruela pela qual o vagabundo de pé grande havia escapado.

Todos os planos eram irregulares. Havia telhados bem baixos, outros da altura de dois homens. Algumas janelas estavam iluminadas aqui e ali. Umhas tinham cortinas nas quais eram como que representadas peças de teatro de sombras chinês. Num quarto, bem longe, uma mulher banhava um bebezinho numa bacia esmaltada.

A massa do comissário se mexeu, ou antes, se arrastou até sua boca ficar colada ao ouvido do colega.

— Cuidado! Nada de movimentos bruscos. O beiral não é sólido, embaixo de nós tem uma calha pedindo para desabar barulhentemente. Os jornalistas?

— Estão lá embaixo, menos um, à procura do senhor em Brest, persuadido de que o senhor segue a pista de Goyard.

— Emma?

— Não sei. Não prestei atenção nela. Foi ela que me serviu o café depois do jantar.

Era desconcertante se encontrar assim, sem ninguém saber, no alto de uma casa cheia de vida, de pessoas que circulavam no calor, na luz, sem precisar falar baixo.

— Bom. Vire devagarinho para o imóvel à venda. Devagarinho!

Era a segunda casa à direita, uma das raras da altura do hotel. Ela se encontrava num trecho de escuridão completa, e no entanto o inspetor teve a impressão de que uma claridade se refletia num vidro sem cortina do segundo andar.

Pouco a pouco percebeu que não era um reflexo vindo de fora, mas uma tênue luz interior. À medida que fixava os olhos no mesmo ponto do espaço, as coisas iam surgindo nele.

Um assoalho encerado... Uma vela parcialmente gasta cuja chama era reta, envolta num halo.

— É ele! — disse de repente, elevando a voz sem querer.

— Psss! É...

Alguém estava deitado no assoalho, metade na parte iluminada pela vela, metade na penumbra. Via-se um sapato enorme, um torso largo moldado por um suéter de marinheiro.

Leroy sabia que havia um gendarme na esquina da ruela, outro na praça, mais outro andando pelo cais.

— Vai prendê-lo?

— Não sei. Faz três horas que dorme.

— Está armado?

— Hoje de manhã não estava.

Mal dava para ouvir as sílabas pronunciadas. Era um murmúrio indistinto, misturado ao sopro das respirações.

— O que estamos esperando?

— Não sei. Gostaria de saber por que acendeu uma vela, se está sendo procurado e dorme. Atenção!

Um quadrado amarelo acabava de surgir numa parede.

— Acenderam a luz no quarto de Emma, embaixo de nós. É o reflexo.

— Não jantou, comissário?

— Trouxe pão e salaminho. Não está com frio?

Os dois estavam gelados. No céu, viam passar o raio luminoso do farol em intervalos regulares.

— Ela apagou...

— Sim. Psss!

Houve cinco minutos de silêncio, de morosa espera. Depois a mão de Leroy buscou a de Maigret, apertou-a de forma significativa.

— Embaixo...

— Eu vi.

Uma sombra, na parede caiada que separava o jardim da casa vazia e a ruela.

— Ela vai se encontrar com ele — sussurrou Leroy que não conseguia se resignar ao silêncio.

No andar de cima, o homem continuava dormindo, perto da vela. Um pé de groselha farfalhou no jardim. Um gato fugiu por uma calha.

— Tem um isqueiro?

Maigret não ousava acender o cachimbo. Hesitou por um bom tempo. Acabou fazendo um anteparo com o casaco do colega e riscou vivamente um fósforo, enquanto o inspetor sentia novamente o cheiro quente de tabaco.

— Olhe!

Não disseram mais nada. O homem se levantara com um movimento tão súbito que quase derrubou a vela. Recuava para a sombra, enquanto a porta se abria, Emma aparecia na luz, hesitante, tão lastimável que dava a impressão de ser uma culpada.

Tinha alguma coisa debaixo do braço: uma garrafa e um pacote que pôs no chão. O papel se desfez em parte, deixando ver um frango assado.

Ela falava. Seus lábios se moviam. Dizia apenas algumas palavras, humildemente, tristemente. Mas seu companheiro não estava visível aos policiais.

Será que ela chorava? Usava seu vestido preto de garçonne, a touca bretã. Tirara apenas o avental branco, e isso lhe dava um aspecto mais arrasado que de costume.

Sim, ela devia chorar ao falar, ao pronunciar palavras espaçadas. Prova disso é que se apoiava de repente na moldura da porta, enfiava o rosto no braço dobrado. Suas costas se erguiam a uma cadência irregular.

O homem, surgindo, escureceu quase todo o retângulo da janela, desimpediou depois a perspectiva caminhando para o fundo do cômodo. Sua enorme mão se abateu sobre o ombro da moça, deu-lhe tal sacolejão que Emma fez uma meia-volta completa, quase caiu, mostrou uma face tristemente pálida, lábios inchados pelos soluços.

Mas era tão impreciso, tão flou quanto um filme projetado quando as lâmpadas da sala estão acesas. Faltava outra coisa: ruídos, vozes...

Sempre como cinema: cinema sem música.

E no entanto era o homem que falava. Devia falar alto. Era um urso. A cabeça enfiada nos ombros, o torso moldado pelo suéter que realçava os peitorais, cabelos cortados rentes como os de um prisioneiro, punhos nas ancas, gritava censuras, ou injúrias, ou ameaças.

Devia estar prestes a bater nela. A tal ponto que Leroy tentou encostar mais em Maigret, como que para ganhar confiança.

Emma continuava chorando. Sua touca agora estava de través. Seu coque ia se desfazer. Uma janela se fechou em algum lugar e desviou a atenção deles por um segundo.

— Comissário, será que não...

O cheiro de tabaco envolvia os dois homens e lhes dava como que uma ilusão de calor.

Por que Emma juntava as mãos? Ela falava de novo. Seu rosto estava deformado por uma expressão confusa de medo, rogo, dor, e o inspetor Leroy ouviu Maigret engatilhar o revólver. Não havia mais de quinze a vinte metros entre os dois grupos. Um estampido seco, um vidro se estilhaçando, e o colosso estaria fora de combate.

Agora ele andava de um lado para o outro, as mãos nas costas, parecia mais baixo, mais largo. Seu pé bateu no frango. Quase escorregou e o chutou enraivecido para a sombra.

Emma olhou para aquele lado.

O que os dois estariam dizendo? Qual seria o tema desse diálogo patético?

Porque o homem parecia repetir as mesmas palavras. Mas não as repetia de um modo mais manso?

Ela caiu de joelhos, melhor dizendo, se pôs de joelhos no caminho dele e estendeu para ele os braços. O colosso fingiu não vê-los, evitou-a, e já não era de joelhos que agora estava, mas quase deitada, um braço implorante.

Ora se via o homem, ora a sombra o absorvia. Quando voltou, se empertigou diante da moça suplicante, que fitou de alto a baixo.

Voltou a andar, se aproximou, afastou-se de novo, e então ela não teve mais força, ou coragem, para estender o braço em direção a ele, para suplicar. Ela se deixou desabar, estendida por inteiro no assoalho. A garrafa de vinho estava a menos de vinte centímetros da sua mão.

Foi inesperado. O vagabundo se inclinou, ou melhor, baixou uma das suas pesadas patas, agarrou a roupa pelo ombro e, com um só movimento, pôs Emma de pé. Tudo isso tão brutalmente que ela cambaleou quando ele não a segurava mais.

Mas seu rosto decomposto não traía uma esperança? O coque tinha se desfeito. A touca branca caíra no chão.

O homem andava. Duas vezes evitou sua companheira desamparada.

Da terceira vez, tomou-a em seus braços, apertou-a contra si, virou a cabeça de Emma para trás. E gulosamente colou seus lábios no dela.

Só se via agora seu dorso, um dorso inumano, com uma mãozinha de mulher crispada em seu ombro.

Com seus dedos grossos, o bruto sentia a necessidade, sem desgrudar seus lábios, de acariciar os cabelos pendentes, de acariciá-los como se quisesse aniquilar sua companheira, esmagá-la, melhor: incorporá-la a si.

— Essa é boa! — fez a voz atarantada do inspetor.

E Maigret ficara tão tocado que, em contrapartida, quase soltou uma gargalhada.

Fazia quinze minutos que Emma estava ali? O enlace havia cessado. A vela não ia durar mais que cinco minutos. E havia na atmosfera uma descontração quase visível.

Será que a garçonete não ria? Devia ter encontrado em algum lugar um pedaço de espelho. Em plena luz, dava para vê-la enrolar seus cabelos

compridos, prendê-los com um grampo de cabelo, procurar no chão outro grampo que havia perdido, segurá-lo com os dentes enquanto punha a touca.

Era quase bonita. Era bonita! Tudo era comovente, até seu peito chato, sua saia preta, suas pálpebras vermelhas. O homem havia pegado o frango. E, sem perdê-la de vista, mordida com apetite, estalava os ossos, arrancava retalhos de carne.

Buscou uma faca no bolso, não achou, quebrou o gargalo da garrafa batendo-o contra o calcanhar do sapato. Bebeu. Quis fazer Emma beber, ela tentou recusar, rindo. Quem sabe o vidro quebrado lhe dava medo. Mas ele a obrigou a abrir a boca, derramou lentamente o líquido.

Ela engasgou, tossiu. Então ele a pegou pelos ombros, beijou-a de novo, não mais nos lábios, porém. Beijava-a alegremente, pequenos beijos nas faces, nos olhos, na testa e até na touca de renda.

Ela estava pronta. Ele veio colar o rosto à janela e mais uma vez preencheu quase todo o retângulo luminoso. Quando se virou, foi para apagar a vela.

O inspetor Leroy estava tenso.

— Eles vão embora juntos.

— É.

— Vão ser presos!

O pé de groselha do jardim tremeu. Depois uma forma foi içada até o topo do muro. Emma se encontrou no beco, esperou o amante.

— Siga-os de longe. Não deixe de maneira nenhuma eles te perceberem. Logo que puder, me dê notícias.

Como o vagabundo fizera com a companheira, Maigret ajudava o inspetor a se içar ao longo das ardósias até a lucarna. Depois se inclinou para espiar o beco, onde os dois personagens já não eram mais que duas cabeças.

Hesitavam. Cochichavam. Foi a garçonete que levou o homem para uma espécie de galpão onde desapareceram, porque a porta estava fechada

apenas com um trinco.

Era o galpão do negociante de cordoalha. Dava para o armazém onde, naquela hora, não havia ninguém. Uma fechadura a arrombar, e o casal chegaria ao cais.

Mas Leroy estaria lá antes deles.

Assim que desceu a escada do sótão, o comissário compreendeu que acontecia algo de anormal. Ouviu um zum-zum no hotel. Embaixo, o telefone funcionava no meio da gritaria.

Inclusive a voz de Leroy, que devia estar ao telefone, porque erguia consideravelmente o tom.

Maigret se precipitou escada abaixo, chegou ao térreo, topou com um jornalista.

— O que houve?

— Um novo crime. Faz uns quinze minutos. Na cidade. O ferido foi transportado para a farmácia.

O comissário se precipitou primeiro para o cais, viu um gendarme que corria brandindo um revólver. Raramente o céu esteve tão escuro. Maigret alcançou o homem.

— O que está acontecendo?

— Um casal que acaba de sair do armazém. Eu fazia a ronda em frente. O homem quase trombou comigo. Não adianta correr. Devem estar longe!

— Explique-se!

— Ouvi barulho na loja, onde não havia mais luz. Espreitava de arma em punho. A porta se abriu. Um sujeito saiu. Mas não tive tempo de rendê-lo. Me deu um soco tão violento na cara que caí no chão. Soltei meu revólver. Eu só tinha um receio, que ele pegasse a arma. Mas não! Foi buscar uma mulher que o esperava à porta. Ela não podia correr. Pegou-a no colo. O tempo que levei para me levantar, comissário... Um soco assim... Olhe, está

sangrando! Correram ao longo do cais. Devem ter dado a volta na bacia. Por ali há uma porção de ruelas, depois o campo.

O gendarme enxugava o sangue do nariz com o lenço.

— Ele podia ter me matado! Seu punho é um martelo!

Continuava-se ouvindo a gritaria vinda do hotel, cujas janelas estavam iluminadas. Maigret deixou o gendarme, virou a esquina, viu a farmácia cujas venezianas estavam fechadas, mas cuja porta aberta deixava escapar um fecho de luz. Umhas vinte pessoas se aglomeravam em frente a essa porta. O comissário afastou-as a cotoveladas.

Dentro, um homem deitado no assoalho soltava gemidos ritmados olhando para o teto.

A mulher do farmacêutico, de camisola, fazia mais barulho sozinha do que todo mundo junto.

E o próprio farmacêutico, que havia posto um casaco por cima do pijama, se agitava desnortado, sacudia frascos, abria grandes pacotes de algodão hidrófilo.

— Quem é? — perguntou Maigret.

Não esperou a resposta, porque havia reconhecido o uniforme do guarda alfandegário, de cuja calça haviam rasgado uma perna. E agora reconhecia o rosto.

Era o guarda que, na sexta-feira precedente, estava de serviço no porto e havia assistido de longe ao drama de que Mostaguen fora vítima.

Um médico chegava, esbaforido, olhava para o ferido, depois para Maigret, exclamava:

— O que foi dessa vez?

Um pouco de sangue escorria no chão. O farmacêutico havia lavado a perna do guarda alfandegário com água oxigenada, que formava filetes de espuma rosada.

Do lado de fora, um homem contava, talvez pela décima vez, com uma voz que mesmo assim continuava ofegante:

— Eu estava deitado com minha mulher quando ouvi um barulho parecido a um tiro, depois um grito. Depois mais nada, talvez durante uns cinco minutos. Eu não ousava dormir de novo. Minha mulher quis que eu fosse ver. Notei então uns gemidos que pareciam vir da calçada, juntinho da nossa porta. Abri. Estava armado. Vi uma forma escura. Reconheci o uniforme. Comecei a gritar para acordar os vizinhos, e o fruteiro, que tem um automóvel, me ajudou a trazer o ferido para cá.

— A que horas o tiro foi dado?

— Faz uma meia hora.

Quer dizer, no momento mais comovente da cena entre Emma e o homem das pegadas!

— Onde o senhor mora?

— Sou o veleiro. O senhor passou várias vezes à minha porta. À direita do porto. Para lá do mercado de peixe. Minha casa fica na esquina do cais com uma ruazinha. Depois, as construções se espacejam e só há mansões ajardinadas.

Quatro homens transportaram o ferido para uma sala nos fundos, onde o deitaram num sofá. O doutor dava ordens. Ouvia-se lá fora a voz do prefeito indagar:

— O comissário está aqui?

Maigret foi ao encontro dele, mãos no bolso.

— O senhor há de convir, comissário...

Mas o olhar do seu interlocutor era tão frio que o prefeito perdeu por um instante a pose.

— Foi nosso homem que fez isso, não foi?

— Não.

— Como é que o senhor sabe?

— Sei porque, no momento em que o crime foi cometido, eu o via quase tão bem quanto estou vendo o senhor.

— E não o prendeu?

— Não.

— Me falaram também de um gendarme atacado.

— É verdade.

— O senhor se dá conta das repercussões que esses dramas podem ter? Afinal, desde que o senhor está aqui é que...

Maigret tirava o fone do gancho.

— Ligue para a gendarmaria, senhorita... Sim... Obrigado... Alô, gendarmaria? É o próprio brigadeiro? Alô? Aqui é o comissário Maigret. O dr. Michoux continua aí, por certo... Isso, vá verificar mesmo assim. Como? Tem um homem de sentinela no pátio? Está bem. Eu aguardo.

— O senhor acha que foi o doutor que...?

— De jeito nenhum! Nunca acho nada, senhor prefeito. Alô? Sim! Não saiu daí? Obrigado. Disse que ele está dormindo? Ótimo. Alô? Não. Nada de especial.

Gemidos chegavam da peça dos fundos, de onde uma voz não tardou a chamar:

— Comissário...

Era o médico que enxugava as mãos ainda ensaboadas numa toalha.

— Pode interrogá-lo. A bala só raspou na canela. Sente mais medo do que dor. Devo dizer também que a hemorragia foi bem forte.

O guarda alfandegário tinha lágrimas nos olhos. Enrubesceu quando o doutor prosseguiu:

— Todo seu medo vem de que achava que iam cortar sua perna. Mas daqui a uns oito dias não se verá mais nada.

O prefeito estava parado no umbral da porta.

— Conte como aconteceu — disse delicadamente Maigret, sentando-se à beira do sofá. — Não tenha medo. Ouviu o que o doutor disse?

— Não sei...

— E que mais?

— Hoje, eu acabava o serviço às dez. Moro um pouco depois do lugar em que fui ferido.

— Quer dizer que não foi direto para casa?

— Não. Vi que ainda havia luz no Café de l'Amiral. Tive vontade de saber em que pé estavam as coisas... Juro que minha perna está pegando fogo!

— Não é nada, não é nada — afirmou o médico.

— Estou dizendo que... Bom, já que não é nada... Tomei um chope no café. Só havia uns jornalistas, nem ousei perguntar nada a eles.

— Quem o serviu?

— Uma arrumadeira, acho. Não vi a Emma.

— E depois?

— Quis ir para casa. Passei diante da gendarmaria, onde acendi meu cigarro no cachimbo de um colega. Margeei o cais. Virei à direita. Não havia ninguém. O mar estava lindo. De repente, quando eu acabava de passar por uma esquina, senti uma dor na perna, antes mesmo de ouvir o barulho de uma detonação. Era como o choque de um paralelepípedo que tivesse me acertado bem na canela. Caí. Quis me levantar. Alguém corria. Minha mão encontrou um líquido quente e, não sei como foi, mas revirei os olhos. Achei que tinha morrido...

“Quando voltei a mim, o fruteiro dali abria a porta e não ousava sair.

“É tudo o que sei.”

— Não viu a pessoa que atirou?

— Não vi nada. A coisa não acontece como a gente pensa. Caí, e só. E, principalmente, quando tirei a mão cheia de sangue...

— Tem algum inimigo?

— Nem isso! Faz só dois anos que estou aqui. Sou do interior da região. E nunca tive a ocasião de ver um contrabandista.

— Você vai para casa por esse caminho?

— Não! Demora mais. É que eu não tinha fósforo e fui ao corpo de guarda na intenção de acender meu cigarro. Então, em vez de passar pela cidade,

segui o cais.

— Pela cidade é mais curto?

— Um pouco.

— Quer dizer que alguém que o teria visto sair do café em direção ao cais teria tido tempo de se emboscar?

— Com certeza. Mas por quê? Nunca ando com dinheiro. Não tentaram me roubar.

— Tem certeza, comissário, que não deixou de ver *seu* vagabundo a noite toda?

Havia algo de ferino na voz do prefeito. Leroy entrava, com um papel na mão.

— Um telegrama, que o correio acaba de telefonar para o hotel. É de Paris.

E Maigret leu:

Sûreté Générale a comissário Maigret, Concarneau.

Jean Goyard, dito Servières, cuja descrição o senhor enviou, detido esta segunda à noite oito horas Hôtel Bellevue, Rue Lepic, em Paris, quando se instalava quarto 15. Confessou ter chegado de Brest por trem das seis. Protesta inocência e pede ser interrogado sobre o caso em presença advogado. Aguardamos instruções.

8. Mais um!

— O senhor há de convir que está na hora, comissário, de termos uma conversa séria.

O prefeito havia pronunciado essas palavras com uma deferência glacial, e o inspetor Leroy ainda não conhecia Maigret o bastante para avaliar suas emoções a partir do seu modo de expelir a fumaça do cachimbo. Dos lábios entreabertos do comissário um tênue fio cinzento saiu lentamente, enquanto as pálpebras piscavam duas ou três vezes. Depois Maigret tirou a caderneta do bolso, olhou à sua volta, para o farmacêutico, o doutor, os curiosos.

— Às suas ordens, senhor prefeito. Aqui está.

— Se o senhor quiser vir tomar uma xícara de chá lá em casa... — o prefeito se apressou a interrompê-lo. — Meu carro está aqui na porta. Esperarei o senhor dar as ordens necessárias.

— Que ordens?

— Ora, o assassino... o vagabundo... essa moça...

— Ah, sim! Bom, se a gendarmaria não tiver mais o que fazer, então que vigie as estações ferroviárias dos arredores.

Fazia seu ar mais ingênuo.

— Quanto a você, Leroy, telegrafe a Paris dizendo que mandem Goyard para cá e vá dormir.

Sentou-se no carro do prefeito, dirigido por um chofer de libré preta. Pouco antes de Sables Blancs, avistou a mansão construída na falésia, o que

lhe dava um arzinho de castelo feudal. Algumas janelas estavam iluminadas.

No percurso, os dois homens não haviam trocado duas frases.

— Permita que lhe mostre o caminho.

O prefeito entregou seu capote de peles ao mordomo.

— Madame foi se deitar?

— Ela espera o senhor prefeito na biblioteca.

De fato, encontraram-na lá. Embora com uns quarenta anos, parecia mais moça ao lado do marido, que tinha sessenta e cinco. Fez um sinal de cabeça para o comissário.

— E então?

Homem mundano, o prefeito beijou a mão dela, mantendo-a na sua enquanto dizia:

— Fique tranquila. Um guarda alfandegário ligeiramente ferido. E espero que depois da conversa que teremos, o comissário Maigret e eu, esse pesadelo inadmissível termine.

Ela saiu, num fru-fru de seda. Uma cortina de veludo azul desceu, ocultando a porta. A biblioteca era vasta, as paredes cobertas de belos lambris de madeira, o teto de vigas aparentes, como nas velhas casas de campo inglesas.

Percebiam-se ricas encadernações, porém as mais preciosas deviam estar numa estante fechada que ocupava toda uma parede.

O conjunto era de uma real suntuosidade, sem falta de gosto; o conforto perfeito. Embora houvesse aquecimento central, gravetos ardiam numa lareira monumental.

Nada a ver com o falso luxo da casa do doutor. O prefeito escolhia uma caixa de charuto, oferecia um a Maigret.

— Obrigado. Se me permite, fumarei meu cachimbo.

— Sente-se, por favor. Aceita um uísque?

Apertou uma campainha, acendeu um charuto. O mordomo veio servi-los. E Maigret, talvez voluntariamente, tinha o ar inseguro de um pequeno burguês recebido numa residência aristocrática. Seus traços pareciam mais densos, seu olhar, vago.

Seu anfitrião aguardou a saída do criado.

— O senhor há de compreender, comissário, que não é possível essa série de crimes continuar. Bom... vejamos, faz cinco dias que o senhor está aqui. E há cinco dias...

Maigret tirou do bolso sua caderneta de lavadeira com capa de tecido encerado.

— Me permite? — interrompeu. — O senhor fala de uma série de crimes. Ora, devo observar que todas as vítimas estão vivas, menos uma. Uma só morte, a do sr. Le Pommeret. Quanto ao guarda alfandegário, o senhor há de convir que, se alguém queria mesmo atentar contra a vida dele, não teria atirado na perna. O senhor conhece o lugar em que o tiro foi dado. O agressor era invisível. Podia mirar com toda tranquilidade. A não ser que nunca tenha empunhado um revólver.

O prefeito olhou para ele surpreso, disse pegando seu copo:

— E o senhor insinua que...?

— Que quiseram atingi-lo na perna. Pelo menos até que se prove o contrário.

— Quiseram acertar o sr. Mostaguen na perna também?

A ironia era ferina. As narinas do prefeito fremiam. Queria ser educado, manter-se calmo, porque estava em casa. Mas havia um assobio desagradável em sua voz.

Maigret, com cara de bom funcionário que presta contas a um superior, prosseguiu:

— Se me permite, vamos retomar minhas notas uma a uma. Leio a de sexta-feira, 7 de novembro:

“Uma bala foi disparada através da caixa de correio de uma casa inabitada em direção ao sr. Mostaguen.

“Note, antes de mais nada, que ninguém, nem mesmo a vítima, podia saber que, em certo momento, o sr. Mostaguen teria a ideia de se abrigar na entrada de uma casa para acender um charuto. Um pouco de vento menos, e o crime não teria ocorrido. Ora, no entanto havia um homem armado com um revólver atrás da porta. Ou era um louco, ou esperava *alguém que devia vir*. Agora, lembre-se da hora. Onze da noite. Toda a cidade dorme, menos o grupinho do Café de l’Amiral.

“Não terminei. Vejamos os possíveis culpados. Os srs. Le Pommeret e Jean Servières, bem como Emma, estão excluídos, pois se encontravam no café.

“Restam o dr. Michoux, que saíra quinze minutos antes, e o vagabundo de pegadas formidáveis. Mais um desconhecido, que chamaremos de Xis. Estamos de acordo?

“Acrescentemos, à margem, que o sr. Mostaguen não morreu e que em quinze dias estará de pé.

“Passemos ao segundo drama. *No dia seguinte, sábado, estou no café com o inspetor Leroy. Vamos tomar o aperitivo com os srs. Michoux, Le Pommeret e Jean Servières, quando o doutor tem uma desconfiança, ao olhar para o seu copo. A análise prova que a garrafa de Pernod está envenenada.*

“Possíveis culpados: os srs. Michoux, Le Pommeret, Servières, a garçonete Emma, o vagabundo — que, durante o dia, pode ter entrado no café sem ser visto — e, por fim, nosso desconhecido, que designamos pelo nome Xis.

“Continuemos. *Domingo de manhã, Jean Servières desapareceu. Seu carro é encontrado, ensanguentado, não longe da casa dele. Antes mesmo dessa descoberta, o Le Phare de Brest recebe um relato dos acontecimentos feito sob medida para semear o pânico em Concarneau.*

“Ora, Servières é visto em Brest primeiro, em Paris depois, onde parece se esconder e onde se encontra, evidentemente, por livre e espontânea vontade.

“Um só culpado possível: o próprio Servières.

“No mesmo domingo, o sr. Le Pommeret toma o aperitivo com o doutor, volta para casa, janta e morre logo em seguida, em consequência de um envenenamento por estricnina.

“Possíveis culpados: no café, se foi lá que foi envenenado, o doutor, Emma e, enfim, nosso Xis.

“Aqui nosso vagabundo deve ser isentado, porque a sala não ficou vazia um só instante e dessa vez a garrafa não foi envenenada, mas um só copo.

“Se o crime foi cometido na casa de Le Pommeret, possíveis culpados: sua senhoria, o vagabundo e nosso sempiterno Xis.

“Não se impaciente. Estamos chegando ao fim. Esta noite, um guarda alfandegário leva um tiro na perna ao passar por uma rua deserta. O doutor não saiu da prisão, onde é rigorosamente vigiado. Le Pommeret está morto. Servières está em Paris nas mãos da Sûreté Générale. Emma e o vagabundo, na mesma hora, estão, diante dos meus olhos, se abraçando, depois devorando um frango assado.

“Logo, um só culpado possível: Xis.

“Ou seja, um indivíduo que ainda não encontramos no desenrolar dos acontecimentos. Um indivíduo que pode ter feito tudo, como pode ter cometido somente este último crime.

“Não o conhecemos. Não temos sua descrição. Uma só indicação: essa noite, tinha interesse de provocar um drama. Um interesse poderoso. Porque o tiro não foi disparado por um meliante qualquer.

“Agora, não me peça para prendê-lo. Porque, o senhor há de convir, senhor prefeito, que cada um nesta cidade, sobretudo todos os que conhecem os principais personagens envolvidos nesta história e que, em particular, frequentam o Café de l’Amiral podem ser esse Xis.

“Inclusive o senhor.

Essas últimas palavras foram ditas num tom ameno, ao mesmo tempo que Maigret se recostava em sua poltrona e esticava as pernas em direção aos gravetos.

O prefeito teve apenas um tremor.

— Espero que não passe de uma pequena vingança.

Então Maigret se levantou repentinamente, sacudiu o cachimbo na lareira, falou dando largas passadas pela biblioteca:

— Nem isso! Quer conclusões? Pois bem, vamos lá. Quis simplesmente lhe mostrar que um caso como este não é uma simples operação policial que se pode dirigir dando telefonemas sentado numa poltrona. E acrescentarei, senhor prefeito, com todo o respeito que lhe devo, que, quando assumo a responsabilidade de uma investigação, faço questão de que, antes de mais nada, não me encham o...!

Aquilo saiu num repente. Fazia dias que estava para explodir. Maigret, talvez para se acalmar, tomou um gole de uísque, olhou para a porta como o homem que já disse o que tinha para dizer e que aguarda apenas a permissão de sair.

Seu interlocutor ficou um bom momento silencioso, contemplando a cinza branca do charuto. Acabou deixando-a cair numa tigela de porcelana azul, depois se levantou lentamente, procurou com os olhos o olhar de Maigret.

— Escute, comissário.

Deviam pesar as palavras, porque eram intercaladas por silêncios.

— Talvez eu tenha errado, durante nossa breve relação, ao manifestar certa impaciência.

Era inesperado. Ainda mais naquele contexto, em que o prefeito tinha um aspecto mais elegante que nunca, com seus cabelos brancos, seu casaco bordado de seda, sua calça cinza de vinco rígido.

— Começo a apreciá-lo por seu justo valor. Em alguns minutos, com um simples resumo dos fatos, o senhor me fez sentir o mistério angustiante, de uma complexidade que eu nem suspeitava e que está na base deste caso.

Confesso que sua inércia no que diz respeito ao vagabundo não deixou de me indispor contra o senhor.

Tinha se aproximado do comissário, cujo ombro tocou.

— Peço-lhe que não me guarde rancor. Também tenho pesadas responsabilidades.

Teria sido impossível adivinhar os sentimentos de Maigret, que estava ocupado em encher um cachimbo com seus dedos grossos. Sua bolsa de tabaco era gasta. Seu olhar errava através de uma vidraça pelo vasto horizonte do mar.

— O que é aquela luz? — perguntou de repente.

— O farol.

— Não. Estou falando daquela luzinha à direita.

— A casa do dr. Michoux.

— A criada voltou, então?

— Não. É a sra. Michoux, mãe do doutor, que voltou esta tarde.

— O senhor a viu?

Maigret acreditou sentir certo mal-estar em seu anfitrião.

— Quer dizer, ela se espantou por não encontrar o filho. Veio se informar aqui. Eu a pus a par da detenção, explicando que era uma medida de proteção. Porque é isso, não é? Ela me pediu autorização para visitá-lo na prisão. No hotel ninguém sabia que fim o senhor tinha levado. Assumi a responsabilidade de permitir essa visita.

“A sra. Michoux voltou pouco antes do jantar para saber das últimas notícias. Foi minha mulher que a recebeu e a convidou para cear conosco.”

— São amigas?

— Por assim dizer. Mais exatamente, relações de boa vizinhança. No inverno tem muito pouca gente em Concarneau.

Maigret recomeçava seu passeio pela biblioteca.

— Jantaram os três, então?

— Sim. Acontece com frequência. Tranquilei como pude a sra. Michoux, que estava vivamente impressionada com a ida à gendarmaria. Teve muita dificuldade para criar o filho, cuja saúde não é das melhores.

— Não falaram de Le Pommeret e de Jean Servières?

— Ela nunca gostou de Le Pommeret. Acusava-o de arrastar seu filho para a bebida. O fato é que...

— E Servières?

— Ela o conhecia menos. Servières não pertencia ao mesmo mundo. Um jornalistazinho, um conhecido de café, por assim dizer, um sujeito divertido. Mas, por exemplo, não dá para receber a mulher dele, cujo passado não é irrepreensível. Cidade pequena é assim, comissário. O senhor tem de se resignar a essas distinções. Elas lhe explicam em parte meus humores. O senhor não sabe o que é administrar uma população de pescadores, levando em conta as suscetibilidades dos patrões e, enfim, de certa pequena burguesia que...

— A que horas a sra. Michoux saiu daqui?

— Por volta das dez. Minha mulher a levou de carro.

— Aquela luz nos prova que a sra. Michoux ainda não foi dormir.

— É um costume dela. Meu também! Numa certa idade já não precisamos de muito sono. Tarde da noite ainda estou aqui, lendo ou folheando dossiês.

— Os negócios de Michoux são prósperos?

Novo mal-estar, apenas perceptível.

— Ainda não. É preciso esperar a valorização de Sables Blancs. Dadas as relações da sra. Michoux em Paris, isso não tardará. Numerosos lotes são vendidos. Na primavera, vai se começar a construir. Na viagem que ela acaba de fazer, praticamente convenceu um banqueiro, cujo nome não posso lhe dizer, a construir uma casa magnífica no alto da colina.

— Mais uma pergunta, senhor prefeito. A quem pertenciam antes os terrenos que são objeto do loteamento.

Seu interlocutor não hesitou.

— A mim. É um bem de família, como esta casa. Só crescia mato e giestas quando os Michoux tiveram a ideia...

Nesse instante, a luz ao longe se apagava.

— Mais um uísque, comissário? Claro, mandarei meu chofer levá-lo.

— Muita amabilidade sua. Mas adoro caminhar, principalmente quando preciso refletir.

— O que acha dessa história do cachorro amarelo? Confesso que é, talvez, o que mais me desconcerta. Isso e o Pernod envenenado! Afinal...

Mas Maigret olhava ao redor, procurando o chapéu e o sobretudo. O prefeito não teve como não apertar o botão da campainha.

— As vestimentas do comissário, Delphin!

O silêncio foi tão absoluto que se ouviu o barulho surdo, compassado, do mar nos rochedos que serviam de base à casa.

— Não quer mesmo meu carro?

— Mesmo...

Restavam na atmosfera como que farrapos de mal-estar que se pareciam com os farrapos de fumaça de tabaco que se estendiam em torno das lâmpadas.

— Eu me pergunto qual vai ser amanhã o estado de espírito da população. Se o mar estiver bonito, pelo menos teremos os pescadores a menos nas ruas, porque aproveitarão para atirar as redes na água.

Maigret pegou o sobretudo nas mãos do mordomo, estendeu sua mão enorme. O prefeito ainda tinha perguntas a fazer, mas hesitava, por causa da presença do criado.

— Quanto tempo acha que vai ser preciso para...

O relógio marcava uma da manhã.

— Esta noite espero que tudo esteja terminado.

— Tão rápido? Apesar do que me disse há pouco? Nesse caso, está contando com Goyard? A não ser que...

Tarde demais. Maigret já estava na escada. O prefeito procurava uma última frase para pronunciar. Não encontrava nada que traduzisse seu sentimento.

— Fico incomodado em deixar o senhor voltar a pé por esses caminhos...

A porta se fechou. Maigret estava na estrada tendo acima da cabeça um belo céu de nuvens pesadas que brincavam de passar correndo diante da lua.

O ar estava frio. O vento vinha do mar alto, recendia a sargaços, cujos amontoados escuros se adivinhava na areia da praia.

O comissário caminhou lentamente, mãos no bolso, cachimbo entre os dentes. Viu de longe, ao se virar, as luzes se apagarem na biblioteca, depois outras se acenderem no segundo andar, onde as cortinas se abafaram.

Não foi pela cidade, margeou a orla, como o guarda alfandegário havia feito, parou um instante na esquina em que o homem fora ferido. Tudo estava calmo. Um poste de luz, de longe em longe. Concarneau dormia.

Quando chegou à praça, viu que as vidraças do café ainda estavam iluminadas e perturbavam a paz da noite com seu halo venenoso.

Empurrou a porta. Um jornalista ditava ao telefone:

— *Não se sabe mais de quem suspeitar. As pessoas, nas ruas, se olham com angústia. Quem sabe não é este o assassino? Quem sabe não é aquele? Nunca a atmosfera de mistério e de medo foi tão densa...*

O próprio dono, lúgubre, estava no caixa. Quando percebeu o comissário, quis falar. Dava para adivinhar de antemão suas recriminações.

O café estava em desordem. Havia jornais em cima de todas as mesas, copos vazios, e um fotógrafo secava suas provas no radiador da calefação.

O inspetor Leroy foi ao encontro do chefe.

— É a sra. Goyard — disse a meia-voz designando uma mulher gordinha desabada num banco.

Ela se levantou. Enxugou os olhos.

— Me diga, comissário, é verdade? Não sei mais em que acreditar. Parece que Jean está vivo? Mas não é possível que ele tenha representado essa

farsa! Não teria feito uma coisa dessas comigo! Não teria me deixado tão aflita! Acho que estou enlouquecendo. O que ele teria ido fazer em Paris? Me diga! E sem mim...

Ela chorava. Chorava como certas mulheres sabem chorar, com profusão de lágrimas fluidas que rolavam nas faces, escorriam até o queixo enquanto sua mão comprimia um seio carnudo.

E fungava. Procurava seu lenço. Queria falar, ainda por cima.

— Garanto ao senhor que não é possível! Sei que ele era meio mulherengo. Mas não teria feito isso! Quando voltava, me pedia desculpa. O senhor entende? Eles dizem...

Apontou para os jornalistas.

— Eles dizem que foi ele mesmo que fez as manchas de sangue no carro, para levar a crer num crime. Mas, então, é que ele não tinha a intenção de voltar! E eu sei, entende, tenho certeza de que voltaria. Ele nunca teria caído na farras se os outros não o tivessem arrastado. O sr. Le Pommeret. O doutor. E o prefeito! E todos, que nem me cumprimentavam na rua, porque eu era pouca coisa para eles!

“Me disseram que foi preso. Eu me recuso a acreditar. O que ele teria feito de errado? Ele ganhava o bastante para o tipo de vida que a gente tem. Éramos felizes, apesar das farras que ele se permitia de vez em quando.”

Maigret fitou-a, suspirou, pegou um copo na mesa, esvaziou o conteúdo de um só gole e murmurou:

— Desculpe, senhora. Preciso ir me deitar.

— O senhor também acha que ele é culpado de alguma coisa?

— Nunca acho nada. Faça como eu, senhora. Amanhã será outro dia.

Subiu a escada a passos pesados enquanto o jornalista, que não havia se afastado do telefone, tirava partido desta última frase.

— *Últimas notícias. É amanhã que o comissário Maigret conta elucidar definitivamente o mistério.*

Acrescentou em outro tom de voz:

— É tudo, senhorita. Ah, diga ao chefe que não mude uma linha da minha matéria. Ele não pode entender. É preciso estar no local dos acontecimentos.

Desligou, pediu enfiando o bloco de notas no bolso:

— Um grogue, por favor. Muito rum e um pouquinho de água quente.

Enquanto isso, a sra. Goyard aceitava a oferta que um repórter fazia de levá-la para casa. E voltava às suas confidências:

— Só que era um pouco farrista. Mas, o senhor compreende, não é? Todos os homens são!

9. A caixa das conchas

Maigret estava de tão bom humor na manhã seguinte que o inspetor Leroy ousou acompanhá-lo tagarelando e até lhe fazer perguntas.

Aliás, sabe-se lá por quê, a descontração era geral. Talvez fosse por causa do tempo que, de repente, ficara bom. O céu parecia ter sido lavado recentemente. Era azul, um azul um tanto pálido mas vibrante em que cintilavam leves nuvens. Por isso, o horizonte era mais vasto, como se houvessem escavado a calota celeste. O mar, liso, liso, cintilava, plantado de pequenas velas que pareciam bandeiras espetadas num mapa de Estado-maior.

Ora, basta um raio de sol para transformar Concarneau, porque então as muralhas da cidade velha, lúgubres sob a chuva, se tornam de um branco alegre, fulgurante.

Os jornalistas, embaixo, cansados com as idas e vindas dos três últimos dias, contavam casos tomando café, e um deles havia descido de robe, pés nus em suas chinelas.

Quanto a Maigret, tinha penetrado no quarto de Emma, uma água-furtada mais propriamente, cujo basculante dava para a ruela e cujo teto inclinado só o deixava ficar ereto no meio do cômodo.

A janela estava aberta. O ar era fresco, mas sentiam-se carícias de sol. Uma mulher havia aproveitado para pôr a roupa para secar na janela, do outro lado da viela. No pátio de uma escola, em algum lugar, vibrava um ruído de recreio.

E Leroy, sentado na beira da caminha de ferro, observava:

— Ainda não entendi direito seus métodos, comissário, mas acho que começo a perceber.

Maigret fitou-o com olhos sorridentes, mandou para o sol uma boa baforada.

— Você tem sorte, meu velho! Principalmente no que diz respeito a este caso, no qual meu método teve sua importância. Se quiser um bom conselho, caso esteja a fim de ser promovido, não vá me tomar como modelo nem tentar teorizar o que me vê fazer.

— Mas constato que o senhor agora está se preocupando com os indícios materiais, depois de...

— Justamente, depois! Depois de tudo! Em outras palavras, fiz a investigação às avessas, o que não me impedirá, talvez, de fazer a próxima às direitas. É uma questão de atmosfera. Uma questão de caras. Quando cheguei aqui, dei com uma cara que me seduziu e não a larguei mais.

Mas não disse a quem pertencia essa cara. Levantou uma colcha velha que ocultava um guarda-roupa. Continha um traje bretão de veludo preto, que Emma devia reservar para os dias de festa.

Na penteadeira, um pente com vários dentes quebrados, grampos de cabelo e uma caixa de pó de arroz rosada demais. Foi numa gaveta que achou o que parecia buscar: uma caixa ornada com conchas brilhantes, como as que se vendem em todos os bazares do litoral. Esta, que talvez datasse de dez anos antes e que havia percorrido sabe Deus que caminhos, trazia as palavras: *Lembrança de Ostende*.

Dela emanava um cheiro de papelão velho, de poeira, de perfume e de papel amarelado. Maigret, que tinha sentado na beira da cama ao lado do seu colega, fazia com seus dedos grossos o inventário das miudezas.

Havia um rosário de contas de vidro azul facetadas, com uma frágil correntinha de prata, uma medalha de primeira comunhão, um frasco de

perfume vazio que Emma deve ter guardado por causa da sua forma sedutora e que talvez tenha encontrado no quarto de uma hóspede.

Uma flor de papel, lembrança de um baile ou de uma festa, dava um toque de um vermelho-vivo.

Ao lado dela, uma pequenina cruz de ouro era o único objeto de algum valor.

Um monte de cartões-postais. Um representava um grande hotel de Cannes. No verso, uma letra feminina:

Você devia vir pra cá em vez de ficar nesse seu canto horrível onde chove o tempo todo. E a gente ganha bem. Come quanto quer. Um beijo.

Louise

Maigret passou o postal ao inspetor, examinou atentamente uma dessas fotos de parque de diversões que a gente tira acertando uma bala no centro de um alvo. Pelo fato de apoiar a carabina no ombro, mal dava para ver o homem, que estava com um olho fechado. Tinha um corpanzil enorme, um boné de marinheiro na cabeça. E Emma, sorrindo para a objetiva, segurava ostensivamente seu braço. Ao pé do postal, a menção: *Quimper*.

Uma carta, com o papel tão amarrotado que ela a deve ter lido várias vezes:

Querida,

Está feito e assinado: tenho meu barco. Ele vai se chamar: A bela Emma. O padre de Quimper me prometeu batizá-lo semana que vem, com água benta, grãos de trigo, sal e tudo, e vai ter champanhe da boa, porque quero que seja uma festa de que se falará por muito tempo aqui.

No começo, vai ser um pouco difícil pagar, porque tenho de reembolsar o banco em dez mil francos por ano. Mas acho que ele suporta cem braças quadradas de vela e que fará uns dez nós. Dá pra ganhar bastante dinheiro

transportando cebola para a Inglaterra. Quer dizer que logo nos casaremos. Já consegui frete para a primeira viagem, mas tentam voltar atrás porque sou novato.

Sua patroa bem podia te dar dois dias de folga para o batismo, porque todo mundo vai estar bêbado e você não poderá voltar para Concarneau. Já tive de pagar umas rodadas nos cafés por causa do barco, que já está no porto e tem uma bandeira novinha em folha.

Vou tirar uma fotografia nele e mandar para você. Eu te beijo como te amo, enquanto espero que você seja a mulher querida do seu

Léon

Maigret enfiou o postal no bolso, olhando com um ar sonhador para a roupa que secava do outro lado do beco. Não havia mais nada na caixa das conchas, salvo um porta-penas de osso talhado em que se via, numa pequena lente de vidro, a cripta da igreja de Nossa Senhora de Lurdes.

— Tem alguém no quarto que o doutor costumava ocupar? — indagou.

— Acho que não. Os jornalistas estão instalados no segundo andar.

O comissário revistou o quarto mais uma vez, por descargo de consciência, mas não encontrou nada de interessante. Pouco depois, estava no primeiro andar, empurrava a porta do quarto 3, aquela cuja sacada domina o porto e a enseada.

A cama estava feita, o assoalho encerado. Havia toalhas limpas em cima da jarra d'água.

O inspetor acompanhava seu chefe com os olhos e uma curiosidade mesclada de ceticismo. Maigret, de seu lado, assobiava olhando ao redor, notava uma mesinha de carvalho posta diante da janela e ornada com um risque-rabisque publicitário e um cinzeiro.

No risque-rabisque havia papel branco com o timbre do hotel e um envelope azul trazendo as mesmas menções. Mas havia também duas

grandes folhas de papel mata-borrão, um quase preto de tinta, o outro apenas manchado com caracteres incompletos.

— Vá buscar um espelho para mim, meu velho.

— Grande?

— Tanto faz. Um espelho que eu possa pôr na mesa.

Ao voltar, o inspetor encontrou Maigret plantado na sacada, os dedos enfiados nas cavas do colete, fumando seu cachimbo com uma satisfação evidente.

— Este serve?

A janela foi fechada. Maigret pôs o espelho em pé na mesa e, valendo-se de dois castiçais que pegou na lareira, ergueu diante das velas a folha de mata-borrão.

Os caracteres refletidos no espelho estavam longe de ser de leitura fácil. Letras, palavras inteiras faltavam. Era preciso adivinhar outras, deformadas demais.

— Já entendi! — disse Leroy fazendo cara de esperto.

— Ótimo! Então vá pedir ao hoteleiro o caderno de contas de Emma, ou qualquer coisa escrita por ela.

Transcreveu umas palavras a lápis numa folha de papel.

Te ver... horas... desabitada... conto...

Quando o inspetor voltou, o comissário preenchendo as lacunas aproximativamente, reconstituía o seguinte bilhete: *Preciso te ver. Venha amanhã às onze à casa desabitada que fica na praça, um pouco depois do hotel. Conto com você. É só bater que eu abro.*

— Trouxe o bloco com as contas da lavadeira, que Emma escriturava — anunciou Leroy.

— Não preciso mais. A carta está assinada. Olhe aqui: ...mma. Ou seja, Emma. E foi escrita neste quarto!

— Onde a garçonete se encontrava com o doutor? — o inspetor se espantou.

Maigret compreendeu sua repugnância a admitir essa hipótese, principalmente depois da cena a que, deitados no beiral do telhado, haviam assistido na véspera.

— Nesse caso, seria ela que...?

— Calma! Calma, rapaz. Nada de conclusões apressadas. E, sobretudo, nada de deduções. A que horas chega o trem que deve nos trazer Jean Goyard?

— Onze e trinta e dois.

— Eis o que você vai fazer, meu velho. Primeiro, vai dizer aos dois colegas que acompanham Goyard que tragam o sujeito para a gendarmaria. Ele chegará lá, portanto, cerca de meio-dia. Telefone ao prefeito dizendo que eu ficaria feliz em vê-lo nessa mesma hora, nesse mesmo lugar. Espere! Mesmo recado para a sra. Michoux, que você contatará por telefone em sua mansão. Finalmente, é provável que de um instante para o outro os policiais ou os gendarmes levarão Emma e seu amante a você. Mesmo lugar, mesma hora. Será que estou esquecendo alguém? Bom, uma recomendação: que Emma não seja interrogada na minha ausência. Impeça-a inclusive de falar.

— E o guarda alfandegário?

— Não preciso dele.

— O sr. Mostaguen?

— Ahn? Não. Só esses.

No café, Maigret pediu um Marc da região, que degustou com visível prazer, soltando para os jornalistas:

— Estamos chegando ao fim, senhores. Esta noite vão poder regressar a Paris.

Seu passeio pelas ruas tortuosas da cidade velha melhorou ainda mais seu humor. E, quando chegou diante do portão da gendarmaria, encimado pela

luminosa bandeira francesa, notou que a atmosfera, pela magia do sol, das três cores, do muro jorrando luz, tinha uma alegria de catorze de Julho.

Um velho gendarme sentado numa cadeira do outro lado do portão lia um jornal humorístico. O pátio, com todos os seus pequenos paralelepípedos separados por traços de musgo verde, tinha a serenidade de um pátio de convento.

— O gendarme?

— Estão todos na rua, o tenente, o gendarme e a maioria dos homens, à procura do vagabundo que o senhor sabe.

— O doutor não saiu daqui?

O homem sorriu olhando para a janela gradeada da cela, à direita.

— Não tem perigo.

— Abra a porta para mim, por favor.

E assim que os ferrolhos foram puxados, falou com uma voz alegre, cordial:

— Bom dia, doutor. Dormiu bem, pelo menos?

Mas só viu um rosto pálido, anguloso, que, no catre, emergia de um cobertor cinza. As pupilas estavam febris, profundamente enfiadas nas órbitas.

— O que há? Não está bem?

— Muito mal — articulou Michoux levantando-se do leito com um suspiro. — É meu rim.

— Estão lhe dando tudo que o senhor necessita, espero.

— Estão sim. Grato pela sua amabilidade.

Tinha se deitado com toda a roupa. Tirou os pés de sob o cobertor, sentou, passou a mão na testa. E Maigret, no mesmo momento, sentava-se a cavalo numa cadeira, se acotovelava no encosto, transbordante de saúde, de disposição.

— Ora, ora! Vejo que o senhor pediu um Bourgogne!

— Foi minha mãe que me trouxe ontem. Gostaria tanto de ter evitado essa visita... Deve ter sabido alguma coisa em Paris. Voltou.

As olheiras roíam a metade das faces não barbeadas, que pareciam mais cavas. E a ausência de gravata, somada ao terno amarrotado, aumentavam a impressão de prostração que emanava do personagem.

Ele parava de falar para tossir. Chegou a cuspir ostensivamente em seu lenço, para o qual olhou como alguém que teme a tuberculose e se observa com ansiedade.

— O senhor tem alguma novidade? — questionou com lassidão.

— Os gendarmes devem ter lhe falado do drama desta noite, não?

— Não. O que... quem foi?

Tinha se grudado na parede como se tivesse medo de ser assaltado.

— Bah! Um passante que levou um tiro na perna...

— E pegaram o assassino? Não aguento mais, comissário. Admita que é de enlouquecer. Mais um cliente do Café de l'Amiral, não é? Nós é que estamos sendo visados! Fico quebrando a cabeça para adivinhar por quê. Sim, por quê? Mostaguen! Le Pommeret! Goyard! E o veneno que era destinado a todos nós. O senhor vai ver que eles acabarão me atingindo aqui mesmo, apesar de tudo! Mas por quê, me diga?

Não estava mais pálido. Estava lívido. Fazia mal vê-lo, a tal ponto ilustrava a ideia de pânico no que ela tem de mais lamentável, de mais horroroso.

— Não me atrevo a dormir. Esta janela, olhe! Tem grades. Mas é possível atirar através dela. De noite! Um gendarme pode adormecer, ou pensar em outra coisa. Não nasci para uma vida assim, eu não! Ontem bebi toda esta garrafa, na esperança de dormir. E não preguei os olhos, fiquei doente! Se pelo menos tivessem conseguido abater esse vagabundo, com seu cachorro amarelo...

— Tornaram a ver o cachorro? Ele continua rondando o café? Não entendo como não lhe meteram uma bala. Nele e no seu dono!

— O dono dele se foi de Concarneau esta noite.

— Ah!

O doutor parecia ter dificuldade de acreditar.

— Logo depois... depois do seu novo crime?

— Antes!

— Mas nesse caso... não é possível! Pelo visto...

— É isso mesmo! Era o que eu dizia ao prefeito esta noite. Cá entre nós, sujeito esquisito, o prefeito. O que o senhor acha dele?

— Eu? Não sei. Eu...

— Afinal ele lhe vendeu os terrenos do loteamento. O senhor tem relações com ele. Era o que se chama de amigos.

— Tínhamos sobretudo relações de negócios e de boa vizinhança. Aqui no interior...

Maigret notou que a voz do doutor se firmava, que seu olhar era menos vago.

— O que o senhor disse a ele?

Maigret tirou a caderneta do bolso.

— Eu disse a ele que a série de crimes, ou, se o senhor preferir, de tentativas de assassinato, não podia ter sido cometida por nenhuma das pessoas que conhecemos atualmente. Não vou relembrar os dramas um a um. Resumindo. Falo objetivamente, não é? Como técnico. Pois bem, o fato é que o senhor não pode materialmente ter atirado esta noite no guarda alfandegário, o que poderia bastar para isentá-lo. Le Pommeret também não, porque vai ser enterrado amanhã de manhã. Nem Goyard, que acaba de ser encontrado em Paris. E nem um nem outro podiam estar na sexta-feira à noite atrás da caixa de correio da casa vazia. Emma também não.

— Mas e o vagabundo do cachorro amarelo?

— Pensei nisso. Não só não foi ele que envenenou Le Pommeret, como esta noite ele estava longe do local do drama, quando este se produziu. Foi

por isso que falei ao prefeito de uma pessoa desconhecida, um Xis misterioso, que poderia ter cometido todos esses crimes. A não ser...

— A não ser?

— A não ser que não se trate de uma série. Em vez de uma espécie de ofensiva unilateral, suponha um verdadeiro combate, entre dois grupos, ou entre dois indivíduos.

— Mas então, comissário, o que vai ser de mim? Se há inimigos desconhecidos rondando, eu...

E seu rosto se anuviava novamente. Agarrou a cabeça com as duas mãos.

— Quando penso que estou doente, que os médicos me recomendam a calma mais absoluta! Oh! Não será preciso bala nem veneno para me liquidar. O senhor vai ver que meu rim se encarregará disso.

— O que o senhor acha do prefeito?

— Não sei! O que posso saber! Ele é de uma família riquíssima. Quando jovem, viveu à larga em Paris. Teve até um haras de cavalos de corrida. Depois tomou jeito. Salvou uma parte da fortuna e veio se instalar aqui, na casa do avô, que também era prefeito de Concarneau. Ele me vendeu as terras que não lhe serviam. Acho que queria ser nomeado conselheiro-geral, para acabar no Senado.

O doutor tinha se levantado e dava para garantir que em alguns dias havia perdido dez quilos. Se começasse a chorar de nervoso, não espantaria ninguém.

— O que o senhor quer entender da história dele? E esse Goyard que está em Paris quando todo mundo achava. O que ele podia estar fazendo lá? E por quê?

— Não vamos demorar a saber, porque vai chegar a Concarneau. Aliás, a esta hora já deve ter chegado.

— Prenderam ele?

— Pediram-lhe o obséquio de acompanhar dois cavalheiros até aqui. Não é a mesma coisa.

— O que foi que ele disse?

— Nada! É bem verdade que não lhe perguntaram nada.

Então, de repente, o doutor encarou o comissário. Seu sangue subiu de uma só vez às maçãs do rosto.

— O que significa isso! Tenho a impressão de que alguém está enlouquecendo! O senhor vem me falar do prefeito, de Goyard. E eu sinto, entende, eu sinto que de uma hora para a outra eu é que serei morto. Apesar destas grades que não impedirão nada! Apesar desse gendarme gorducho, imbecil, que está de guarda no pátio! Mas eu não quero morrer. Não quero! Me dê pelo menos um revólver para eu me defender. Ou então prenda os que querem a minha vida, os que mataram Le Pommeret, que envenenaram a garrafa.

Ele palpitava da cabeça aos pés.

— Não sou um herói! Minha profissão não é enfrentar a morte! Sou um homem. Sou um doente. E já me basta, para viver, lutar contra a doença. O senhor fala! O senhor fala! Mas o que é que faz?

Colérico, bateu a testa na parede.

— Isso tudo parece uma conspiração. A não ser que queiram me enlouquecer. Sim! Querem me internar! Quem sabe? Será que é minha mãe que já está cheia? Porque eu sempre guardei zelosamente a parte que me cabe da herança do meu pai. Mas não me entregarei!

Maigret não se mexera. Continuava ali, no meio da cela branca cuja parede estava inundada de sol, os cotovelos no encosto da cadeira, cachimbo entre os dentes.

O doutor ia e vinha, presa de uma agitação que confinava com o delírio.

Ora, de repente ouviu-se na cela uma voz alegre, só ligeiramente irônica, que modulava à maneira das crianças:

— Uh-uh!

Ernest Michoux sobressaltou-se, olhou para os quatro cantos da cela antes de encarar Maigret. E então percebeu o rosto do comissário, que havia

tirado o cachimbo da boca e que ria lançando-lhe uma piscadela.

Era como se tivesse levado um choque. Michoux se imobilizou, todo mole, vacilante, pareceu derreter até se tornar uma silhueta irreal, tamanha a inconsistência.

— Foi o senhor que...?

Podia-se acreditar que a voz vinha de outro lugar, como a de um ventríloquo que faz palavras saírem do teto ou de um vaso de porcelana.

Os olhos de Maigret continuavam a rir enquanto ele se levantava e dizia com uma gravidade encorajadora, que contrastava com a expressão da sua fisionomia:

— Reconstitua-se, doutor! Ouço passos no pátio. Em alguns instantes o assassino certamente estará entre estas quatro paredes.

Foi o prefeito que o gendarme introduziu primeiro. Mas havia outros ruídos de passos no pátio.

10. A bela Emma

— O senhor me pediu para vir, comissário?

Maigret nem teve tempo de responder, e já se via entrar no pátio dois inspetores flanqueando Jean Goyard, enquanto se adivinhava na rua, de ambos os lados do portão, uma multidão agitada.

O jornalista parecia mais baixo, mais gordinho, entre seus guarda-costas. Havia inclinado seu chapéu mole sobre os olhos e, sem dúvida por medo dos fotógrafos, segurava um lenço na parte inferior do rosto.

— Por aqui — disse Maigret aos inspetores. — Vocês poderiam ir buscar umas cadeiras, porque estou ouvindo uma voz feminina.

Uma voz aguda, que dizia:

— Onde ele está? Quero vê-lo imediatamente! Vou acabar com o senhor, inspetor! Está ouvindo? Vou acabar com o senhor!

Era a sra. Michoux, de vestido lilás, com todas as suas joias, pó de arroz e ruge, ofegante de indignação.

— Ah, o senhor está aqui, caro amigo! — coqueteou diante do prefeito. — Como é possível uma coisa dessas? Esse sujeitinho chega à minha casa quando ainda nem estava vestida. Minha criada está de folga. Digo a ele através da porta que não posso recebê-lo, e ele insiste, exige, espera eu me arrumar alegando que tinha ordens de me trazer aqui. É simplesmente inacreditável! Quando penso que meu marido era deputado, que quase foi presidente do Conselho e que este... este vadio... sim, vadio!

Ela estava indignada demais para se dar conta da situação. Mas de repente viu Goyard que virava a cara, seu filho sentado à beira do catre, cabeça entre as mãos. Um carro entrava no pátio ensolarado. Fardas de gendarmes reluziam. E da multidão partia agora um clamor.

— O que é que... o que é que o senhor...?

Tiveram de fechar o portão para impedir o público de entrar à força no pátio. Porque a primeira pessoa que arrastaram literalmente do carro outra não era senão o vagabundo. Não só estava com as mãos algemadas, como tinham lhe amarrado os tornozelos com uma corda sólida, de modo que tiveram de transportá-lo como um pacote.

Atrás dele descia Emma, livre em seus movimentos, tão aturdida quanto num sonho.

— Soltem as pernas dele!

Os gendarmes estavam orgulhosos, ainda emocionados com a sua captura. Não deve ter sido fácil, a julgar pelos uniformes desalinhados e, principalmente, pelo rosto do prisioneiro, completamente maculado pelo sangue que ainda escorria de seu lábio rachado.

A sra. Michoux soltou um grito de terror, recuou até a parede, como à vista de uma coisa repugnante, enquanto o homem se deixava soltar sem dizer palavra, erguia a cabeça, olhava lentamente, lentamente, à sua volta.

— Calminho, viu, Léon! — grunhiu Maigret.

O outro estremeceu, procurou saber quem havia falado.

— Deem uma cadeira e um lenço para ele.

Percebeu que Goyard tinha se esgueirado para o fundo da cela, atrás da sra. Michoux, e que o doutor tiritava, sem olhar para ninguém. O tenente da gendarmaria, embaraçado com aquela reunião insólita, se perguntava que papel devia representar.

— Fechem a porta! Sentem-se todos, por favor. Seu gendarme é capaz de nos servir de escrivão, tenente? Ótimo. Instale-se nesta mesinha. Peço para o senhor também se sentar, prefeito.

A multidão, lá fora, não gritava mais, e no entanto dava para senti-la presente, adivinhava-se na rua uma vida compacta, uma espera apaixonada.

Maigret encheu o cachimbo, andando de um lado para o outro, virou-se para o inspetor Leroy.

— Antes de mais nada, você devia telefonar ao síndico dos marinheiros de Quimper e perguntar o que aconteceu, há uns quatro ou cinco anos, talvez seis, com um barco chamado *A bela Emma*.

Enquanto o inspetor se dirigia para a porta, o prefeito tossiu, fez sinal de que desejava falar.

— Posso lhe informar, comissário. É uma história que todo mundo conhece por aqui.

— Diga.

O vagabundo se mexeu em seu canto, à maneira de um cão raivoso. Emma não tirava os olhos dele, mantinha-se sentada bem na beirada da cadeira. O acaso a tinha posto ao lado da sra. Michoux, cujo perfume começava a invadir a atmosfera, um cheiro adocicado de violeta.

— Não vi o barco — dizia o prefeito com desenvoltura, talvez com um quê de pose. — Pertencia a um tal de Le Glen, ou Le Glerec, que era tido como um excelente marinheiro mas muito esquentado. Como todos os barcos daqui, o *Bela Emma* transportava principalmente hortifrúteis para a Inglaterra. Um belo dia, falaram de uma viagem mais demorada. Ficamos sabendo então que o *Bela Emma* havia sido fiscalizado num pequeno porto próximo de Nova York, a tripulação detida e a carga de cocaína apreendida. O barco também, claro. Era a época em que a maioria dos barcos mercantes, principalmente os que transportavam sal para a Terra Nova, se dedicavam ao contrabando de álcool.

— Muito obrigado. Não se mexa, Léon! Responda de onde você está. E principalmente, responda exatamente às minhas perguntas, *sem mais!* Entendeu? Primeiro, onde o prenderam há pouco?

O vagabundo enxugou o sangue que maculava seu queixo, falou numa voz rouca:

— Em Rosporden. Num armazém da ferrovia onde esperávamos a noite cair para nos enfiar num trem qualquer.

— Quanto dinheiro você tinha no bolso?

Foi o tenente que respondeu:

— Onze francos e uns trocados.

Maigret olhou para Emma, que tinha lágrimas fluidas nas faces, depois para o brutamontes, todo encolhido. Sentiu que o doutor, embora imóvel, estava tomado por uma intensa agitação e fez sinal a um dos policiais para que se pusesse junto dele, de modo a evitar uma eventual reação.

O gendarme escrevia. A pena arranhava o papel com um barulho metálico.

— Conte-nos exatamente em que condições foi feito esse carregamento de cocaína, Le Guérec.

O homem ergueu os olhos. Seu olhar, fixado no doutor, endureceu. E, com a boca carregada de ódio, punhos cerrados, resmungou:

— O banco tinha me emprestado dinheiro para construir meu barco.

— Eu sei. Que mais?

— Veio um ano ruim. O franco subia. A Inglaterra comprava cada vez menos frutas, eu me perguntava como ia pagar os juros. Esperava, para me casar com Emma, reembolsar a maior parte. Foi então que um jornalista, que eu conhecia porque vivia fuçando no porto, veio me ver.

Para estupefação geral, Ernest Michoux descobriu o rosto, que estava pálido, mas infinitamente mais calmo do que se supunha. Tirou um caderninho e um lápis do bolso, escreveu algumas palavras.

— Foi Jean Servières que lhe propôs um carregamento de cocaína?

— Não de saída. Ele me falou de um negócio. Marcou encontro comigo num café de Brest onde estava com dois outros.

— O dr. Michoux e o sr. Le Pommeret?

— Isso mesmo.

Michoux fazia novas anotações e seu rosto tinha uma expressão desdenhosa. A certa altura chegou até a esboçar um sorriso irônico.

— Qual dos três lhe fez a proposta?

O doutor esperou, lápis erguido.

— Nenhum dos três. Quer dizer, eles só me falaram do dinheirão a ganhar rapidamente. Um americano chegou uma hora depois. Nunca soube o nome dele. Só o vi duas vezes. Com certeza um homem que conhece o mar, porque me perguntou sobre as características do meu barco, quantos homens eu precisava a bordo e o tempo necessário para instalar um motor auxiliar. Achava que era contrabando de álcool. Todo mundo fazia, até oficiais de paquetes. Na semana seguinte, uns operários vieram instalar um motor semidiesel no *Bela Emma*.

Ele falava lentamente, olhar fixo, e era impressionante ver seus dedões se mexerem, mais eloquentes, em seus gestos lentos como espasmos, do que o seu rosto.

— Me entregaram uma carta náutica inglesa com todos os ventos do Atlântico e a rota dos veleiros, porque eu nunca havia feito a travessia. Só levei dois homens comigo, por prudência, e não falei do assunto com ninguém, só com Emma, que estava no cais na noite da partida. Os três homens também estavam lá, junto de um carro de faróis apagados. O carregamento tinha sido feito de tarde. E, nesse momento, fiquei com medo. Não tanto por causa do contrabando. Nunca fui à escola. Enquanto dá para me servir do compasso e da sonda, tudo bem. Não fico atrás de ninguém. Mas lá, ao largo... um velho capitão tinha me ensinado a manejar o sextante para calcular a posição. Eu tinha comprado uma tabela de logaritmos e todo o necessário. Mas tinha certeza de que ia me atrapalhar com os cálculos. Só que, se desse certo, o barco estava pago e ainda me sobravam uns vinte mil francos no bolso. Ventava furiosamente naquela noite. Perdemos de vista o carro e os três homens. Depois Emma, cuja silhueta se recortava em preto à beira do molhe. Dois meses no mar...

Michoux continuava a tomar notas, mas evitava olhar para o homem que falava.

— Eu tinha instruções para o desembarque. Chegamos por fim, sabe Deus como, ao pequeno porto indicado. Ainda não tínhamos lançado as amarras à terra quando três lanchas da polícia, com metralhadoras e homens armados de fuzis nos cercaram, pularam no convés, nos renderam gritando alguma coisa em inglês e nos deram coronhadas até pormos as mãos ao alto.

“Foi tão rápido que nem deu para entender. Não sei quem levou meu barco para o cais, nem como fomos metidos num caminhão. Uma hora depois, estávamos trancafiados cada um numa gaiola de ferro, na prisão de Sing-Sing.

“Estávamos doentes. Ninguém falava francês. Os presos nos gozavam e nos xingavam.

“Lá, esse tipo de coisas é rápido. No dia seguinte, fomos levados a um tribunal, e o advogado que, parece, nos defendia nem tinha falado com a gente!

“Foi só depois que ele me anunciou que eu estava condenado a dois anos de trabalhos forçados e a cem mil dólares de multa, que meu barco estava confiscado e tudo mais. Eu não entendia. Cem mil dólares! Eu jurava que não tinha dinheiro. Nesse caso, eram não sei quantos anos de prisão a mais.

“Fiquei em Sing-Sing. Meus marinheiros devem ter sido levados para outra prisão, porque nunca mais tornei a vê-los. Raspam minha cabeça. Levaram-me para quebrar pedra uma estrada. Um capelão quis me ensinar a Bíblia.

“O senhor não pode imaginar. Havia presos ricos que iam passear na cidade quase todas as noites. E os outros serviam de criados deles!

“Deixa pra lá. Foi só um ano depois que encontrei, um dia, o americano de Brest, que veio visitar um detido. Eu o reconheci. Chamei-o. Ele levou algum tempo para se lembrar, depois caiu na gargalhada e mandou me levarem ao locutório.

“Era muito cordial. Me tratava como um velho colega. Ele me disse que sempre foi agente da proibição. Trabalhava principalmente no estrangeiro, na Inglaterra, na França, na Alemanha, de onde enviava à polícia americana informações sobre os comboios que partiam.

“Mas ao mesmo tempo às vezes traficava por conta própria. Era o caso daquela partida de cocaína, que devia render milhões, porque havia dez toneladas a bordo, a não sei quantos francos o grama. Ele tinha feito contato com uns franceses que deviam fornecer o barco e uma parte do dinheiro. Eram os três homens. E, naturalmente, o lucro seria dividido entre os quatro.

“Mas espere, porque falta o melhor. No mesmo dia em que procedíamos ao carregamento, em Quimper, o americano recebe um aviso do seu país. A proibição tem um novo chefe. A vigilância foi reforçada. Os compradores dos Estados Unidos hesitam e, por isso, a mercadoria corre o risco de não encontrar comprador.

“Por outro lado, um novo decreto promete a quem colaborar para a apreensão da mercadoria proibida uma recompensa de um terço do valor dessa mercadoria.

“É na minha prisão que me contam isso! Fico sabendo que, enquanto largava as amarras, ansioso, e me perguntava se chegaríamos vivos do outro lado do Atlântico, os três homens discutiam com o americano, no próprio cais.

“Arriscar tudo ou nada? Foi o doutor, eu sei, que insistiu em favor da denúncia. Pelo menos desse jeito recuperavam com certeza um terço do capital, sem risco de complicações. E sem dizer que o americano se arranjava com um colega para pôr de lado uma parte da cocaína apreendida. Pilantragens incríveis, eu sei. O *Bela Emma* deslizava nas águas negras do porto. Olhei pela última vez para a minha noiva, certo de que ia me casar com ela alguns meses depois.

“E eles sabiam que nos viam partir, que seríamos pegos ao chegar! Contavam até que nós nos defenderíamos, que seríamos sem dúvida mortos na luta, como acontecia todos os dias naquela época em águas americanas.

“Eles sabiam que meu barco seria confiscado, que não estava inteiramente pago, que eu não tinha mais nada neste mundo.

“Eles sabiam que eu sonhava me casar. E nos viam partir!

“Era isso que me confessavam em Sing-Sing, onde eu tinha me tornado um bruto entre outros brutos. E me davam provas. Meu interlocutor ria, exclamava batendo nas coxas:

‘Uns canalhas e tanto, aqueles três!’”

Fez-se um silêncio absoluto. E, nesse silêncio, tiveram o estupor de ouvir o lápis de Michoux deslizar numa página branca que ele acabava de virar.

Maigret olhou — compreendendo — as iniciais SS tatuadas na mão do colosso: Sing-Sing!

— Acho que eu ia ficar mais uns dez anos. Naquele país, nunca se sabe. A menor falta contra o regulamento, e a pena aumenta, ao mesmo tempo que chovem as porretadas. Levei centenas. E surras dos meus colegas! E foi o americano que fez o necessário em meu favor. Acho que estava enojado com a covardia dos que ele chamava de meus amigos. Eu só tinha por companheiro um cachorro. Um animal que eu havia criado a bordo, que tinha me salvado de um afogamento e que, apesar de toda a disciplina deles, tinham deixado viver comigo na prisão. Porque eles não têm as mesmas ideias que a gente sobre esse tipo de coisas. Um inferno! E no entanto tocam música para você aos domingos, mesmo que depois o espanquem até sangrar. No fim, eu nem sabia mais se ainda era um homem. Chorei cem vezes, mil vezes.

“E quando, uma manhã, abriram o portão para mim, me dando uma coronhada nas costas para me mandar de volta à vida civilizada, eu desmaiei, bobamente, na calçada. Não sabia mais viver. Não tinha mais nada.

“Sim! Uma coisa!”

Seu lábio rachado sangrava. Esquecia de enxugar o sangue. A sra. Michoux escondia o rosto com seu lenço rendado, cujo cheiro embrulhava o estômago. E Maigret fumava tranquilamente, sem tirar os olhos do doutor, que continuava escrevendo.

— A vontade de fazer os que eram a causa de toda essa desgraça passarem pelo que eu passei. Matá-los, não! Morrer não é nada! Em Sing-Sing tentei um monte de vezes, sem conseguir. Me recusei a comer, e me alimentaram artificialmente. *Fazer eles saberem o que é a prisão!* Gostaria que fosse na América. Mas era impossível.

“Vaguei pelo Brooklyn, onde fiz de tudo um pouco, esperando poder pagar a passagem de volta num navio. Paguei até para o meu cachorro.

“Nunca recebi notícias de Emma. Não pus os pés em Quimper, onde poderiam me reconhecer, apesar da minha cara horrível.

“Aqui, fiquei sabendo que ela era garçonete e, na época, amante de Michoux. Dos outros também, quem sabe. Uma garçonete, não é?

“Não era fácil mandar meus três canalhas para a cadeia. E eu fazia questão! Era o único desejo que eu tinha. Vivi com meu cachorro a bordo de uma barca encalhada, depois no antigo posto de vigia, na ponta do Cabélou.

“Comecei me mostrando a Michoux. Só me mostrar! Mostrar minha aparência sinistra, minha silhueta de bruto! Entende? Queria meter medo nele. Queria provocar nele um pavor capaz de levá-lo a atirar em mim! Eu talvez tivesse morrido. E daí? Ele iria parar na prisão! Os pontapés! As coronhadas! Os colegas nojentos, mais fortes que você, que obrigam você a servi-los. Eu rondava a casa dele. Atravessava seu caminho. Três dias! Quatro dias! Ele me reconheceu. Saía menos. E no entanto aqui, a vida não havia mudado esse tempo todo. Eles tomavam aperitivos, todos os três. As pessoas os cumprimentavam. Eu roubava do que comer nas vendas. Queria que a coisa acabasse depressa.

Uma voz surda se ergueu:

— Com licença, comissário. Este interrogatório, sem a presença de um juiz, tem valor legal?

Era Michoux! Michoux branco como um lençol, traços tensos, narinas estreitadas, lábios descorados. Mas um Michoux que falava com uma nitidez quase ameaçadora!

Um olhar de Maigret ordenou a um policial que se pusesse entre o doutor e o vagabundo. Em tempo! Léon Le Guérec se levantava lentamente, atraído por aquela voz, punhos cerrados, pesados como marretas.

— Sentado! Sente-se, Léon!

E enquanto o brutamontes obedecia, com a respiração roufenha, o comissário dizia sacudindo a cinza do cachimbo:

— É minha vez de falar!

11. O medo

Sua voz baixa, sua fala rápida contrastaram com o discurso apaixonado do marinheiro, que olhava para ele com o canto dos olhos.

— Primeiro uma palavra sobre Emma, senhores. Ela fica sabendo que seu noivo foi preso. Não recebe mais notícia dele. Um dia, por uma causa fútil, perde o emprego e se torna garçonete do Hôtel de l’Amiral. É uma pobre moça, que não tem ninguém. Homens a cortejam tal como clientes ricos cortejam uma criada. Dois anos, três anos se passam. Ela não sabe que Michoux é o culpado. Uma noite, vai ter com ele em seu quarto. O tempo continua a passar, a vida prossegue. Michoux tem outras amantes. De vez em quando, lhe vem o capricho de dormir no hotel. Ou, quando sua mãe não está, leva Emma para casa. Amores apagados, sem amor. E a vida de Emma é apagada. Ela não é uma heroína. Guarda numa caixa enfeitada com conchas uma carta, uma foto, mas não passa de um velho sonho que empalidece a cada dia mais.

“Ela não sabe que Léon acaba de voltar.

“Não reconheceu o cachorro amarelo que gira em torno dela e que tinha quatro meses quando o barco zarpou.

“Uma noite, Michoux lhe dita uma carta, sem lhe dizer a quem é destinada. Trata-se de marcar um encontro com alguém numa casa desabitada, às onze da noite.

“Ela escreve. Uma garçonete, entendem? Léon Le Guérec não se enganou. Michoux tem medo. Sente sua vida em perigo. Quer suprimir o inimigo que

o ronda.

“Mas ele é um covarde! Sentiu a necessidade de me dizer isso com todas as letras. Ele se esconderá atrás de uma porta, num corredor, depois de fazer a carta chegar à sua vítima, amarrando-a no pescoço do cachorro.

“Léon vai desconfiar? Não vai querer rever, apesar de tudo, sua ex-namorada? No momento em que bater na porta, bastará disparar através da caixa de correio e fugir pela ruela. E o crime ficará ainda mais misterioso porque ninguém reconhecerá a vítima!

“Mas Léon desconfia. Quem sabe vagueia pela praça. Quem sabe se decide a ir apesar dos pesares ao encontro. O acaso faz que o senhor Mostaguen saia nesse instante do café, ligeiramente alto, pare na entrada da casa para acender um charuto. Seu equilíbrio é instável. Esbarra na porta. É o sinal. Uma bala o acerta em cheio na barriga.

“Este é o primeiro caso. Michoux falhou. Voltou para casa. Goyard e Le Pommeret, que estão a par e que têm o mesmo interesse no desaparecimento daquele que ameaça todos os três, estão aterrorizados.

“Emma entendeu que papel a fizeram representar. Será que viu Léon? Quem sabe sua cabeça funcionou e ela identificou por fim o cachorro amarelo.

“No dia seguinte, estou no local do crime. Vejo os três homens. Sinto o terror deles. *Esperam um drama!* E quero saber de onde acreditam que deva vir o golpe. Trato de garantir que não me engano.

“Fui eu que envenenei a garrafa de aperitivo, desastradamente. Estava pronto para intervir, se alguém fosse beber. Mas não! Michoux está atento! Michoux desconfia de tudo, das pessoas que passam, do que come, do que bebe. Não ousa nem mesmo sair do hotel.”

Emma estava petrificada, numa imobilidade tal que não se poderia encontrar uma imagem mais impressionante do estupor. E Michoux havia erguido a cabeça um instante, para fixar Maigret nos olhos. Agora, escrevia febrilmente.

— Este é o segundo drama, senhor prefeito. E nosso trio continua vivo, continua a ter medo. Goyard é o mais impressionável dos três, sem dúvida também o menos mau caráter. Aquela história de envenenamento o deixou fora de si. Sente que vai chegar a sua vez mais dia menos dia. Adivinha que estou na pista certa. E decide fugir. Fugir sem deixar vestígios. Fugir sem que possam acusá-lo de ter fugido. Simulará uma agressão, deixará crer que morreu e que seu corpo foi lançado nas águas do porto.

“Antes, a curiosidade o leva a fuçar a casa de Michoux, talvez à procura de Léon e para lhe propor a paz. Encontra vestígios da passagem do brutamontes. Esses vestígios ele compreende que não vou demorar a descobrir, por minha vez.

“Porque ele é jornalista! Ele sabe, além disso, como as multidões são impressionáveis. Sabe que enquanto Léon viver, não estará em segurança em lugar nenhum. E tem uma ideia verdadeiramente genial: o artigo, escrito com a mão esquerda e enviado ao *Le Phare de Brest*.

“Fala do cachorro amarelo, do vagabundo. Cada frase é calculada para semear o terror em Concarneau. E, desse modo, é possível que, se as pessoas perceberem o homem de pé grande, este receba uma descarga de chumbo no peito.

“Quase aconteceu! Começaram atirando no cachorro. Teriam atirado no homem também. Uma população amedrontada é capaz de tudo.

“De fato, domingo o terror reina na cidade. Michoux não sai do hotel. Está doente de medo. Mas continua decidido a se defender até o fim, *por todos os meios*.

“Deixo-o a sós com Le Pommeret. Não sei o que aconteceu então entre eles. Goyard fugiu. Le Pommeret, que pertence a uma família honrada do lugar, deve ter sentido a tentação de chamar a polícia e revelar tudo, para não continuar a viver aquele pesadelo. Que risco ele corre? Uma multa? Um tempinho na prisão? No máximo. O principal delito foi cometido na América...

“E Michoux, que o sente fraquejar, que tem a tentativa de assassinato de Mostaguen na consciência, que quer sair disso custe o que custar por seus próprios meios, não hesita em envenená-lo.

“Emma estava aqui. Não vai ser dela que suspeitarão?”

“Eu queria lhes falar mais demoradamente do medo, porque é ele que está na base de todo esse drama. Michoux tem medo. Michoux quer vencer muito mais seu medo do que seu inimigo.

“Conhece Léon Le Guérec. Sabe que ele não se deixará prender sem resistência. E conta com uma bala, atirada pelos gendarmes ou por algum morador assustado, para dar cabo dele.

“Não sei daqui. Trago o cachorro ferido, moribundo. Quero saber se o vagabundo virá buscá-lo, e vem mesmo.

“Ninguém mais viu o animal desde então, e isso me prova que está morto.”

Foi um simples ruído na garganta de Léon.

— Está...

— Você o enterrou?

— No Cabélou. Tem uma cruzinha feita com dois galhos de pinheiro.

— A polícia encontra Léon Le Guérec. Ele foge, porque sua única ideia é forçar Michoux a atacá-lo. Ele nos disse: *Quer vê-lo na prisão!* Meu dever é impedir um novo drama, e foi por isso que prendi Michoux, afirmando a ele que era para pô-lo em segurança. Não é mentira. Mas, com isso, também impeço Michoux de cometer outros crimes. Ele não aguenta mais. É capaz de tudo. Sente-se acossado por todos os lados.

“Apesar disso, ainda é capaz de fazer teatro, de me falar da sua constituição frágil, de pôr seu medo na conta do misticismo e de uma velha predição inventada de cabo a rabo.

“O que ele precisa é que a população se decida a abater seu inimigo.

“Sabe que pode ser logicamente suspeito de tudo o que aconteceu até agora. Sozinho nesta cela, ele quebra a cabeça.

“Não há uma maneira de desviar definitivamente as suspeitas? Se um novo crime for cometido, quando ele está detrás das grades, quando tem o mais formidável de todos os álibis?

“Sua mãe vem visitá-lo. Ela sabe de tudo. É preciso que não recaia nenhuma suspeita sobre ela, nem que seja pega, se perseguida. Ela tem de escapar!

“Janta em casa do prefeito. É levada para casa, onde o abajur não se apagará a noite inteira. Volta para a cidade a pé. Todo mundo dorme? Menos no Café de l’Amiral. Basta esperar alguém sair, tocaíá-lo numa esquina...

“E, para impedi-lo de correr, mirará na perna.

“Esse crime, totalmente inútil, é a pior das acusações contra Michoux, se já não tivéssemos outras. De manhã, quando chego aqui, está febril. Não sabe que Goyard foi preso em Paris. Ignora tudo, principalmente que no instante em que o tiro foi disparado no guarda alfandegário, o vagabundo estava diante dos meus olhos.

“Porque Léon, perseguido pela polícia e pela gendarmaria, ficou no quarteirão. Quer acabar logo com essa história. Não quer se afastar de Michoux.

“Dorme num quarto do imóvel vazio. Da sua janela, Emma o avista. E vai ao seu encontro. Diz a ele que não é culpada. Joga-se no chão, agarra-se a seus joelhos.

“É a primeira vez que ela o revê, que ouve novamente o som da sua voz. Ela foi de outro, de outros...

“Mas o que ele não viveu? Seu coração se derrete. Ele a agarra com uma mão brutal, como para moê-la, mas são seus lábios que ele comprime contra os dela.

“Não é mais o homem sozinho, o homem de um objetivo, de uma ideia só. Em suas lágrimas, ela lhe falou de uma felicidade possível, de uma vida a recomeçar.

“E os dois partem, sem um tostão, na noite. Vão para qualquer lugar. Deixam Michoux entregue aos seus terrores.

“Vão procurar ser felizes em algum lugar.”

Maigret encheu seu cachimbo, lentamente, fitando uma a uma todas as pessoas presentes.

— Queira me desculpar, senhor prefeito, por não o ter mantido a par da minha investigação. Mas quando cheguei tive a certeza de que o drama apenas começava. Para conhecer sua meada, eu precisava deixar que ele se desenvolvesse, evitando na medida do possível seus estragos. Le Pommeret morreu, assassinado por seu cúmplice. Mas, tal como o vi, estou persuadido de que ele próprio se mataria no dia da sua prisão. Um guarda alfandegário levou um tiro na perna. Daqui a oito dias não haverá mais sinal. Em compensação, posso assinar agora um mandado de prisão contra o dr. Ernest Michoux por tentativa de assassinato, ferimentos à pessoa do sr. Mostaguen e por envenenamento voluntário do seu amigo Le Pommeret. E aqui outro mandado contra a sra. Michoux, por agressão noturna. Quanto a Jean Goyard, dito Servières, creio que só pode ser processado por ultraje à magistratura, devido à comédia que representou.

Foi o único incidente cômico. Um suspiro! Um suspiro feliz, aéreo, soltado pelo jornalista gorducho. E ele teve a caradura de balbuciar:

— Suponho, nesse caso, que posso ser deixado em liberdade sob caução. Estou pronto para pagar cinquenta mil francos.

— O tribunal avaliará, sr. Goyard.

A sra. Michoux havia desabado em sua cadeira, mas seu filho tinha mais forças do que ela.

— Não tem nada a acrescentar? — Maigret lhe perguntou.

— Responderei na presença do meu advogado. Enquanto isso, faço todas as reservas sobre a legalidade desta confrontação.

E espichava seu pescoço de galeto magro, onde sobressaía um gogó amarelado. Seu nariz parecia mais oblíquo que de costume. Não havia

largado o caderninho onde tomara notas.

— E estes dois? — murmurou o prefeito se levantando.

— Não tenho nenhuma acusação contra eles. Léon Le Guérec confessou que sua meta era fazer Michoux atirar nele. Para tanto só fez se mostrar. Não existe lei que...

— A não ser que... por vagabundagem! — interveio o tenente da gendarmaria.

Mas o comissário deu de ombros de tal modo que o tenente enrubesceu com sua sugestão.

Embora a hora do almoço houvesse passado fazia tempo, havia uma multidão do lado de fora, e o prefeito aceitara emprestar seu carro, cujas cortinas fechavam quase hermeticamente.

Emma foi a primeira a entrar no automóvel, depois Léon Le Guérec, enfim Maigret, que se acomodou no banco de trás com a jovem, enquanto o marinheiro se instalava desajeitadamente num assento dobrável virado para eles.

Atravessaram a multidão a toda. Alguns minutos mais tarde, rodavam rumo a Quimperlé, e Léon, incomodado, o olhar vago, indagava:

— Por que o senhor disse aquilo?

— O quê?

— Que foi o senhor que envenenou a garrafa?

Emma estava lívida. Não ousava se encostar no banco e era sem dúvida a primeira vez na vida que andava numa limusine.

— Uma ideia... — grunhiu Maigret, cerrando com os dentes a boquilha do cachimbo.

E a moça, então, exclamou aflita:

— Juro, senhor comissário, que eu não sabia mais o que fazer! Michoux me obrigara a escrever a carta. Eu havia reconhecido o cachorro. Domingo

de manhã, vi Léon rondando. Então entendi. Tentei falar com Léon e ele se foi sem sequer olhar para mim, cuspiendo no chão. Quis vingá-lo. Quis... sei lá! Estava como que louca. Sabia que eles queriam matá-lo. Eu continuava amando ele. Passei o dia com a cabeça fervendo. Foi ao meio-dia, durante o almoço, que corri à casa de Michoux para pegar o veneno. Não sabia qual escolher. Ele já tinha mostrado uns frascos me dizendo que havia o bastante para matar toda Concarneau.

“Mas juro que não deixaria o senhor beber. Pelo menos, não creio...”

Ela soluçava. Léon, desajeitadamente, dava tapinhas em seu joelho para acalmá-la.

— Nunca poderei agradecer ao senhor, comissário — ela dizia entre soluços. — O que o senhor fez é... não encontro a palavra... é tão maravilhoso!

Maigret olhava para um e para o outro, ele com o lábio rachado, cabelos rentes e sua cara de bruto que tenta se humanizar, ela com sua pobre cabeça empalidecida naquele aquário que é o Café de l’Amiral.

— O que vocês vão fazer?

— Ainda não sabemos. Ir embora daqui. Para Le Havre, talvez. Afinal, dei um jeito de ganhar a vida nos cais de Nova York.

— Devolveram seus doze francos?

Léon corou, não respondeu.

— Quanto custa o trem daqui a Le Havre?

— Não! Não faça isso, comissário. Porque então... não saberíamos como... O senhor entende?

Maigret bateu com o dedo no vidro divisório do carro, porque passavam em frente a uma pequena estação. Tirou do bolso duas notas de cem francos.

— Tome. Eu ponho no meu relatório de despesas.

E quase os empurrou para fora, fechou a porta enquanto eles ainda procuravam como agradecer.

— Para Concarneau! A toda!

Sozinho no carro, ergueu os ombros pelo menos três vezes, como um homem que tem uma vontade danada de zombar de si mesmo.

O processo durou um ano. Durante esse tempo, o dr. Michoux se apresentou até cinco vezes por semana ao juiz, com uma pasta de marroquim repleta de documentos.

E a cada interrogatório, novos motivos de contestação.

Cada peça dos autos deu lugar a controvérsias, a investigações e contrainvestigações.

Michoux estava cada vez mais magro, mais amarelo, mais debilitado, mas não desistia.

— Permita a um homem que não tem mais que três meses de vida...

Era sua frase favorita. Defendeu-se palmo a palmo, com manobras astutas, réplicas inesperadas. E havia descoberto um advogado mais bilioso do que ele e que com ele se revezava.

Condenado a vinte anos de trabalhos forçados pelo tribunal do júri da região do Finistère, esperou durante seis meses que seu caso fosse para a Corte de Cassação.

Mas uma fotografia, de apenas um mês atrás, que saiu em todos os jornais, o mostra, sempre magro e amarelo, nariz oblíquo, saco nas costas, gorro na cabeça, embarcando na ilha de Ré no *Martinière*, que levou cento e oitenta forçados para Caiena.

Em Paris, a sra. Michoux, que pagou uma pena de três meses e prisão, conchava nos meios políticos. Pretende conseguir a revisão do processo.

Já tem dois jornais a seu favor.

Léon Le Guérec pesca arenque no mar do Norte, a bordo do *Francette*, e sua mulher espera um bebê.

Copyright © 1931 by Georges Simenon Limited

GEORGES SIMENON ® Simenon.tm

MAIGRET ® Georges Simenon Limited

Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Le Chien jaune

Projeto gráfico

Bruno Romão e Alceu Chiesorin Nunes

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Preparação

Flavia Lago

Revisão

Jane Pessoa

Luciana Baraldi

ISBN 978-85-438-0054-7

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br